



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**MARCADORES DISCURSIVOS NA NORMA ORAL
POPULAR DE FORTALEZA**

Júlio César Dinoá do Nascimento

FORTALEZA
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**MARCADORES DISCURSIVOS NA NORMA ORAL
POPULAR DE FORTALEZA**

Júlio César Dinoá do Nascimento

FORTALEZA
2010

MARCADORES DISCURSIVOS NA NORMA ORAL POPULAR DE FORTALEZA

Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Linguística da
Universidade Federal do Ceará,
como requisito para a obtenção do
título de Doutor.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia Teixeira Nogueira

"Lecturis salutem"

Ficha Catalográfica elaborada por
Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593
tregina@ufc.br
Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

N195m

Nascimento, Júlio César Dinoá do.

Marcadores discursivos na norma oral popular de Fortaleza / por
Júlio César Dinoá do Nascimento. – 2010.

184f. : il. ; 31 cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Tese(Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro
de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística,
Fortaleza(CE),06/05/2010.

Orientação: Profª. Drª. Márcia Teixeira Nogueira.

Inclui bibliografia.

1-MARCADORES DISCURSIVOS. 2-ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO.
3- FUNCIONALISMO(LINGUÍSTICA).4-LÍNGUA PORTUGUESA – PORTUGUÊS
FALADO – FORTALEZA(CE).5-LÍNGUA PORTUGUESA – ANÁLISE DO
DISCURSO – FORTALEZA(CE).I- Nogueira, Márcia Teixeira, orientador.
II-Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Linguística.
III-Título.

CDD(22ª ed.) 469.0141

Júlio César Dinoá do Nascimento

MARCADORES DISCURSIVOS NA NORMA ORAL POPULAR DE FORTALEZA

Tese submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em 06/ 05/ 2010, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Linguística. Área de concentração em Descrição Linguística.

Aprovada em 06/ 05 / 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Márcia Teixeira Nogueira (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Márluce Cóan (Examinadora)

Prof.^a Dr.^a Maria Auxiliadora Ferreira Lima (Examinadora)

Prof.^a Dr.^a Maria Alice Tavares (Examinadora)

Prof.^a Dr.^a Sandra Maia Farias Vasconcelos (Examinadora)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a DEUS por ser uma verdade em minha vida, a Nossa Senhora mãe de Jesus, intercessora maravilhosa que acompanha todos os meus passos desde a infância até os dias de hoje;

À prof.^a Dr.^a Márcia Teixeira Nogueira, pela sua orientação e dedicação ao ofício;

À prof.^a Dr.^a Célia Maria Coêlho Brito por me incentivar a pesquisa desde a graduação;

Ao meu pai, que de algum lugar, onde haja muita paz, deve estar muito feliz, a minha mãe, exemplo de todas as virtudes e bons valores que aprendi na vida, a meu irmão Avelino, Oswaldo (segundo pai), Íris, Iria e Jamaci (Jama), fonte maior de estímulo e a Neila, nossa amiga de tantos anos;

Aos meus amigos Alcides, Juliana, Eliana, Klébia, Isabel Larissa, Célia, Virgulino, Ednalvo, Ednúsia, Expedito e em especial meus irmãos de afinidade: Edienne Penna e José Mafrense, que tanto me incentivam e me orientam. E a todos os outros que de uma forma ou de outra me apoiaram;

A minha família de Fortaleza, Francisco, Célia Gonçalves e Ana Luzia pelo acolhimento, compreensão, carinho, paciência, generosidade e conselhos fundamentais em um momento tão importante.

RESUMO

A nossa pesquisa teve por objetivo geral analisar a utilização dos marcadores discursivos mais recorrentes na norma oral popular da cidade de Fortaleza, considerando os aspectos linguísticos (formais e funcionais), sociais (relativos ao sexo e ao tempo de escolaridade) e o aspecto interacional (relativo ao tipo de inquérito *DID-diálogo documentador – informante- documentador*). As bases teóricas que subsidiaram a análise dos dados apoiaram-se na Gramática Funcional (Dik, 1997), na Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Makenzie, 2008), e nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise da Conversação (Said Ali, 1930; Gülich, 1970; Pawley, 1973; Brow e Levison, 1978, Shiffrin, 1987; Fraser, 1987; Preti, 1987, Marcuschi, 1989; Risso; Silva; Urbano, 2006). A fim de investigarmos sobre as propriedades definidoras dos marcadores discursivos, fizemos um levantamento de 75 formas encontradas, no tipo de inquérito *DID* do *corpus* NORPOFOR (*Norma popular de Fortaleza*). Identificamos os marcadores discursivos mais frequentes na norma oral popular de Fortaleza, as principais funções, o condicionamento das características associadas ao tipo de inquérito, as variáveis sociais estabelecidas na pesquisa e, finalmente propomos um quadro com as propriedades identificadoras, porém não absolutas, dos marcadores discursivos encontrados.

Palavras-Chave: *Marcador Discursivo. Gramática Funcional. Análise da Conversação. Norpofor.*

ABSTRACT

Our study aimed at analyzing the use of the most frequent discourse markers in the popular oral discourse of the city of Fortaleza, considering the linguistic aspects (formal and functional), social (pertaining to sex and length of schooling) and aspect interaction (on the type of investigation *DID*). The theoretical bases that supported the data analysis relied on Functional Grammar (Dik, 1997), on Functional Discourse Grammar (Hengeveld; Makenzie, 2008) and on the theoretical and methodological analysis Conversation (Said Ali, 1930; Gülich, 1970; Pawley, 1973; Brown; Levison, 1978; Shiffrin, 1987; Fraser, 1987; Preti, 1987; Marcuschi, 1989; Risso; Silva; Urbano, 2006). In order to investigate the defining properties of discourse markers, we conducted a survey of 75 forms found in the type of survey *DID corpus* NORPOFOR (Norma Popular Fortaleza). We identify the most frequent discourse markers in oral discourse popular in Fortaleza, the principal functions, the conditioning of the characteristics associated with type of investigation, the social variables established in the research and finally we propose a framework with the identifier properties, but not absolute marker discursive matches.

Keywords: *Discourse marker. Functional grammar. Conversation Analysis. Norpofor.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I

1. O PARADIGMA FUNCIONALISTA	9
1.1. Introdução	9
1.2. Pressupostos teóricos funcionalistas.....	9
1.3. A Gramática funcional (Dik, Hengeveld & Makenzie).....	11
SÍNTESE CONCLUSIVA	20

CAPÍTULO II

2. ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO: Alguns pressupostos teóricos para a pesquisa.....	21
2.1. Introdução.....	21
2.2. Fundamentos Epistemológicos da Análise da Conversação.....	21
2.3. A Conversação: uma atividade cooperativa	27
SÍNTESE CONCLUSIVA	34

CAPÍTULO III

3. MARCADORES DISCURSIVOS E SEU TRATAMENTO NA GRAMÁTICA FUNCIONAL	35
3.1. Introdução.....	35
3.2. Constituintes pragmáticos extraoracionais	35
3.3. Funções dos constituintes pragmáticos extraoracionais	37
3.3.1. Manejo de interação	38
3.3.2. Especificação de atitude	40
3.3.3. Organização do discurso.....	40
3.3.4. Execução do discurso	43
3.4. Marcadores discursivos e sua caracterização textual-interativa.....	45
3.5. Constituintes pragmáticos extraoracionais e marcadores discursivos.....	55
SÍNTESE CONCLUSIVA	57

CAPÍTULO IV

4. A EMERGÊNCIA DOS MARCADORES DISCURSIVOS: gramaticalização e discursivização	58
4.1. Introdução	58
4.2. A emergência dos marcadores	58
4.3. Estágios ou fases relativos à mudança	62
4.4. Princípios de gramaticalização segundo Hopper (1991)	63
4.5. Os mecanismos da gramaticalização	65
4.5.1. A metáfora e a extensão semântica	66
4.5.2. A metonímia	67
4.6. As características dos elementos de mudança	68
4.7. A motivação	69
4.8. A discursivização	70
4.9. A discursivização no português do Brasil	72
SÍNTESE CONCLUSIVA	74

CAPÍTULO V

5. METODOLOGIA	75
5.1. Introdução	75
5.2. Caracterização, constituição e delimitação do <i>corpus</i>	75
5.3. Procedimentos de análise e variáveis	77
5.3.1 delimitação do <i>corpus</i> para análise	77
5.3.2. Procedimentos de análise	78
5. 4. Categorias de Análise: descrição, identificação e caracterização das variáveis.	79
5.4.1. Variáveis lingüísticas	79
5.4.2. Variáveis sociointeracionais	83

CAPÍTULO VI

6. ANÁLIS DOS RESULTADOS	85
6.1 Introdução	85
6.2 Análises dados	98
6.2.1 Levantamento e análises das freqüências dos marcadores	98

6.2.2 Funções dos marcadores discursivos.....	101
6.2.3 Aspectos interacionais relativos ao tipo de inquérito <i>DID</i>	106
6.2.4 Variáveis Sociais: sexo.....	107
6.2.5 Variáveis Sociais: escolaridade	109
6.3. Classificação dos índices numéricos dispostos sucessivamente, de acordo com a ordem das variáveis descritas dos 75 marcadores discursivos no encontrado no <i>corpus-NORPOFOR</i>	112
6.3.1 Formas simples.....	112
6.3.1.1 Aí.....	112
6.3.1.2 Ora	113
6.3.1.3 Né	114
6.3.1.4 Assim.....	115
6.3.1.5 Tudo	116
6.3.1.6 Mas	117
6.3.1.7 Minha Filha	118
6.3.1.8 Então	118
6.3.1.9 Taí	119
6.3.1.10 E.....	120
6.3.1.11 Ave Maria.....	121
6.3.1.12 Agora	122
6.3.1.13 Você Veja.....	123
6.3.1.14 Não	123
6.3.1.15 Pois é	124
6.3.1.16 Pronto	125
6.3.1.17 Olha	126
6.3.1.18 Sabia	127
6.3.1.19 Tá entendendo	127
6.3.1.20 Tu é doido.....	128
6.3.1.21 Valha.....	129
6.3.1.22 Acho	130
6.3.1.23 Tudinho.....	131
6.3.1.24 Eita Diabo	132
6.3.1.25 Não e não	132
6.3.1.26 Nam	133

6.3.1.27 Valha me Deus	134
6.3.1.28 Ok	135
6.3.1.29 Rapaz	136
6.3.1.30 Viu	137
6.3.1.31 Sim.....	138
6.3.1.32 Ixe	138
6.3.1.33 Sei	139
6.3.1.34 Sabe	140
6.3.1.35 Mulher	141
6.3.1.36 Tudim	141
6.3.1.37 Certo	142
6.3.1.38 Bem	143
6.3.1.39 Ai é	144
6.3.1.40 Vixe Maria	145
6.3.1.41 Cara	146
6.3.1.42 Vixe	146
6.3.1.43 Sei lá.....	147
6.3.1.44 Sabe como é.....	148
6.3.1.45 Tipo	149
6.3.1.46 Égua	150
6.3.1.47 Não é	150
6.3.1.48 Nera	151
6.3.1.49 Num é	152
6.3.1.50 Eita.....	153
6.3.1.51 Bom	154
6.3.1.52 Olhe	154
6.3.1.53 Vei	155
6.3.1.54 Bichinho	156
6.3.1.55 Daí	157
6.3.1.56 Aí era	157
6.3.1.57 Todim	158
6.3.1.58 Depois.....	159
6.3.1.59 Macho	160
6.3.1.60 Pense.....	160

6.3.1.61 Menino.....	161
6.3.1.62 Claro	162
6.3.1.63 Diabo é isso	163
6.3.1.64 Como é	164
6.3.1.65 Acredita	164
6.3.2 Formas	165
6.3.2.1 Formas combinadas	165
6.3.2.2 Mas tai aí	166
6.3.2.3 Ai pronto.....	167
6.3.2.4 Mas aí	168
6.3.2.5 Mas assim	168
6.3.2.6 Mas quando assim	169
6.3.2.7 Aí depois	170
6.3.2.8 Aí rapaz	171
6.3.2.9 Não rapaz.....	172
6.3.2.10 Não sabe	172
7. Considerações a respeito dos marcadores discursivas mais frequentes	173
CONCLUSÃO.....	178
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	181

INTRODUÇÃO

Assumimos, na presente pesquisa, o enfoque funcionalista, pois, dentro deste paradigma, o objetivo da descrição e análise linguística é o modo de como as pessoas utilizam a língua para interagir socialmente. Em outras palavras, a questão básica e fundamental na abordagem funcionalista é a verificação do modo como os usuários da língua se comunicam eficientemente. Tal abordagem difere da abordagem formalista, que examina a linguagem como objeto autônomo, investigando a estrutura linguística independentemente do uso.

O modelo funcionalista, utilizado nesta pesquisa, define linguagem como um instrumento de interação social que existe em virtude de seu uso, dos propósitos comunicativos entre os seres humanos. E exatamente por trabalharmos a língua em uso, dialogamos com a Análise da Conversação, por conta da concepção de linguagem adotada.

Optamos por trabalhar, mais especificamente, com a Gramática Funcional de Dik (1989/1997), e para Neves (1997), citando Dik (1989), na interação verbal, o falante deve formar alguma espécie de intenção comunicativa ou uma espécie de plano mental em que delinea as modificações na informação pragmática¹ do ouvinte. Assim, o falante deverá formular sua intenção de uma forma que leve o ouvinte a desejar a modificação pragmática da mesma maneira como o falante a pretende.

Assim sendo, espera-se que o falante antecipe a interpretação que o ouvinte vai atribuir a sua expressão linguística. Consequentemente, o falante deverá, também, ser capaz de avaliar a informação pragmática do ouvinte. O ouvinte, por outro lado, interpreta a expressão linguística do falante segundo a avaliação que ele faz a respeito da informação pragmática deste falante.

Acreditando na importância desta pesquisa, procuramos analisar, no discurso oral popular da cidade de Fortaleza, a utilização dos marcadores discursivos mais recorrentes, responsáveis pela organização do discurso e subclassificados, aqui, pela função que exercem na articulação de segmentos do discurso e orientação da interação, considerando os aspectos linguísticos (formais e funcionais), interacionais (relativos ao tipo de inquérito, *DID*² e sociais (sexo e tempo de escolaridade). São exemplos de marcadores discursivos no português falado no Brasil as seguintes expressões em destaque nos exemplos abaixo:

¹ É o conhecimento inerente, ou de mundo, que permite a interpretação da expressão linguística

² Tipo de inquérito do *corpus* NORPOFOR correspondente ao diálogo entre o documentador e o informante

Ex (01): “... *ela vivia trabalhando em pintura né... num tinha condição...*”
(Inq.21);

Ex (02): “... *ai eu digo que ele gosta de enganar...*” (Inq. 10);

Ex (03) “... *então tudo que a gente tem ...foi comprado com dificuldade...*”
(Inq.104);

Ex (04) “... *nan... mais a senhora é pão dura ...né?...*” (Inq. 65);

Ex (05) “... *mulher... me faz esquecer disto...*” (Inq. 138).

É importante ressaltar que *o padrão de recorrência, a articulação de segmentos do discurso, a orientação da interação, a apresentação formal, a relação sintática com a estrutura oracional, a autonomia comunicativa, a posição e a transparência semântica* foram parâmetros usados pelas autoras Risso, Silva e Urbano (2006), os quais nos serviram como inspiração para que também definíssemos as propriedades identificadores dos marcadores discursivos encontrados na norma oral popular de Fortaleza.

Além do objetivo acima especificado, outros, mais específicos, norteiam nosso trabalho, tais como:

- a) reavaliar, a partir da literatura sobre os processos de mudança linguística (gramaticalização /discursivização) e por meio da verificação de frequência, que propriedades apontadas se confirmam como critérios mais definidores do estatuto dos marcadores discursivos;
- b) identificar que marcadores discursivos são mais frequentes no discurso oral popular da cidade de Fortaleza e que funções cumprem;

- c) propor um quadro dos marcadores discursivos utilizados no discurso oral popular da cidade de Fortaleza que integre propriedades formais e funcionais;
- d) discutir o condicionamento das características associadas ao tipo de inquérito **DID** na utilização dos marcadores discursivos no discurso oral popular da cidade de Fortaleza;
- e) investigar como as variáveis sociais, sexo e tempo de escolaridade, caracterizam a utilização dos marcadores discursivos no discurso oral popular da cidade de Fortaleza.

Para atingirmos nossos objetivos, formulamos a hipótese de que aspectos linguísticos (formais e funcionais), interacionais (relativas ao tipo de inquérito) e sociais (sexo e tempo de escolaridade) condicionam a utilização dos marcadores discursivos no discurso oral popular da cidade de Fortaleza.

Este trabalho conta com capítulos de ordem teórica, voltados para a discussão sobre o suporte teórico Funcionalista, a Gramática Funcional e a Gramática Discursivo-Funcional (DIK, 1997; HENGEVELD & MAKENZIE, 2008), e os pressupostos teórico-metodológicos da Análise da Conversação, e de capítulos destinados à descrição e à análise do uso dos marcadores discursivos.

No Capítulo I, intitulado ***O Paradigma Funcionalista***, apresentamos o suporte teórico que norteia a nossa pesquisa, ressaltando de maneira mais específica, o modelo da gramática funcional holandesa.

No Capítulo II, cujo título é ***Análise da Conversação: alguns pressupostos teóricos para a pesquisa***, tratamos dos fundamentos epistemológicos da Análise da Conversação por entendermos que, mais do que *constituintes pragmáticos extraoracionais* (DIK, 1997), nosso objeto de análise corresponde aos elementos que têm sido tradicionalmente descritos, nessa área, como “marcadores discursivos interativos ou conversacionais”.

No capítulo III, ***Marcadores discursivos: tratamento na Gramática Funcional e na Análise da Conversação***, discorreremos sobre os constituintes pragmáticos de acordo com Dik (1997), sua classificação e suas funções. Acreditamos oportuno estabelecer um diálogo com autores da Análise da Conversação que dão um tratamento empírico a esses constituintes. Assim, ainda neste capítulo, tratamos de pesquisas que contribuíram, de maneira significativa,

como Brown e Levinson (1978), Marcuschi (1987), Schiffrin (1987), Risso, Silva e Urbano (2006), dentre outros, a fim de melhor fundamentarmos o nosso trabalho.

No capítulo IV, *Emergência dos Marcadores Discursivos*, discorremos sobre processos de Gramaticalização e Discursivização, sobretudo porque, dentre os objetivos específicos desta pesquisa, pretendemos reavaliar, a partir da literatura sobre esses processos e por meio da verificação da frequência, que propriedades apontadas se confirmam como critérios definidores do estatuto dos marcadores discursivos.

O capítulo V diz respeito à *Metodologia*. Neste, encontra-se a caracterização, constituição e delimitação do *corpus*, bem como os procedimentos de análise e as variáveis utilizadas para a análise dos marcadores nesta pesquisa.

No VI capítulo tratamos da *Análise dos dados*, quando verificamos a frequência, dos marcadores, analisamos suas propriedades, verificamos as hipóteses levantadas e fazemos algumas considerações mais específicas a respeito dos marcadores discursivos mais frequentes na norma popular de Fortaleza.

Desta forma, esperamos que os resultados apontados nesta pesquisa, possam contribuir para uma melhor compreensão a respeito das propriedades que se confirmam como critérios mais definidores do estatuto dos marcadores discursivos utilizados na norma oral popular de Fortaleza.

CAPÍTULO I

1. PARADIGMA FUNCIONALISTA

1.1. Introdução

Neste capítulo, *O Paradigma Funcionalista*, apresentamos as principais características das teorias funcionalistas da linguagem, justificando a nossa escolha teórica pelo Funcionalismo, exatamente por este paradigma conceber a língua como uma estrutura submetida às pressões provenientes das situações comunicativas, que exercem grande influência sobre sua estrutura linguística. Além disso, abordamos, de maneira mais específica, o modelo da gramática funcional holandesa.

1.2. Pressupostos Teóricos Funcionalistas

Antes de inserirmos nossa pesquisa no paradigma funcionalista, é muito importante que estabeleçamos algumas diferenças entre as abordagens formal e funcional, que, apesar de bastante distintas, são complementares (DILLINGER, 1991).

Segundo Halliday (1985), há uma polarização quando se trata de abordagens formalistas e funcionalistas, pois, enquanto na primeira é mais relevante a análise das formas linguísticas, para a segunda, interessa a função dessas formas.

De acordo com Dillinger (1991), o formalismo se refere ao estudo das formas linguísticas, enquanto o funcionalismo se refere ao estudo do significado e ao uso das formas linguísticas em atos comunicativos.

O paradigma funcional define a linguagem como um instrumento de interação social, que existe em virtude de seu uso para expor os propósitos comunicativos entre os seres humanos. Para os funcionalistas, essa é a principal função da linguagem: o fim primário de estabelecer relações de comunicação entre os usuários.

O fato é que, no paradigma formal, uma língua natural é vista como um sistema abstrato, autônomo em relação aos modos de uso, enquanto, no paradigma funcional, é vista

como reflexo de objetivos funcionais não arbitrários, mas, sim, sensíveis a determinantes pragmáticos de interação verbal humana (DIK,1989).

É importante ressaltar uma outra diferença primordial que há entre esses dois paradigmas teóricos, no que concerne à relação entre sintaxe, semântica e pragmática, ou seja, às três dimensões constitutivas da linguagem. No modelo formalista, só é possível investigar as estruturas sintáticas abstratas com base num sistema de regras formais, de natureza sintática. Nos modelos funcionalistas, ao contrário, tanto a sintaxe quanto a semântica devem ser estudadas no interior da pragmática, que, sem dúvida, promove a investigação da linguagem de modo mais abrangente.

Já no que diz respeito aos universais linguísticos, os formalistas explicitam que esses são caracterizados pelas propriedades inatas do organismo humano, enquanto os funcionalistas explicam os universais linguísticos em função de restrições comunicativas, biológicas, psicológicas e contextuais.

Observa-se que tanto o formalismo quanto o funcionalismo tratam do mesmo fenômeno: a língua. Contudo a forma como veem esse fenômeno é distinta, o que, obviamente, implica o uso de metodologias distintas. E é exatamente por essa razão que a afirmação de que um paradigma é melhor que o outro não faz sentido e, apesar de o objeto observacional de ambas ser o mesmo, o objeto teórico do funcionalismo é diferente do objeto teórico do formalismo. Desta maneira, acreditamos que estudos de aspectos diferentes dos mesmos fenômenos podem dar uma contribuição muito importante para o entendimento de questões linguísticas no sentido de esses estudos serem complementares.

Assumimos, na presente pesquisa, como já dito, o enfoque funcionalista, exatamente por esse paradigma conceber a língua como uma estrutura submetida às pressões provenientes das situações comunicativas, que exercem grande influência sobre a estrutura linguística. Assim, o funcionalismo analisa a estrutura gramatical tendo como referência a situação comunicativa inteira: o propósito do ato de fala, seus participantes e seu contexto discursivo (NICHOLS, 1987). Logo, é interessante nos determos um pouco mais nessa proposta teórica.

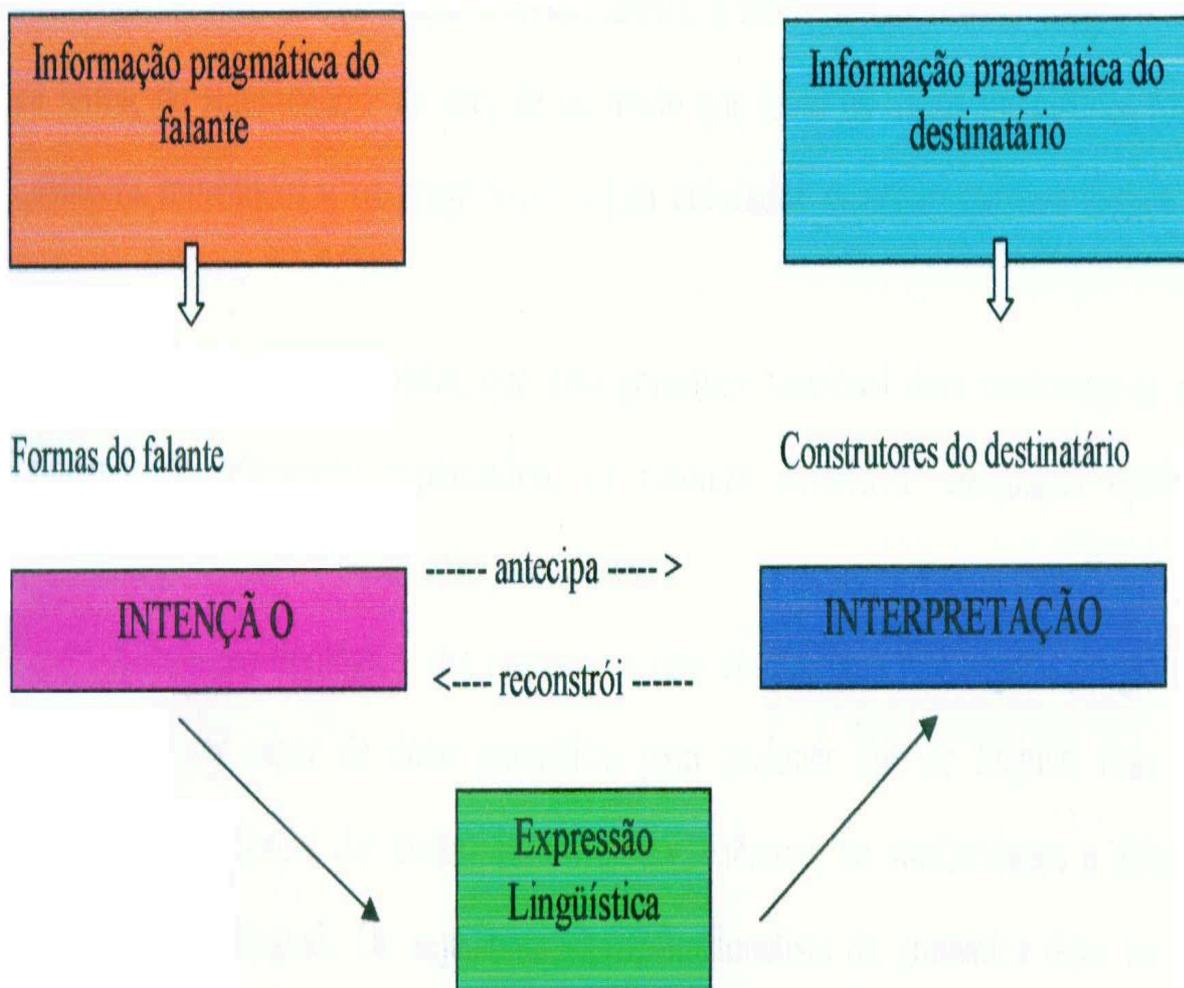
O Funcionalismo apresenta várias vertentes, todas, porém, com uma base comum: o pressuposto de que uma análise linguística deve levar em conta a interação social, isto é, a consideração metodológica de que o componente discursivo desempenha um papel preponderante na gramática de um língua.

1.3. A gramática funcional

No funcionalismo holandês, a língua é concebida, em primeiro lugar, como instrumento de interação social entre seres humanos, usada com o objetivo principal de estabelecer relações comunicativas entre os usuários (DIK, 1989).

Está em Dik (1989), o esquema, bem como a explicação de um modelo de interação verbal que equaciona a consideração funcionalista do papel da expressão linguística dentro da comunicação:

Figura 1: MODELO DE INTERAÇÃO VERBAL (DIK, 1989, 1997)



Dik (1989a, p.8-9 adaptado por Neves, 1997)

Neste modelo, segundo Neves (1997), em qualquer estágio de interação verbal o falante e o destinatário têm informação pragmática. Ao dizer algo, o falante é dotado da intenção comunicativa de modificar a informação pragmática do destinatário, de forma a antecipar a interpretação da expressão linguística deste. Em contrapartida, a interpretação do destinatário será apenas em parte baseada na informação contida na expressão linguística em si, sem deixar de considerar a importância da informação que o destinatário já possui, e pela qual ele interpreta a informação linguística.

É necessário entendermos que o usuário de uma língua também se utiliza de outras capacidades humanas além da linguística no uso comunicativo.

Outras quatro competências humanas envolvidas no uso comunicativo são classificadas por Dik (1989): *a capacidade epistêmica*, segundo a qual o usuário é capaz de construir, manter e explorar uma base de conhecimentos; *a capacidade lógica*, que possibilita ao usuário já com determinadas parcelas do conhecimento dado ser capaz de extrair outras parcelas de conhecimento, por meio de regras de raciocínio; *a capacidade perceptual*, que leva o usuário a ser capaz de perceber seu ambiente, derivar conhecimento de suas percepções e usar esse conhecimento tanto para produzir como para interpretar expressões linguísticas, e, por fim, *a capacidade social*, que faz o usuário, além de saber o que dizer a um parceiro comunicativo em uma dada situação particular, saber também como dizê-lo, para atingir seus objetivos comunicativos. Todas essas competências referidas em Dik (1989) interagem umas com as outras.

Segundo Dik (1989), há dois tipos de sistemas de regras que regem a linguagem: as regras que governam as expressões linguísticas (regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas) e as regras que governam os padrões de interação verbal nos quais essas expressões linguísticas são usadas (regras pragmáticas).

A teoria funcional de Dik (1989) distingue o sistema da língua e o uso da língua, evitando o estudo isolado de cada um deles, pois, para a teoria, a forma dos enunciados não é entendida independentemente de sua função. Dessa maneira, a teoria de Dik (1989) integra o estudo da forma, do significado e do uso, de tal modo que tanto os traços linguísticos formais quanto os semânticos e os pragmáticos sejam colocados numa perspectiva teórica mais geral.

O autor entende, também, que uma gramática funcional deve conformar-se a três princípios de adequação explanatória, de natureza descritiva: adequação tipológica, adequação pragmática e adequação psicológica.

A adequação tipológica diz respeito ao fato de que uma teoria geral de gramática deve ser capaz de dotar gramáticas para qualquer tipo de línguas; essa teoria também deverá dar conta, de um modo sistêmico, de similaridade e diferenças entre as línguas. Ou seja, uma teoria funcionalista da gramática deve ter como objetivo fornecer meios e princípios por meio dos quais seja possível desenvolver gramáticas funcionais de línguas particulares, de maneira que exista um sistema de regras que seja capaz de englobar as generalizações mais significativas dessas línguas.

A adequação pragmática refere-se à integração da gramática numa teoria mais ampla da interação verbal. Dessa maneira, uma das tarefas da gramática funcional é revelar as propriedades das expressões linguísticas que são relevantes para o modo como são usadas, de tal sorte que possam ser relacionadas às regras e aos princípios que regem a interação verbal. Assim sendo, as expressões linguísticas não são objetos isolados e, sim, instrumentos usados pelo falante para evocar no ouvinte a interpretação (NEVES, 1987, p. 481).

A adequação psicológica define uma aproximação entre diferentes modelos psicológicos da competência linguística e o comportamento linguístico. Ou seja, deve haver uma compatibilidade entre hipóteses psicológicas a respeito do processamento linguístico, em termos de princípios e estratégias próprias para determinar a forma como as expressões linguísticas são processadas, armazenadas, percebidas, etc e a descrição gramatical.

Sabemos também que as regras de uma gramática funcional são formuladas tanto em termos de propriedades intrínsecas, não relacionais dos constituintes, denominados de *categorias*; como de propriedades relacionais, referentes à construção em que os constituintes da sentença ocorrem, denominados, por sua vez, de *funcionais*. As relações funcionais dividem-se em três níveis diferentes de funções, reconhecidas como funções sintáticas, semânticas e pragmáticas.

Na GF, as funções sintáticas especificam a perspectiva da qual é apresentado o Estado-de-Coisas (tudo aquilo que está em algum mundo), doravante EC, na expressão linguística como sujeito e objeto; as funções semânticas especificam papéis referentes dos termos nos EC designados pela predicação: agente, meta, receptor etc; as funções pragmáticas especificam

o estatuto informacional dos constituintes dentro do contexto comunicacional mais amplo em que eles ocorrem, como tema, rema, tópico e foco.

Para Dik (1989), a construção oracional precisa, antes de tudo, de um predicado que se aplique a um dado número de termos, resultando em uma predicação. Os predicados são os blocos de construção mais básicos no nível morfossemântico da organização linguística. Eles designam propriedades e relações. Os termos são expressões que podem ser usadas para referir entidades em um dado mundo. Uma predicação designa um EC. Um EC pode ocorrer em algum mundo real ou imaginário, podendo ser localizado no espaço e no tempo, ter uma determinada duração, ser visto, ouvido, ou até mesmo ser percebido.

Alguns constituintes se unem no EC porque são exigidos pela semântica do predicado, enquanto outros apenas trazem uma informação suplementar. Os primeiros são denominados de *argumentos* e os demais, de *satélites*.

Uma predicação também pode ser construída numa estrutura de ordem mais alta denominada de *proposição*, que designa um “fato possível”, ou simplesmente um “conteúdo proposicional”. Essas proposições se caracterizam também por expressarem surpresas ou dúvidas, podendo também ser consideradas verdadeiras ou falsas. As proposições também podem ser especificadas por operadores e satélites. Finalmente, a proposição, já revestida de força ilocucionária, constitui a cláusula, que corresponde ao ato de fala.

Em suma, o predicado é o primeiro nível exigido para que se organize uma estrutura subjacente da cláusula. Em níveis, essa organização se configura da seguinte maneira:

Nível 1	Predicado e termos
Nível 2	Predicação
Nível 3	Proposição
Nível 4	Cláusula

Quadro 01: Níveis de Organização da Cláusula

Cumpra, agora, tratarmos das funções sintáticas, semânticas e pragmáticas na cláusula. Enquanto as funções sintáticas e semânticas ocorrem apenas dentro da cláusula, as funções pragmáticas podem se realizar dentro ou fora dela. Dik (1989) conceitua as funções pragmáticas que ocorrem no âmbito da cláusula como as que especificam o estatuto informacional dos constituintes em relação à situação comunicativa em que eles são usados. Os mais importantes parâmetros que distinguem essas funções são “topicalidade” – que caracteriza as coisas de que falamos – e focalidade – que caracteriza as partes mais importantes daquilo que dizemos sobre as entidades que são tópicos.

Sabemos que a linguagem é um instrumento usado para propósitos essencialmente comunicativos; por isso, somente é possível compreender adequadamente as expressões linguísticas se forem consideradas operando em circunstâncias efetivas de interação verbal. Desse modo, muitas de suas propriedades são co-determinadas pela informação contextual e situacional disponível aos interlocutores. Isso significa que a estrutura gramatical pode manifestar diferenças relevantes, correspondentes a diferentes atribuições de funções pragmáticas aos constituintes.

Dik (1989) entende, ainda, que o emissor organiza suas expressões linguísticas de acordo com a avaliação que faz da informação pragmática do destinatário no momento da comunicação. O objetivo do emissor é, em geral, levar o destinatário a efetuar alguma mudança em sua informação pragmática. A fim de atingir essa meta, inicia seu enunciado a partir, tipicamente, de alguma porção de informação que o destinatário presumivelmente já possua, continuando, a seguir, a acrescentar outras informações que ele pensa serem novas para o destinatário. É isso que pode conduzir, então, a modificação no que o destinatário já conhece. É importante salientar que esse modelo não entende o ouvinte como um “depositário” das informações dadas pelo falante. O emissor pressupõe algo a respeito da informação pragmática do destinatário e, a partir daí, acrescenta outras informações novas.

Assim sendo, a gramática nada mais faz do que espelhar, refletir as escolhas que o emissor efetua na tentativa de interagir com o destinatário. Os constituintes pragmáticos são o mecanismo linguístico que define a linguagem em sua característica mais identificadora, a de uma atividade cooperativa entre interlocutores. São as formas mais evidentes de manifestação do sujeito no discurso.

No que diz respeito aos constituintes extraoracionais, são aqueles que não fazem parte da oração propriamente dita, mas se associam a ela e podem ser descritos mais

adequadamente em termos de funcionalidade pragmática do que de sua regularidade estrutural.

Variadas são as suas funções tais como o monitoramento da interação, a avaliação sobre o conteúdo da própria cláusula e a organização do conteúdo da expressão relativamente ao contexto em que ela ocorre. No capítulo III, trataremos, com maior detalhamento, das funções ou constituintes pragmáticos extraoracionais.

Não podemos deixar de ressaltar também que o grupo funcionalista da Holanda caminha, no momento, para uma formalização do modelo que explicitamente se denomina *Discourse Functional Grammar ou Gramática Discursivo-Funcional (GDF)*.

Segundo Hengeveld (2005), o modelo distingue-se da Gramática Funcional de Dik por começar com a codificação da intenção do falante e, a partir daí, operar de cima para baixo, até a articulação, que é o componente de saída (*output*) da gramática.

Para Hengeveld e Mackenzie (2008), o que caracteriza bem o modelo é esse movimento *top-down* (descendente), isto é, a compreensão de que as decisões dos níveis e camadas de análise mais elevados determinam e restringem as possibilidades dos níveis de camadas de análise mais baixos. Nessa proposição, as interfaces entre os diferentes níveis podem ser descritas em termos das decisões comunicativas que o falante toma quando constrói um enunciado, distinguindo-se níveis de interação que obedecem à seguinte ordem hierárquica: o nível interpessoal, o nível representacional, o nível morfossintático e o nível fonológico. A presença desses níveis separados dentro do modelo é a diferença principal em relação à proposta de Dik.

Desde a introdução da estrutura de sentenças em camadas na GF, a questão que se coloca é se essa estrutura seria interpretada como uma representação do processo comunicativo em si mesmo, ou como uma representação das unidades linguísticas, postas para uso nesse processo. Essas duas interpretações têm-se tornado conhecidas como a visão de processo e padrão nas representações subjacentes.

A GDF é apresentada como um componente de uma teoria maior de interação verbal e interage com um componente textual e conceptual. Esses últimos componentes não são parte da gramática como tal, ainda que muitos fenômenos gramaticais possam ser estudados quando se assume que tais componentes existem. Na GDF, como na GF, os padrões de linguagem são descritos como reflexos do processo de comunicação. Isso, entretanto, não significa dizer que GDF seja um modelo deste processo.

A GDF pode ser chamada de um modelo funcional da linguagem: ela capta a estrutura de unidades linguísticas em termos do mundo que elas descrevem e as intenções comunicativas com as quais elas são produzidas, em termos de suas funções interpessoais e representacionais.

É importante salientar que um modelo padrão de linguagem não é necessariamente um modelo estático. Para um modelo de gramática, uma interpretação dinâmica acarreta uma implementação que espelha o processo de produção da língua em falantes individuais. Novamente, isto não significa que o modelo gramatical seja um modelo do falante. Mas o modelo é assumido como mais eficaz, quanto mais próximo, mais parecido for do processo de produção da linguagem. Para implementação da GDF, isto significa que os vários níveis operam simultaneamente, embora com um ligeiro atraso, aplicando-se dos níveis mais altos para os níveis mais baixos. Isto é, assim que uma certa decisão do nível interpessoal permite a seleção dos elementos no nível representacional, este nível torna-se ativo. E escolhas estruturais são feitas assim que a informação suficiente esteja disponível dos níveis representacional e interpessoal.

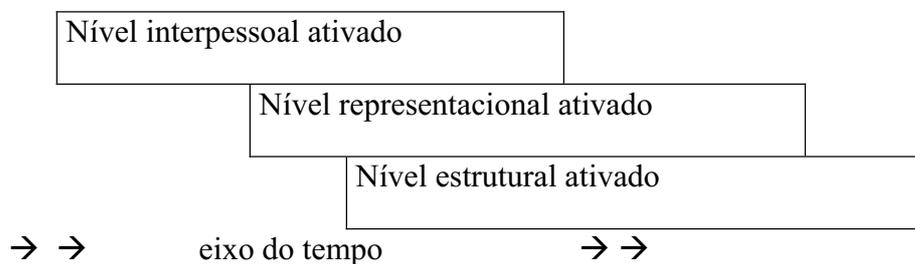


Figura 2: A interpretação dinâmica da GDF

A abordagem dinâmica enfrenta um importante problema que toca no princípio básico da GF. A ordem dos constituintes produzidos dinamicamente no nível estrutural é linear. Mas as representações semânticas subjacentes na GF são geralmente assumidas por serem não-ordenadas. Como resultado, em uma implementação dinâmica do modelo, qualquer uma das representações semânticas tem de ser especificada antes de a expressão começar ou as representações semânticas têm de ser ordenadas também.

Uma possibilidade envolve uma separação entre lexemas por um lado, e estruturas (frames) nas quais elas ocorrem. Uma vez que esses dois elementos estão dissociados um do outro, pode-se argumentar que essa expressão começa no momento que estruturas (frames)

tenham sido selecionadas, e o primeiro lexema é inserido no espaço/lugar (slot) apropriado. Expressões envolvem paralelos para a inserção de lexemas nos lugares que permanecem.

Uma descrição completa da expressão dinâmica não pararia no nível estrutural. Uma representação estrutural é parte da representação subjacente de atos discursivos, mas não é o mesmo como a acústica, ortografia, ou *output* (produção) marcado. Este *output* requer um componente separado dentro de um modelo global.

Na GDF, o componente cognitivo é definido, superficialmente, como aquele que define a competência comunicativa e linguística do falante e seu conhecimento do mundo.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), uma implementação dinâmica da GDF supõe uma ‘força condutora’ (*driving force*), que desencadeia a criação de expressões linguísticas. Essa força condutora é incorporada por um componente conceptual, dentro do qual as intenções comunicativas desenvolvem-se e combinam-se com conceptualizações adequadas. O componente conceptual não é parte do modelo gramatical, mas, no uso real da língua, serve como um desencadeador para a gramática operar.

Dentro do componente conceptual, há uma importante distinção entre intenções comunicativas por um lado, e conceptualizações por outro. Isso é refletido no nível gramatical na presença de um nível representacional e interpessoal. O componente contextual é interpretado como um domínio do discurso e, assim, contém uma descrição do conhecimento compartilhado pelos interlocutores.

Podemos notar que, na GDF, os conteúdos proposicionais (em oposição aos conteúdos comunicativos) estão situados no nível representacional, em vez de no nível interpessoal. Isso leva a uma redefinição das categorias modais: a distinção entre conteúdos comunicado e proposicional cria um nível adicional de análise.

No que tange às funções, a hierarquia funcional da influência (pragmática > semântica > sintática) torna-se exemplificada na existência e ordenação dos níveis interpessoal, representacional e estrutural, respectivamente. Similarmente, esses níveis preveem espaços (*slots*) simples para funções pragmáticas, semânticas e sintáticas.

Uma razão importante para situar funções pragmáticas no nível interpessoal é que a seleção de um predicado no próximo nível mais baixo, o nível representacional, é sensível ao *status* informacional dos constituintes. Funções semânticas, como na versão anterior da GF, estão situadas no nível representacional. Elas são parte das estruturas (*frames*) nas quais são usadas para construir uma representação semântica. Finalmente, a GDF oferece uma nova

localização para funções sintáticas: no nível estrutural. Dessa forma, a designação da função sintática pode ser vista como o resultado de um processo no qual fatores pragmáticos (nível interpessoal) e fatores semânticos (nível representacional) são levados em consideração. Regras de expressão sensíveis a esses fatores determinam quais constituintes aparecem como Sujeito ou Objeto, onde isso é relevante. Esta proposta tem consequências para a concepção de funções sintáticas na GF: aqui elas são consideradas puramente uma noção gramatical em vez de semântica.

Em todo nível dentro do modelo, o Fundo contém o conjunto de unidades básicas que são usadas para construir aquele nível. Unidades básicas são inventários específicos da língua. O Fundo de uma dada língua contém pelo menos o conjunto de unidades básicas. Vejamos:

Nível	Unidades Básicas
Interpessoal	<i>Frames</i> ilocucionários Lexemas Operadores
Representacional	<i>Frames</i> de predicação Lexemas Operadores
Estrutural	<i>Moldes/templates</i> Morfemas
Acústico	Padrões prosódicos Sons

Quadro 02: Unidades básicas de cada nível

Observamos que esta organização do Fundo da língua em componentes correspondente a vários níveis é crucial para uma interpretação dinâmica da GDF. Isto permite que a expressão comece com informação suficiente. Essa informação pode vir como nível mais alto, interpessoal; e como nível mais baixo, acústico. Por exemplo, a seleção de uma estrutura ilocucionária particular no nível interpessoal pode ser suficiente para conduzir/desencadear certo padrão prosódico no nível acústico.

SÍNTESE CONCLUSIVA

Abordamos, neste capítulo, as principais diferenças entre o paradigma formalista e funcionalista, modelo segundo o qual a língua é um instrumento de interação e serve a uma gama de propósitos, sendo o suporte teórico de nossa pesquisa, por entendermos que essa abordagem funcionalista aponta como objeto da linguística a determinação do modo como as pessoas conseguem comunicar-se por meio da língua. Baseamo-nos mais especificamente nos preceitos da teoria da Gramática Funcional de Dik (1997) e da Gramática Discursiva Funcional de Hengeveld e Mackenzie(2008).

Conceituamos, de acordo com Dik (1997), os constituintes pragmáticos extraoracionais, chamando a atenção para o fato de que qualquer classificação esbarra na natureza multifuncional de muitos desses elementos.

Segundo o autor, essa multifuncionalidade manifesta-se nas diferentes funções exercidas por alguns constituintes em diferentes contextos e nas várias funções que um mesmo constituinte pode ter simultaneamente na mesma ocorrência.

CAPÍTULO II

2. ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO: Alguns pressupostos teóricos para a pesquisa

2.1. Introdução

Neste capítulo, tratamos dos fundamentos epistemológicos da Análise da Conversação por entendermos que, mais do que constituintes pragmáticos extraoracionais, nosso objeto de análise corresponde aos elementos que têm sido tradicionalmente descritos, nessa área, como “marcadores discursivos interativos ou conversacionais”.

2.2. Fundamentos Epistemológicos da Conversação

A análise da Conversação é uma abordagem discursiva que se originou na década de 1960 e está ligada aos estudos sociológicos, ou, mais especificamente, à Etnometodologia, uma corrente dissidente da Sociologia americana tradicional, de forma que, enquanto cabe aos sociólogos reconhecerem que a conversação nos diz algo sobre a vida social, ao procurarem responder questões do tipo: “Como nós conversamos?”, cabe, aos linguistas da Análise da Conversação, perguntar “Como a linguagem é estruturada para favorecer a conversação?” e reconhecer que a conversação nos diz algo sobre a vida social. Motivados pelos princípios etnometodológicos, os linguistas da Análise da Conversação procuram investigar os aspectos essenciais para a organização do texto conversacional. Hilgert (1989) aponta três níveis de enfoque da estrutura conversacional:

a) Macronível: estuda as fases conversacionais que são aberturas, fechamento e parte central e o tema central e subtemas da conversação;

b) Nível médio: investiga o turno conversacional, a tomada de turno, a sequência conversacional, os atos de fala e os marcadores conversacionais;

c) Micronível: analisa os elementos internos do ato de fala, que constituem sua estrutura sintática, lexical, fonológica e prosódia.

Tendo em vista a origem da Análise da Conversação, fazem-se necessárias algumas considerações a respeito da Etnometodologia.

O sociólogo Harold Garfinkel concebeu a Etnometodologia com base no conceito de Etnociência, desenvolvida pela Antropologia Cultural Americana, e que se interessava pela “ordem das coisas na cabeça das pessoas”. Assim sendo, por meio da Etnometodologia, Garfinkel observou o que diz respeito àquilo que os membros de uma sociedade fazem ao realizar suas atividades diárias e o que pensam e sabem a respeito dessa realização.

Para a Etnometodologia, os analistas devem ser sensíveis aos fenômenos interacionais, observando detalhes e conexões estruturais existentes no processo interativo. A Etnometodologia recebeu influência da Fenomenologia Sociológica de Alfred Schütz. De acordo com ele:

“para realizar pesquisas científicas sobre a realidade social, é preciso, antes de qualquer coisa, proceder a análises exatas dessa realidade tal como ela se manifesta nas interações e nas experiências dos membros de uma sociedade”. (GÜLICH, 1987, p.43).

De acordo com a afirmação de Garfinkel (1967), os objetivos gerais da Etnometodologia dizem respeito a abordar as atividades práticas, as circunstâncias práticas e o raciocínio prático como temas de estudos empíricos, concedendo, às atividades mais comuns da vida cotidiana, a mesma atenção habitualmente concedida aos acontecimentos extraordinários. Os estudos nessa área procuram tratar desses acontecimentos e atividades enquanto fenômenos em si mesmos, e a recomendação central desses estudos é que as atividades, por meio das quais as pessoas se organizam e geram as situações de sua vida cotidiana, são idênticas aos procedimentos utilizados para tornar tais situações observáveis e relatáveis. Podemos claramente apontar três princípios que norteiam os estudos da Etnometodologia:

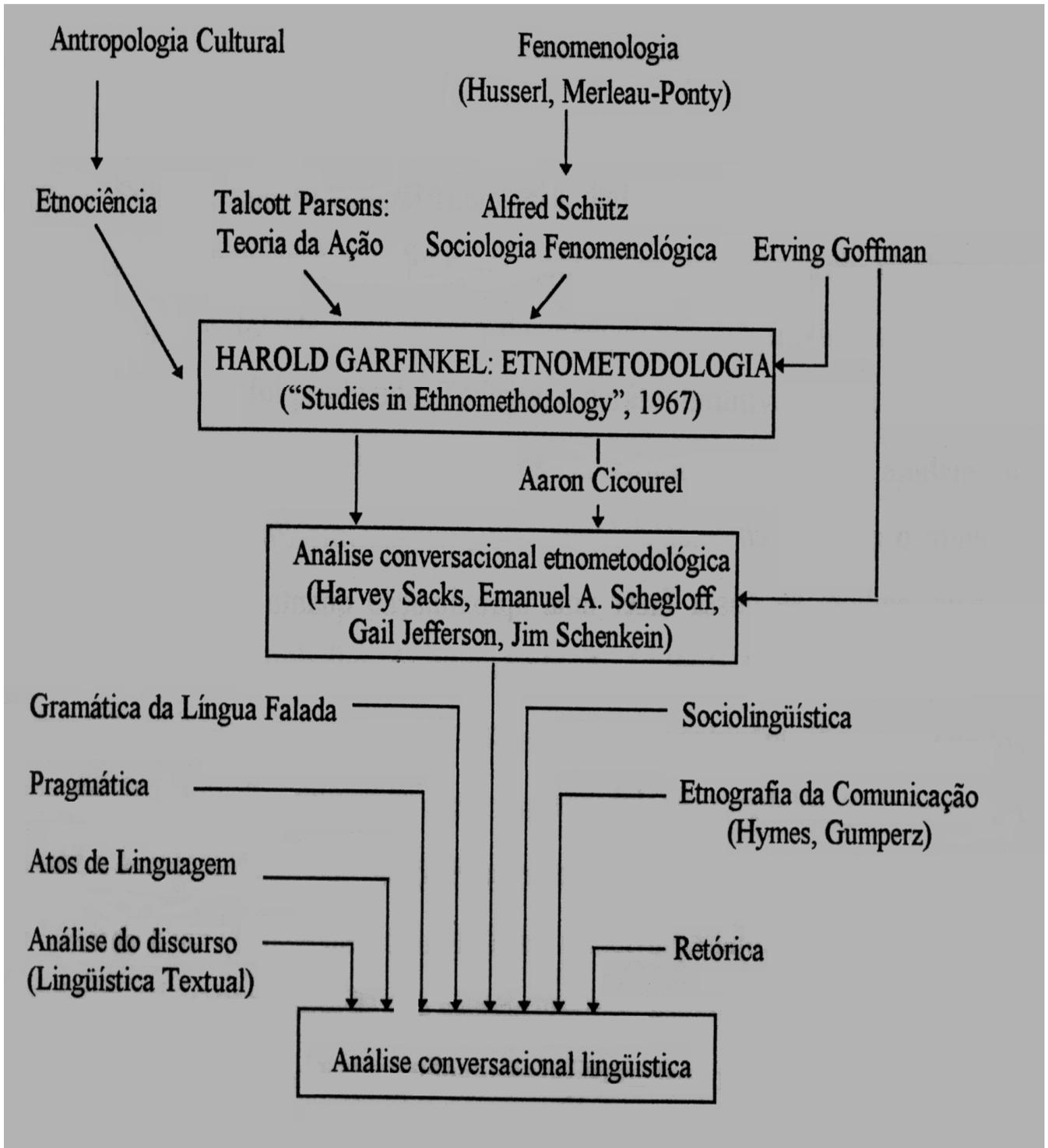
³ L'approche ethnométhodologique dans l'analyse de français parlé: description de séquences conversationnelles d'explication. Freiburg, Congresso de Romancista de 1987; apud Hilgert, 1989, p.78-79

1. Seu objeto de estudo são as atividades práticas do cotidiano;
2. Esse estudo tem necessariamente um caráter empírico;
3. Supõe-se a existência de um princípio organizacional na realização dessas atividades por parte dos membros do grupo social.

Ou seja, do ponto de vista de seu objeto de estudo, a Etnometodologia investiga as atividades práticas cotidianas dos indivíduos de uma sociedade de maneira que essas atividades sejam concebidas como processos, o que implica a sua realização estruturada, ordenada e metódica. Mas, do ponto de vista metodológico, sua investigação é de caráter empírico, isto é, por meio da análise minuciosa dos fatos concretos, chega-se aos procedimentos adotados na construção da realidade social. Dessa forma, a instituição social deixa de ser vista como norma imposta aos indivíduos, por meio de um conjunto de categorias estabelecidas previamente, e passa a ser descrita de forma integrada aos atuantes do processo.

Podemos verificar melhor, no quadro a seguir, apresentado por Hilgert (1989, p. 81), o desenvolvimento das ideias da Etnometodologia propostas por Gülich (1987, p. 18). Neste quadro, é destacada a Análise Conversacional Etnometodológica que, ao integrar-se a outras linhas de pesquisa, contribui à análise Conversacional Linguística.

O DESENVOLVIMENTO DAS IDEIAS ETNOMETODOLÓGICAS



Quadro 03- modelo do desenvolvimento das ideias etnometodológicas

A Análise Etnometodológica da conversação nada mais é do que o desenvolvimento da investigação na própria conversação, entendida como uma forma básica de organização social, facilmente definível e delimitável. Segundo Hilgert (1989, p. 82), a conversação representa uma atividade prática e cotidiana, cujo desenvolvimento depende da auto-organização patrocinada interacionalmente pelos interactantes.

Mas é importante ressaltar que, entre o enfoque Etnometodológico e o propriamente linguístico da conversação, existe uma diferença básica. Embora em ambos o objeto de estudo seja bem semelhante, não há aproximação quanto à orientação metodológica. Para Hilgert, não existe uma sistematização dos métodos da Análise Etnometodológica da Conversação nos trabalhos dos primeiros conversacionalistas, talvez em razão de uma fidelidade aos postulados da Etnometodologia de que cada método deve ser adaptado a um objeto particular. Isso significa dizer que, na descrição de um fenômeno social, os sucessivos passos da descoberta do fenômeno e os procedimentos analíticos correspondentes são inseparáveis.

Entre os conversacionalistas há, no entanto, a consciência de que não é o domínio de métodos pré-estabelecidos que forma a sua competência como analistas; ao contrário, é a sensibilidade na observação dos fenômenos interacionais, suas estruturas e conexões.

A Análise da Conversação é definida por trabalhar de modo empírico e ter por objetivo descrever de que modo os interlocutores organizam e desenvolvem suas intenções cotidianas sem se preocuparem com as causas desse procedimento. Para tanto, o material de pesquisa utilizado é constituído por conversações produzidas em situações cotidianas.

É importante ressaltar que a análise de uma conversação precisa desenvolver-se de forma que os dados revelem fielmente suas características. Não seria legítimo a esse tipo de análise buscar nos dados um endosso para categorias pré-estabelecidas. Razão por que a capacidade de compreender de modo intuitivo as ocorrências à sua frente é de grande importância ao analista, na medida em que é falante competente da comunidade linguística na qual seu material de pesquisa foi produzido. No entanto, o caráter intuitivo de sua prática não chega a impedi-lo de explicitar os meios e as técnicas que o ajudam no procedimento de análise.

É na análise etnometodológica da conversação que se desenvolvem os estudos a respeito da interação conversacional. Por mínima que seja a preocupação dos etnometodólogos em relação à língua falada, é mediante ela que se dá a interação social, de maneira que, no momento em que se desvenda e se caracteriza a organização social, esses

estudiosos observam regularidades linguísticas que correspondem a regularidades organizacionais da interação conversacional.

Ainda na Etnometodologia, o fenômeno social é concebido como produção organizada e metódica. Como a interação conversacional é um fenômeno social, é vista também como uma produção apresentando as mesmas condições. Toda produção, de certa forma, implica um processo que envolve os sujeitos dessa produção e, como tal, deve ser considerado, ocorrendo o mesmo com o texto conversacional. Apesar de o texto conversacional poder ser visto pelo analista como um produto acabado, interessa identificar – mediante uma análise da conversação linguística – as marcas que comprovam os procedimentos adotados pelos falantes e ouvintes na sua elaboração e, portanto, na sua constituição.

Aproximadamente até os anos 70, a Análise da Conversação preocupou-se basicamente com a organização: descrição das estruturas da conversação e seus mecanismos de funcionamento. Em seu início, a Análise da Conversação teve como objetivo oferecer uma noção do tipo de atividade que a conversação representa, assim como sua arquitetura textual. O ponto de vista era essencialmente ético e estético, e a perspectiva era normativa, dado que se tratava, antes de tudo, de inculcar as regras da “arte de bem conversar”. Atualmente, ao contrário, se pretende científica, ou seja, puramente descritiva: trata-se de ver o mais objetivamente possível, a partir de *corpora* gravados e cuidadosamente transcritos, como são produzidos esses objetos particulares que são as conversações. A tendência atual é a de investigar os processos cooperativos (interação) presentes na atividade conversacional. Para isso, os pesquisadores buscam especificar os conhecimentos linguísticos, paralinguísticos e socioculturais que devem ser partilhados para que a interação seja bem-sucedida.

De acordo com Marcuschi (1986, p.7), as questões fundamentais que a Análise da Conversação pretende responder são:

1. Como as pessoas se entendem ao conversar?
2. Como sabem que está havendo entendimento entre si?
3. Como sabem que estão agindo de modo coordenado e cooperativo?
4. Como usam seus conhecimentos linguísticos, paralinguísticos e socioculturais para obter condições favoráveis e adequadas à compreensão mútua?
5. Como formam, desenvolvem e resolvem problemas durante a interação?

A metodologia utilizada pela Análise da Conversação é o procedimento indutivo, isto é, parte-se de dados empíricos, em situações reais de uso da língua. Dessa forma, os mecanismos descritos na atividade conversacional são propostos, no nível formal, pelo analista, mas considerando-se sempre a intenção dos falantes durante a interação.

Os suportes da Análise da Conversação encontram-se, historicamente, na Etnometodologia, Etnografia e Sociologia, e o que a distingue de outras linhas de pesquisa como a Análise do discurso, ou a Pragmática Filosófica é, exatamente, a sua postura empirista.

2.3. A conversação: uma atividade cooperativa

Para Marcuschi (1986), a conversação é uma atividade centrada, ou seja, aquela que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual para uma tarefa comum e, para sua efetivação, interagem dois ou mais interlocutores que se alternam de forma constante, discorrendo sobre temas próprios do cotidiano. Esse evento ocorre em uma identidade temporal e em uma situação social determinada.

De acordo com Schegloff (1981), a conversação apresenta três elementos fundamentais: *a realização* ou produção, *a interação* e *a organização* ou ordem. Na realização, a conversação constitui um processo que é identificado somente ao ser produzido pelos interactantes. A conversação deflagra um processo de geração de sentidos, instaurando-se um verdadeiro fluxo de produção textual, cujo controle foge, muitas vezes, das previsões e disposições iniciais dos próprios interactantes. Para este autor, a conversação é “uma realização em contínua emergência e não um pacto antecipadamente assinado”.

Podemos dizer que a conversação é um processo interacional organizado, então o discurso conversacional deve ser considerado como um processo interacional em realização contínua e, só assim, pode ser identificado. Em toda realização pressupõem-se sujeitos. Os sujeitos da conversação são interactantes responsáveis pelo desdobramento do processo conversacional que transcorre de forma participativa, ou seja, em interação. Para Taylor e Cameron (1987, p.105), essa interação se operacionaliza “na construção sequencial da intersubjetividade”. Em linhas gerais, para que se estabeleça uma conversação, duas pessoas

devem partilhar um mínimo de conhecimentos comuns e entre eles, estão a aptidão linguística, o envolvimento cultural e o domínio de situações.

Partindo do princípio de que toda atividade linguística falada em situação face a face tem caráter dialógico, a definição de diálogo ganha proporções bem amplas; e, sob sua denominação, reúnem-se não apenas os diálogos propriamente ditos, como também os monólogos espontâneos.

De acordo com Marcuschi (1986), há dois tipos de diálogos dependendo da posição dos participantes: os assimétricos e os simétricos. Os diálogos assimétricos são aqueles em que um dos participantes tem o direito de iniciar, orientar, dirigir e concluir a interação e exercer pressão sobre o(s) outro(s) participante(s). Nesse tipo de diálogo, estão enquadradas as entrevistas, os inquéritos e a interação em sala de aula. Os diálogos simétricos são aqueles em que os vários participantes têm supostamente o mesmo direito à auto-escolha da palavra, do tema a tratar e de decidir sobre o seu tempo. Apenas esse tipo de diálogo pode ser qualificado como uma conversação em sentido estrito. As conversas diárias e naturais são os exemplos típicos dessa modalidade. Ressalve-se, porém, que, não obstante a afirmação de simetria de papéis e direitos nos diálogos simétricos, isso é pouco verdadeiro, uma vez que as condições socioeconômicas e culturais, ou mesmo de poder entre indivíduos, deixam-nos em diferentes condições de participação no diálogo.

As primeiras investigações na Análise da Conversação foram restringidas aos diálogos assimétricos. Os aspectos que neles merecem atenção específica são: a constituição do diálogo (abertura, fechamento e segmentação interna); a condução (manipulação) da interação dialógica; e a descrição de esquemas de desenvolvimento de diálogos produzidos em situações de comunicação determinada.

Podemos dizer que a organização é, indubitavelmente, o elemento orientador da conversação e se manifesta por meio de diversas formas e níveis, tais como a organização tópica discursiva, tomadas de turno, formação de pares adjacentes, correções, etc.

De acordo com Marcuschi (1986), encontramos cinco características básicas constitutivas em uma análise elementar de conversação:

1. a interação entre pelo menos dois falantes;
2. a ocorrência de pelo menos uma troca de falantes;
3. a presença de uma sequência de ações coordenadas;
4. a execução em uma identidade temporal;
5. o desenvolvimento em uma “interação centrada”.

Essas características nos fazem perceber que a conversação é uma interação verbal centrada que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva a uma tarefa comum.

Assim sendo, toda conversação está situada em alguma circunstância ou contexto em que os participantes estão engajados. No entanto, não é necessário investigar todas as particularidades dessas situações para que a conversação seja analisada. Até porque se fosse necessário, tornar-se-ia impossível montar um sistema mínimo para que a conversação fosse operacionalizada. Supor-se que a conversação tem uma série de elementos abstratos (formais) apropriados e um grande potencial de particularização é inevitável, uma vez que a conversação apresenta vários níveis de organização, podendo ser analisada a partir de um desses elementos que a norteiam.

Sachs, Schegloff e Jefferson (1974, p. 701-702) montaram um modelo elementar para a conversação, com base no sistema de tomada de turnos.

Para esses autores, qualquer conversação deve apresentar as seguintes propriedades:

- a) A troca de falantes ocorre ou pelo menos ocorre;
- b) Em qualquer turno, fala um de cada vez;
- c) Ocorrências com mais de um falante por vez são comuns, mas breves;
- d) Transições de um turno a outro sem intervalo e sem sobreposição são comuns; longas pausas e sobreposições extensas são a minoria;
- e) A ordem dos turnos não é fixa, mas variável;
- f) O tamanho do turno não é fixo, mas variável;
- g) A extensão da conversação não é fixa, nem previamente especificada;
- h) O que cada falante dirá não é fixo, nem previamente especificado;
- i) A distribuição dos turnos não é fixa;

- j) O número de participantes é variável;
- k) A fala pode ser contínua ou descontínua;
- l) São usadas técnicas de atribuição de turnos;
- m) São empregadas diversas unidades construidoras de turno: lexema, sintagma, sentença, etc.;
- n) Certos mecanismos de reparação resolvem falhas ou violação nas tomadas.

No seu conjunto, essas propriedades transformam a tomada de turnos em uma operação básica da conversação, e o turno, como o entendemos, a intervenção do(s) falante(s) no decorrer da conversação, passa a ser um dos componentes centrais do modelo. Porém, o turno não é tomado como unidade conversacional por excelência.

O turno é, de acordo com Castilho (1986), uma prática social e pode ocorrer em situações não linguísticas, desde que envolvendo dois ou mais parceiros.

Com a intenção de sustentar a conversação, os interlocutores se envolvem em estratégias denominadas por Castilho (1986) de *gestões de turnos*: a manutenção do turno, o assalto ao turno e a passagem consentida de turno.

Para Marcuschi (1986), a conclusão de um turno, desde que ocorra em um lugar relevante para a transição, pode dar-se a qualquer momento. Assim, o turno pode ser tido como aquilo que um falante faz ou diz enquanto tem a palavra, incluindo aí a possibilidade do silêncio.

Convém lembrar, no entanto, que, segundo Galembeck (1993), o conceito de lugar relevante para a transição é intuitivo; daí porque o analista da conversação defronta-se com dificuldades para determinar os lugares relevantes para a transição, mesmo que assuma a perspectiva do ouvinte. Essas dificuldades são decorrentes da circunstância de não ser o final do turno algo que se evidencie por si; assim, é necessário identificar os lugares relevantes para a transição do turno pelo maior número possível de pistas ou marcadores de final de turno: a entonação ascendente e a descendente, a pausa conclusa, os marcadores conversacionais (né?, entendeu?, sabe?) e os gestos.

A conversação consiste normalmente de uma série de turnos alternados, que compõem sequências, em movimentos coordenados e cooperativos. Entre essas sequências, existem algumas altamente padronizadas quanto à sua estruturação. Devido à contiguidade e ao tipo de relações, tais sequências são chamadas de *pares adjacentes*, termo introduzido por

Schegloff e Sacks (1973), que significa uma sequência de dois turnos que coocorrem e servem para a organização local da conversação.

Como pares conversacionais, podemos citar, entre outros:

- pergunta-resposta;
- ordem-execução;
- convite-aceitação/recusa;
- cumprimento-cumprimento;
- xingamento-defesa/revide;
- acusação-defesa/justificativa;
- pedido de desculpas-perdão.

Para Schegloff e Sacks (1973), as características relativas aos pares adjacentes, estão resumidas da seguinte forma:

- a) extensão de dois turnos;
- b) posição adjacente;
- c) produção sucessiva por falantes diversos;
- d) ordenação com sequência predeterminada;
- e) composição de uma primeira e de uma segunda parte;
- f) a primeira parte seleciona o próximo falante e determina sua ação;
- g) a primeira parte coloca o ponto relevante para a transição de turno.

A produção dos falantes pode ocorrer como sequências sucessivas, quando um turno se segue à interrupção do turno anterior; ou simultâneo, quando há superposição de vozes.

O estudo de pares conversacionais traz uma importante contribuição metodológica à Análise da Conversação. O ato de fala não é a unidade mais adequada para a análise dos mecanismos conversacionais, já que é a sua localização na atividade geral que decidirá sua função. Trata-se de uma sintaxe, como diz Marcuschi (1986), sociocultural e não-linguística; razão por que, para Couthard (1977), o caráter de estrutura normativa dos pares adjacentes faz que as regras não sejam formuladas como regras sintáticas da língua.

Para que haja troca comunicativa, não basta que dois (ou mais) falem alternadamente; é ainda preciso que eles se falem, ou seja, que estejam ambos, engajados na troca e que deem sinais desse engajamento mútuo, recorrendo a diversos procedimentos de validação interlocutória. Os cumprimentos, apresentações e outros rituais confirmativos desempenham, nesse sentido, um papel evidente. Mas a validação interlocutória se efetua, sobretudo, por outros meios mais discretos e, no entanto, fundamentais.

Um emissor deve indicar que está falando com alguém pela orientação do corpo, pela direção do olhar ou pela produção de formas de tratamento; ele deve também prestar atenção aos tipos de *captadores* (tais como “*hein*”, “*né*”, “*sabe*”, “*você vê*”, *etc.*),

E, eventualmente, “corrigir” falhas da escuta ou problemas de compreensão, por meio de um aumento da intensidade vocal, das retomadas ou das reformulações. Os procedimentos dos quais se vale o falante para se assegurar da escuta de seu destinatário são geralmente qualificados de *fáticos*.

O outro, denominado de receptor (*ouvinte*), também deve produzir alguns sinais que visam a confirmar ao falante que de fato está prestando atenção no circuito comunicativo. Esses *reguladores* (ou *sinais de escuta*) têm realizações diversas: não-verbais (*olhar e meneio de cabeça*, mas também, dependendo da ocasião, *franzimento de sobrancelhas*, *sorrisinho*, *ligeira mudança de postura...*), vocais (“*hummm*” e outras vocalizações), ou verbais (“*sim*”, “*certo*”), ou retomadas na forma de eco. Eles têm também significações variadas (“*estou te acompanhando*”, “*temos um problema de comunicação*” *etc.*), mas em todo caso, a produção regular desses sinais de escuta é indispensável para o bom funcionamento da troca, pois a ausência desses sinais pode acarretar importantes perturbações no comportamento do falante.

Além disso, as atividades *fática* e *reguladora* não são independentes uma da outra e sim, solidárias.

Dessa forma, quando o falante manifesta certo “embaraço” na sua elocução, o ouvinte tende espontaneamente a multiplicar os *reguladores*, mas no caso do ouvinte produzir sinais de “desinteresse”, o falante tende espontaneamente a multiplicar os procedimentos *fáticos*. Ou seja os *interactantes* ajustam, coordenam e harmonizam permanentemente seus respectivos comportamentos, por meio de uma *sincronização interacional* ou conjunto de mecanismos de ajuste, que intervêm em todos os níveis do funcionamento da interação. As características fundamentais desta sincronização interacional são:

1. os funcionamentos dos turnos de fala;
2. os comportamentos corporais dos diferentes participantes presentes a uma interação: as análises efetuadas a partir de gravações em vídeos por alguns especialistas em comunicação não-verbal mostraram exatamente que, em uma interação, os participantes “parecem dançar um balé perfeitamente ajustado”, adaptando instintivamente suas posturas, gestos e mímicas aos de seus parceiros;
3. a escolha dos temas, do estilo da troca, do registro de língua, do vocabulário utilizado etc. Dessa forma, podemos perceber como um conjunto do material discursivo, produzido durante a interação, pode ser objeto de negociações (por vezes, explícitas; mais frequentemente, implícitas) entre as diferentes partes em presença.

Assim sendo, percebemos, então, que a idéia que embasa o enfoque interacionista das produções linguísticas é de que, na interação face a face, o discurso é inteiramente “co-produzido”, ou seja, é o produto de um “trabalho colaborativo” incessante.

É importante mencionar também que a família das interações verbais é numerosa e diversa. Dentre muitas, encontramos as conversações familiares, as conversas de todos os gêneros, as entrevistas, os debates, as transações comerciais, as trocas didáticas, os encontros científicos, as reuniões de trabalho, as sessões de tribunal, as conferências diplomáticas... Portanto, a primeira tarefa da análise das interações é tentar fazer seu inventário e sua tipologia, a partir dos seguintes critérios: a natureza do lugar (quadro espaço-temporal); o número e a natureza dos participantes, seus estatutos e respectivos papéis, e o tipo de contrato que os mantém juntos; o objetivo da interação e seu grau de formalidade e seu estilo (predominantemente, sério ou lúdico, conflituoso ou consensual...).

Assim, a conversação tem como característica implicar um número relativamente restrito de participantes, cujos papéis não estão predeterminados, que gozam, em princípio, dos mesmos direitos e deveres (se a interação é do tipo “simétrico” e “igualitário”) e que não têm, enfim, um caráter familiar e improvisado: temas abordados, duração da troca, ordem das tomadas de turno, tudo isso se determina passo a passo, de maneira relativamente livre, pois até mesmo as conversações aparentemente mais anárquicas obedecem, de fato, a algumas regras de produção, deixando, no entanto, aos interlocutores, uma margem de manobra nitidamente mais extensa que em outras formas mais “coercitivas” de trocas comunicativas.

De acordo com Marcuschi (1980), a conversação é a primeira forma das formas de interação a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida

afora. Esse autor concebe a conversação como algo mais do que um simples fenômeno de uso da linguagem em que ativa o código. Ela é o exercício prático das potencialidades cognitivas do ser humano em suas relações interpessoais, tornando-se assim um dos melhores testes para a organização e funcionamento da cognição na complexa atividade da comunicação humana.

SÍNTESE CONCLUSIVA

Muitos ECCs (constituintes pragmáticos extraoracionais) tratados na Gramática Funcional de Simon Dik correspondem aos elementos que têm sido tradicionalmente descritos como “*marcadores discursivos*” dentro das propostas da Análise da Conversação.

Por esta razão, este capítulo tratou dos *fundamentos epistemológicos da Análise da Conversação como uma atividade cooperativa*, por entendermos necessário estabelecermos um diálogo com autores da Análise da Conversação que dão tratamento empírico e específico a esses Constituintes.

Em um primeiro momento, discorreremos a respeito dos fundamentos epistemológicos da Análise da Conversação. Nessa primeira seção, discutimos a origem desta corrente linguística ligada à Etnometodologia, uma corrente dissidente da Sociologia americana tradicional. E, no, segundo, definimos a conversação como um processo interacional organizado, considerado como um processo interacional em realização contínua e só assim identificado.

CAPÍTULO III

3. MARCADORES DISCURSIVOS E SUA CARACTERIZAÇÃO NA GRAMÁTICA FUNCIONAL E NA ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO

3.1. Introdução

Neste capítulo, achamos oportuno discorrer a respeito dos constituintes pragmáticos extraoracionais descritos por Dik (1997) em sua gramática funcional, bem como sobre os marcadores discursivos, objeto de nossa pesquisa, por acreditarmos possuírem propriedades em comum. Para tanto, nos valem de autores como Dik (1989, 1997), Said Ali (1930), Gülich (1970), Pawley (1973), Brow e Levinson (1978), Schiffrin (1987), Fraser (1987), Preti (1987), Marcuschi (1989) e Risso, Silva e Urbano (2006).

3.2. Constituintes pragmáticos extraoracionais

De acordo com Dik (1989), as funções pragmáticas dizem respeito à relação entre a expressão linguística e o contexto de elocução. Essas funções especificam o estatuto informacional dos constituintes relativamente ao cenário comunicativo mais amplo em que eles são usados. O autor distingue, inicialmente, as funções pragmáticas extraoracionais das funções *intraoracionais*. As primeiras são expressas por constituintes conhecidos como *extraoracionais*, isto é, aqueles que surgem separados da predicação ou por disjuntura ou por um contorno especial de entonação, ou, menos frequentemente, por um marcador morfológico especial. Tais constituintes incluem vários parentéticos, vocativos, formas de tratamento, “questions tags” e o que se conhece como “deslocamento à esquerda” e “deslocamento à direita”. Com exceção desses dois últimos, as funções pragmáticas extraoracionais têm recebido pouca atenção na gramática funcional. Já as funções pragmáticas intraoracionais têm sido mais estudadas no que concerne a sua relação com a expressão formal.

Para Dik (1997), algumas expressões linguísticas, embora não constituindo orações completas, podem ser analisadas como fragmentos e, desse modo, indiretamente descritas como referência à estrutura da oração. Fragmentos de orações são particularmente comuns como respostas a questões, como nos exemplos abaixo relacionados por Dik (1997).

(6) A: *Where are you going?* ‘Onde você está indo?’

B: *To the library.* ‘Para a livraria’.

O segmento *to the library* é somente um termo, não uma oração, mas pode, entretanto, ser descrito como um fragmento de oração. Esses fragmentos de orações ocorrem em circunstâncias nas quais o texto torne supérflua a produção da oração completa, que nesse caso seria:

(7) *I am going to the library* ‘Eu estou indo para a livraria’

Principalmente no discurso falado, produzimos frequentemente uma variedade de expressões as quais não podem ser analisadas nem como orações nem como fragmentos de orações. Essas expressões podem preceder seguir e, até mesmo, interromper uma oração.

Os constituintes pragmáticos extraoracionais ainda são denominados por alguns autores de “parentéticos”, porém, Dik restringe o termo “parentético” àqueles que interrompem uma oração.

De acordo com Dik (1997), as funções pragmáticas internas à cláusula - Tópico e Foco - têm recebido, na GF, muito mais atenção do que as externas, ou seja, do que os constituintes pragmáticos extraoracionais, por uma série de fatores. Dentre eles, podemos citar: i) o fato de que esses constituintes são especificamente comuns no registro falado, enquanto a atenção das gramáticas tem frequentemente se limitado à linguagem escrita; ii) os gramáticos se concentram, geralmente, em estruturas isoladas, no entanto, esses constituintes extraoracionais estão, antes, livremente associados com a oração, não podendo facilmente ser descritos nos termos dos princípios e regras internas. Mas, obviamente, se a gramática deseja adquirir adequação pragmática para as suas descrições linguísticas, não pode prescindir de

uma explicação sobre o funcionamento dos constituintes extraoracionais. Cumpre ressaltar que esses constituintes também interagem com a estrutura interna da oração de diferentes maneiras.

Dik (1997), em sua teoria da Gramática Funcional, não fornece uma definição explícita que favoreça a identificação dos constituintes extraoracionais, apenas menciona algumas propriedades que nos ajudam a reconhecê-los. Esses constituintes tanto ocorrem na forma absoluta, quanto são tipicamente utilizados fora da oração propriamente dita, por meio de pausas realizadas ou inflexões no contorno prosódico.

Não são tão importantes para a estrutura interna da oração, de forma que, quando são deixados de fora, essa mesma oração forma um todo integral. Além disso, não são suscetíveis às regras gramaticais que operam dentro dos limites da oração embora possam também caracterizar relações em um discurso corrente.

Logicamente, em algumas línguas particulares, existem critérios mais específicos e dependentes da língua para determinar se um constituinte pertence ou não a uma oração.

Outra característica importante desses constituintes extraoracionais que não podemos deixar de mencionar é a natureza multifuncional, pois muitos deles podem ter diferentes funções em diferentes contextos de uso, e alguns podem ter várias funções em uma mesma ocorrência.

No que diz respeito às diferenças entre esses constituintes extraoracionais, podemos diferenciá-los tanto em relação ao lugar que eles ocupam em relação à cláusula quanto no que concerne às funções que desempenham.

3.3. Funções dos Constituintes pragmáticos extraoracionais

Dik (1997) estabelece uma classificação dos diferentes tipos de constituintes pragmáticos extraoracionais, levando em conta as funções que desempenham no contexto de uso. São elas:

- Manejo de interação: função desempenhada por aqueles constituintes pragmáticos extraoracionais pertinentes à criação e à manutenção das condições interativas que devem ser preenchidas para a realização de um evento discursivo. Entre eles, Dik

(1997) faz menção às saudações e despedidas, chamadas, endereços ou destinatários e respostas mínimas.

- Especificação de atitude: função de constituintes extraoracionais ligados à manifestação do tom emocional ou da atitude do enunciado. A mais importante, segundo Dik, são as interjeições.
- Organização do discurso: função dos constituintes ligados à organização, estruturação e apresentação do conteúdo do discurso, como, por exemplo, o tema, a clarificação e a reformulação. Dik (1997) divide, em três grupos, os constituintes pragmáticos que servem como medidas tomadas pelo falante para assegurar uma organização própria e uma boa recepção do próprio discurso: marcação de limites, colocação e orientação.
- Execução do discurso: função dos constituintes pragmáticos extraoracionais que desempenham um papel na expressão do real conteúdo do discurso. Dentre esses, citamos o constituinte pragmático denominado *comentário*.

Fazemos, a seguir, um detalhamento dos constituintes pragmáticos extraoracionais que desempenham tais funções.

3.3. 1. Manejo de Interação

Desempenham um papel estratégico na obtenção, manutenção ou cessação de atenção de um destinatário para a realização do evento discursivo. De acordo com Dik (1997), podem ser classificados em:

- a) saudações: o falante acusa a presença do destinatário e assinala que ele está disponível como um parceiro em potencial para uma comunicação.

(8) *Hello! Hi!* ‘Alô! Oi!’

(9) *Good day sir, could I ask you a question?* ‘**Bom dia**, senhor, eu poderia fazer uma pergunta’

- b) chamadas: são constituintes que servem para conseguir a atenção de alguém com potencial para destinatário, assinalando que o falante gostaria de dizer alguma coisa para ele.

(10) *Hey there, what's your name?* ‘**Ei**, qual o seu nome?’

Existem expressões que basicamente são saudações, mas também são frequentemente usadas como chamadas.

(11) *Hello there, what's your name?* ‘**Olá**, qual o seu nome?’

- c) endereços ou destinatários: são constituintes extraoracionais que precedem, seguem ou, até mesmo, interrompem uma oração (nesse caso, são denominados por Dik (1997) de *parentéticos*) e que assinalam, de maneira muito clara, a quem se dirige o conteúdo enunciado.

(12) *John, could you give me a hand please?* ‘**John**, você poderia me ajudar, por favor’

Frequentemente, os destinatários se constituem de nomes próprios, possivelmente acompanhados por títulos, funções ou referências à relação entre o falante e o destinatário, tendo em vista a função que eles exercem.

- d) respostas mínimas: são elocuições verbais que não contam como termos ou vozes na conversação, nem como tentativas por parte do destinatário para obter uma fala por sua vez. Elas assinalam tipicamente concordância, ou pelo menos sugerem que o que está sendo dito está sendo adequadamente recebido no outro lado da interação.

(13) A: *Excuse me, Sir, could I have a word with you?* ‘Com licença, senhor, eu poderia ter uma palavra com você?’

B: *By all means, go ahead, take your time!* ‘**Pois não, vá em frente**, use seu tempo’

3.3.2. Especificação de atitude

As interjeições são as especificações de atitude. Elas podem ocorrer sozinhas no enunciado, mas, de fato, frequentemente estão integradas num evento discursivo mais amplo, podendo adquirir valores interativos além e acima do papel delas de expressar emoções individuais.

(14) *Ouch, my finger!* ‘**Ai**, meu dedo!’

3.3.3. Organização do discurso

Esses constituintes pragmáticos extraoracionais servem como medidas tomadas pelo falante para assegurar uma organização própria do discurso e, como mencionamos, Dik (1997) divide esses constituintes em três grupos: marcação de limites, colocação e orientação.

a) Marcação de limites

Assinalam o começo, o fim e a articulação interna do discurso como um todo, dividindo-se em: iniciadores que são os constituintes que precedem a oração propriamente dita, ocorrendo geralmente em uma posição elocutiva inicial. Também servem para abrir um novo discurso, um novo episódio em um discurso em andamento, ou uma nova voz ou fala, em uma conversação.

(15) *Well, ladies and gentlemen, shall we start the game?* ‘**Bem**, senhoras e senhores, nós podemos começar o jogo?’

Variantes do tópico são, aqueles ocorrentes no início de uma elaboração, por meio dos quais o falante pode indicar que ele deseja mudar de assunto na conversação.

(16) A: *Probably is because of that I should think, yes, mm*
‘Provavelmente, é por causa disso que eu acho, sim, mm’

B: Mm

B: *((louder)) By the way, do you want any lettuces* ‘((risos)) A **propósito**, você quer algumas alfaces’

Marcadores de investidas e perguntas repentinas são aqueles que assinalam que uma sequência dentro de uma unidade em andamento está sendo introduzida ou deixada, respectivamente

(17) A: Eu vou ao teatro.

B: **Como?** Você vai ao teatro?

e finalizadores encerram um tópico de conversação. Despedidas, por exemplo, podem ter esse efeito finalizante, mas outros elementos, como “certo” e “quanto a você”, podem ter uma função similar.

(18) *Okay!* ‘**ok!**’

b) Orientações

Alguns constituintes pragmáticos extraoracionais podem ajudar a fixar alguns parâmetros de orientação ou algumas coordenadas essenciais para um coerente “ancoramento” ou absorção do conteúdo de uma determinada proposição.

Para Dik (1997), a orientação é uma espécie de superfunção pragmática sob a qual vários tipos mais específicos podem diferir na forma, bem como na função. A orientação pode ser: tema, condição.

Nos diferentes tipos de orientação, Dik (1997) se restringe aos constituintes que estão fora da oração principal e a precedem, tais como o tema e a condição.

O tema, Dik (1997) descreve como um constituinte que tem a função de especificar um conjunto de entidades com respeito às quais a oração seguinte irá apresentar alguma informação relevante. Sempre é inicial e talvez a sua mais importante propriedade seja o fato de que permanece fora da estrutura da própria oração.

(19) *As for John, he won't be invited.* ‘**Quanto a Jonh**, ele não será convidado’.

É importante ressaltarmos que os temas possuem algumas propriedades que podem apontar a independência deles em relação à oração que os segue, pois os mesmos precedem a oração toda. Usualmente, não ocorrem em posição parentética, podem ter seu próprio *status* elocutivo, diferentes da oração seguinte; frequentemente são apresentados de forma absoluta e, finalmente, em termos de comportamento do falante, parece correto dizer que o falante produzirá um tema antes que ele tenha formada uma ideia clara sobre que tipo de oração vai produzir. Além disso, é bastante comum encontrar o fenômeno de hesitação entre o tema e a oração.

Já no que diz respeito à condição, um discurso, um episódio discursivo, ou ato da fala pode ser introduzido por uma condição que limita a valorização da informação seguinte a um mundo no qual a condição é verdadeira. De maneira que, nesses casos, a orientação será uma oração condicional subordinada.

(20) *If you promise to stop crying, then you may have a sweet.* ‘**Se você parar de chorar**, então você poderá ter uma bala’.

Dik (1997) argumenta que condicionais podem ocorrer interna ou externamente à oração. Mesmo quando ocorrem externamente, são formalmente expressas pelo mesmo marcador.

3.3.4. Execução do discurso

O último grupo de funções de constituintes pragmáticos extra-oracionais apresentados por Dik (1997) é aquele que se ocupa com o papel do conteúdo real do discurso, sendo dividido em respostas e “caudas”.

a) Respostas

As respostas são todos os constituintes pragmáticos extra-oracionais que se realizam ou são produzidos a partir do que o outro participante do ato de fala diz, está dizendo ou acaba de dizer. Dik (1997) as classifica em respostas plenas ou completas e iniciadores de respostas.

As respostas plenas ou completas são aquelas por meio das quais o sujeito demonstra concordância ou discordância (total ou parcial) em relação ao que um dos participantes do ato de fala acabou de dizer. Em verdade essas respostas completas são consideradas como turnos em si mesmas, ou podem ser combinadas com material posterior proveniente do mesmo falante. As respostas completas podem ser:

(21) a. *yes, no* ‘**sim, não**’

b. *perhaps, certainly, certainly not, I hope not* ‘**talvez, certamente, certamente não, eu espero que não**’

c. *it is, it isn't, she certainly is* ‘**é, não é, ela certamente é**’

Os iniciadores de respostas, ao contrário das respostas plenas, são aqueles que, por si mesmos, não são constituídos de respostas completas, embora sirvam para introduzir a reação do sujeito em relação ao que o outro acabou de dizer.

(22) *Well, no, I'm supervising here.* ‘**Bem**, não, eu estou supervisionando aqui’.

b) Cauda

No que concerne à “cauda”, Dik (1997) utiliza comumente esse termo para os constituintes extraoracionais que tipicamente estão fora da cláusula em decorrência de uma queda prosódica.

(23) *It's rather hot in here, isn't it?* ‘Está bastante quente aqui, **né?**’

Enfim, podemos concluir que os constituintes extraoracionais preenchem um grande número de funções na organização do discurso e sua categoria gramatical não pode ser derivada pela oração na qual ocorrem, de forma que tais constituintes deverão ser interpretados dentro de um contexto de um modelo gramatical que leve em conta níveis de organização linguística mais altos que a própria cláusula.

Já citamos a importância dos constituintes externos à oração para uma gramática que deseja adquirir uma adequação pragmática, mas obviamente essa não seria a única razão pela qual pesquisamos tais funções. Ocorre que esses constituintes também interagem com a estrutura interna da oração de diferentes maneiras, co-determinando a interpretação pretendida, bem como sendo diacronicamente absorvidos na estrutura desta. Dik (1997), em sua Gramática Funcional, não fornece uma definição para as funções extraoracionais, apenas menciona algumas propriedades que nos ajudam a identificá-las. São tipicamente colocadas para fora da oração propriamente dita, por meio de pausas realizadas ou inflexões no contorno prosódico; quando deixados de fora, a mesma oração forma um todo integral e, por fim, não

são suscetíveis às regras gramaticais que operam dentro dos limites da oração, embora possam caracterizar relações entre elas em um discurso em andamento.

Na próxima seção, refletiremos sobre as propriedades dos marcadores discursivos, ou como alguns autores também denominam, “marcadores conversacionais”. Com ela, pretendemos observar algumas características compartilhadas entre constituintes pragmáticos extraoracionais e marcadores discursivos.

3.4. Marcadores discursivos/conversacionais e sua caracterização textual-interativa

A expressão “*marcador conversacional*” deve designar não só elementos verbais, linguísticos, mas também elementos prosódicos e não linguísticos cuja função predominante é a função interacional na fala.

Essas unidades discursivas, extremamente frequentes nos textos orais, foram tratadas por vários autores, recebendo as mais variadas denominações.

Said Ali (1930) já mencionava certas expressões de emprego espontâneo muito frequente na oralidade corrente. A gramática normativa chama essas expressões de “palavras expletivas” ou de “realce”. Said Ali relacionou as exigências da situação de comunicação e a necessidade de expressão emotiva. Atualmente, essas expressões são tratadas sob diversos rótulos no âmbito da Análise da Conversação.

Gülich (1970), por exemplo, denomina o marcador conversacional de “sinal de articulação”, apresentando propriedades tanto sintáticas como comunicativas, e o classifica em: i) “sinal de abertura”; ii) “sinal de fechamento” e iii) “sinal de ponte”. As propriedades “sinal de abertura” e “sinal de fechamento” coincidem com a “função fática” da comunicação, enquanto que a propriedade “sinal de ponte” coincide com a “função textual” de Halliday (1976), para quem essa função é a que capacita o falante e o escritor a construir “textos”, ou passagens encadeadas de discursos que sejam situacionalmente apropriadas; outrossim, ela capacita o ouvinte ou leitor a distinguir um texto de um conjunto aleatório de orações.

Pawley (1973^a, 1973^b) denomina os marcadores conversacionais ou marcadores do discurso de maneira bem semelhante a Gülich (1970), pois os chama de “sinais de tráfego” ou “sinais de orientação”, devido à importância desses marcadores para a organização verbal.

São considerados “sinais de tráfego” todos os marcadores que permitem o controle de tomada de turno na conversação, os que sinalizam a troca de tópicos na conversação, os que indicam a continuidade do turno etc.

Os autores Brown e Levinson (1978) partem de estudos feitos por Goffman (1967), que revelam a necessidade de todo indivíduo de preservar e de ver preservada a sua face⁴A conversação apresenta, portanto, uma ameaça à face dos interlocutores, uma vez que é uma atividade em que se desenvolvem negociações permanentes. Por isso autores como Kress & Fowler (1979) entendem que as relações comunicativas são geralmente assimétricas, no sentido de que um dos participantes tem mais autoridade que o outro; as diferenças de classe ou *status* estão em jogo no discurso; a relação é uma negociação sobre o poder. Dessa forma, para Brown e Levinson (1978), os marcadores conversacionais são utilizados como um dos recursos para contornar ou mesmo evitar as ameaças potenciais próprias da atividade interacional, revelando-se por meio de estruturas lingüísticas. Dessa forma, os atos que potencialmente ameaçam as faces negativa ou positiva do falante ou do ouvinte são geralmente, introduzidos ou conduzidos com algum marcador prosódico ou verbal dependendo do propósito que o locutor tenha no momento da elocução.

Ainda, segundo Levinson (1983), os marcadores têm, no mínimo, um componente de significado que resiste ao tratamento de condição de verdade. O que eles parecem fazer é indicar alguma porção do discurso anterior e, de acordo com o linguista Fraser (1990), foi a partir de Levinson (1983) que surgiram três importantes trabalhos detalhados dos marcadores discursivos no inglês: o primeiro trabalho é o de Schourup (1985), que sugere que, na análise do discurso conversacional, assumam-se um modelo tripartite:

- 1º. O mundo privado do falante (o que ele tem em mente);
- 2º. O mundo partilhado do falante (mundo privado dos outros participantes);
- 3º O outro mundo (mundo privado dos outros participantes).

O foco de Schourup (1985) é *like, well e y'know*; ele analisou em sua pesquisa como funciona cada uma dessas partículas.

⁴ A palavra face deve ser tomada no sentido figurado que recebe nas expressões da língua comum “perder a face, salvar a face”, isto é, no sentido de prestígio, honra e dignidade. No modelo de Brown e Levinson, a noção é ainda ampliada pela incorporação do que os etólogos das comunicações (como Goffman) chamam de território. Esses autores distinguem, com efeito, para todo sujeito: duas faces complementares, a face negativa (conjunto dos tipos do eu: tipos, corporal, temporal, bens materiais ou simbólicos) e a face positiva (conjuntos de imagens, valor de si mesmos que os interlocutores constroem e tentam impor na interação), porque cada um procura conservar impactos, e mesmo melhorar, seu território e sua face positiva. *Dicionário de análise do discurso*. Patrik Charadeau e Dominique Maingueneau. P.235.

O segundo trabalho de referência é de Schiffrin (1987). A autora analisou os marcadores *and, because, but, I mean, now, oh, or, so, then, well, y'know*, para saber como essas partículas ocorrem na interação e nas conversações não estruturadas. A linguista, neste trabalho, aponta para um modelo de discurso que contém cinco planos de análise, a saber:

1°. Estrutura de troca que reflete os mecanismos de mudança ou de troca conversacional e mostra o resultado da tomada do turno dos participantes e como essas alterações estão relacionadas umas com as outras;

2°. Estrutura de ação que reflete a sequência de atos de fala que ocorre no discurso;

3°. Estrutura ideacional que reflete certas relações entre as ideias (proposições) no discurso;

4°. Sistema de participação que reflete os meios pelos quais falantes e ouvintes se relacionam uns com os outros, bem como a orientação para os enunciados;

5°. Estado de informação que reflete a organização contínua do conhecimento e como este envolve o decorrer do discurso.

Schiffrin (1987) também define que os marcadores servem a três funções: a) funcionam como coordenadas contextuais; b) indicam enunciados adjacentes para o falante, o ouvinte ou ambos; c) indicam enunciados adjacentes para o discurso anterior e o subsequente. Ainda para a linguista, os marcadores discursivos servem a uma função integrativa, contribuem para a coerência do discurso e servem como um tipo de “*discourse glue*” (cola do discurso).

O terceiro trabalho de referência encontra-se em Blakemore (1987). Essa linguista analisou os marcadores *and, after all, you see, but, moreover, furthermore* e *so*. A autora chama esses marcadores de “conectivos do discurso”. E assinala que essas expressões são usadas para indicar como a relevância de um segmento do discurso é dependente do outro. Para a linguista, os marcadores impõem restrições sobre a relevância em virtude das conexões inferenciais que eles expressam.

Preti (1987, p. 2), por sua vez, define os marcadores como “vocábulo ou expressões estereotipadas, quase sempre desprovidas de valor semântico e de papel sintático, que funcionam como elementos de interligação para os vários segmentos do discurso”.

Já Marcuschi (1989, p. 282) usa, para os marcadores discursivos, o termo “marcador conversacional”, uma vez que os considera tanto em suas propriedades interacionais (na

condução dos atos ilocutórios e de relações interpessoais) como em suas propriedades intratextuais (na estruturação da cadeia linguística). Em virtude desses marcadores apontados por Marcuschi servirem à organização da interação, à articulação do texto e à orientação de força ilocutória, são considerados unidades multifuncionais.

Marcuschi (1989) leva em consideração, também, que o locutor, na interação, organiza o seu texto o tempo todo, inserindo marcadores conversacionais em qualquer ponto. Em face dessa possibilidade, o autor considera que os marcadores conversacionais podem ocupar as posições iniciais, mediais e finais em relação aos enunciados e /ou turnos.

Para o linguista, em estudos sobre os recursos verbais, os marcadores conversacionais pertencem a dois grandes grupos que variam de acordo com sua fonte de produção: a) sinais do falante; b) sinais do ouvinte.

No que se refere ao aspecto formal dos marcadores, Marcuschi (1989), na tentativa de sistematizar as formas em classes de marcadores conversacionais no português brasileiro, os subdividiu em quatro grupos, a saber:

- Marcador simples: realiza-se com um só lexema ou paralexema, como interjeição, advérbio, verbo, adjetivo, conjunção, pronome, etc;
- Marcador composto: apresenta caráter sintagmático com tendência à estereotipia e com pouca variação morfológica no tipo produzido;
- Marcador oracional: pequenas orações que podem se apresentar em todos os tempos e formas verbais ou modos oracionais. Fazem parte desse tipo os marcadores de caráter estritamente semântico e pragmático, como paráfrases, resumos, repetições de frases curtas etc;
- Marcador prosódico: tipo de marcador realizado com recursos prosódicos e geralmente produzido com algum marcador verbal. Fazem parte deste grupo a entonação, a pausa, a hesitação, o tom de voz, etc.

Segundo o linguista, os marcadores conversacionais têm sua razão de ser em decorrência das funções interacionais que desempenham. Essas funções comandam e controlam as estratégias adotadas pelos interlocutores, tanto na construção como na manutenção de suas identidades e relações sociais.

A forma como um esquema interacional se estrutura vincula-se à natureza da ação praticada. Ou seja, para que possamos analisar um esquema, é necessário que observemos o

que os interlocutores fazem ou podem fazer no decorrer de uma interação verbal, dada a grande quantidade de atos possíveis, tais como informações, asserções, perguntas, respostas, concordância, ordens, elogios etc. Assim sendo, para um locutor realizar esses atos, deve observar certas condições de relevância à produção de um ato comunicativo, denominado por Marcuschi (1989) de nível ilocutório *das ações* linguísticas.

A noção de esquema adotada pelo autor em um diálogo assimétrico é um mecanismo que apresenta uma organização funcional válida para analisar os marcadores conversacionais em contexto de uso.

Outro trabalho muito importante a respeito dos marcadores discursivos é o de Fraser (1990), o qual define que marcador discursivo é uma categoria pragmática bem definida dentro da Gramática. Para o autor, os marcadores discursivos não fazem parte do conteúdo da sentença, mas têm um significado pragmático nuclear e são diferentes de outros tipos de marcadores de comentário, como vocativos, interjeições e expressões como *oh!* e *y' know (oh! e sabe?)*. Para ele, os marcadores discursivos podem ser caracterizados como uma parte do conhecimento que o indivíduo tem da língua e o significado da sentença é analisável em dois tipos separados de informação codificada convencionalmente: o conteúdo e a pragmática.

O significado do conteúdo é o conteúdo proposicional da sentença. O conteúdo da sentença é o conteúdo básico, literal da mensagem.

A informação pragmática é a intenção comunicativa do falante. Esses sinais, marcadores pragmáticos, indicam o tipo de mensagem direta que o falante pretende conduzir no enunciado da sentença.

Fraser (1990) analisa os marcadores discursivos em três grandes tipos: a) básico: aqueles que assinalam com que força o falante pretende que o conteúdo da sentença seja considerado, quando usado em comunicação direta, literal; b) comentário: aqueles que codificam uma mensagem inteira, tanto a força, como o conteúdo e c) paralelo: aqueles que codificam mensagens inteiras.

Ex: (24): *Frankly, my friend, I admit that we are lost* (Fracamente, meu amigo, eu admito que nós estamos perdidos).

Em (24) *Frankly* é comentário, *My friend* é paralelo e *I admit* é básico. Para Fraser (1990), os marcadores discursivos são um tipo de marcadores pragmáticos de comentário, assim como o verbo transitivo é um tipo de verbo. O autor também acrescenta que os marcadores discursivos assinalam como o falante pretende que a mensagem básica que segue relacione-se com o discurso anterior. A relação assinalada pode ser de: paralelismo: *and* (e) resultado: *so* (então), reorientação: *anyway* (de qualquer forma, seja como for) e dissonância: *well* (bem).

Quanto às propriedades gramaticais dos marcadores discursivos, Fraser (1990) faz as seguintes observações:

a) Os marcadores discursivos não são tirados de uma única fonte gramatical, pois refletem fontes do inventário lexical-advérbios, sintagmas usados literalmente, frases idiomáticas, interjeições, conjunções coordenadas e subordinadas e expressões como *anyway* (seja como for) e *okay* (certo), que não se inserem em nenhuma classe;

b) Muitas expressões que funcionam como marcadores discursivos são ambíguas.

Ex: (25) *John left. Now, Mary was really frightened* (John saiu. Agora, Maria estava realmente assustada).

Now (agora) é um mecanismo/dispositivo focalizador, mas em:

(26) *John left. Now Mary was really frightened* (John saiu. Agora Maria está realmente assustada. *Now* (agora) é advérbio de tempo em posição preposta.

c) Quando uma expressão funciona como marcador discursivo, esta é sua única função na sentença. Marcadores discursivos não têm efeito no conteúdo de uma sentença.

d) Marcadores discursivos ocorrem, tipicamente, na posição inicial da sentença, mas podem ser internos ou finais. Para Fraser (1990), é problemática a definição do que é enunciado e, por isso, o que é inicial, interno ou final.

e) Os marcadores discursivos somente orientam o ouvinte, não criam significado. A presença ou a ausência do marcador discursivo não altera a relação do discurso potencial entre a mensagem que segue e a precedente.

Ex: (27) *Mary left* (Maria saiu).

John stayed (John ficou).

(i) *And John stayed.* (E John ficou).

(ii) *So John stayed.* (Então John ficou).

(iii) *Well, John stayed.* (Bem, John ficou).

O ouvinte é provido com uma orientação lexical do que o falante considera ser a relação do discurso, pois os marcadores discursivos são guias úteis para clarificar uma intenção comunicativa do falante.

f) Marcadores discursivos distinguem-se de outras classes de marcadores pragmáticos de comentário que ocorrem no início do enunciado, pois para Fraser (1990), os marcadores discursivos são um tipo de marcador pragmático que assinala uma relação do discurso sequencial.

É importante ressaltar, também, o trabalho de Andrade (1990), o qual examina, especificamente, os marcadores *então*, *aí* e *daí* em suas propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas. Analisa, também, nesse estudo, esses marcadores em seus contextos e condições de produção, e não separadamente, já que eles se realizam em atividades interacionais entre indivíduos, durante a conversação. Exatamente por isso, a autora considera os marcadores como “elementos que auxiliam na articulação de um sentido ou na continuidade de sentidos para a elaboração de um texto conversacional coesivo e coerente estabelecendo a interação entre os interlocutores” (p.2-3)

A linguista Duque Estrada (1992) estudou o marcador *né* em conversações informais, na fala urbana culta paraense. Analisou esse marcador levando em conta a definição de sua forma, localização e entonação nas unidades comunicativas e apresentou as funções de abrandamento e de indicação de relevância exercidas por esse marcador.

Já Urbano (1993, p.81) refere-se aos marcadores como:

“elementos de variada natureza, estrutura, dimensão, complexidade semântico-sintática, aparentemente supérfluos ou até complicadores, mas de indiscutível significação e importância para qualquer análise de texto oral e para sua boa e cabal compreensão”.

De acordo com a visão de Roulet *et alii* (1995), os marcadores conversacionais são “conectores pragmáticos” e podem ser subdivididos em três tipos: os *marcadores da função ilocutória*, os *marcadores de função interativa* e os *marcadores de estruturação da conversação*. Segundo os autores, esses marcadores apresentam dupla função: ao articularem as relações interpessoais, esses conectores organizam os quadros discursivos em seus alcances e hierarquias e, como estruturadores contextuais, asseguram o desenvolvimento progressivo do discurso, atuando, simultaneamente, no plano enunciativo como metaoperadores.

Outro trabalho de notória relevância é o de Oliveira Neto (1995), que adota a mesma nomenclatura de Marcuschi (1989), e estuda os marcadores conversacionais *né*, *aí* e *assim* na fala dos canoeiros do ver-o-peso em Belém-PA. O autor constata que o marcador apelatório *né*, o continuador *aí* e o reforçatório *assim*, dada a sua maior ocorrência e frequência na fala dos canoeiros, a par de exercerem essas funções básicas, adquirem diferentes efeitos de sentido durante o processo comunicativo entre informantes e documentador, exercendo, ainda, o papel de organizadores do discurso.

Risso, Silva e Urbano (2006) também utilizam, como Zorroquino e Portolés (1999), a designação de “marcadores discursivos” e acreditam que essa denominação é mais adequada e abrangente do que a de “marcadores conversacionais”. Embora esta seja a denominação mais corrente e aceita pelos linguistas brasileiros, julgam os autores que é mais limitada, por sugerir, inevitavelmente, um comprometimento exclusivo com um tipo de texto oral, que é a conversação.

O trabalho de Risso, Silva e Urbano (2006) objetivou estabelecer traços básicos identificadores do estatuto dos marcadores discursivos, capazes de conduzir a uma definição mais precisa e operacionalmente viável de sua natureza.

A investigação sobre as propriedades definidoras dos marcadores discursivos foi feita a partir da análise de ocorrências em quinze inquéritos do Projeto NURC-BR, os quais constituem, em conjunto, o *corpus* mínimo estabelecido para o desenvolvimento do projeto “Gramática do Português Falado”. Esse *corpus* foi constituído de elocuições formais (*EF*), diálogos entre informante e documentador (*DID*) e diálogos entre dois informantes (*D2*).

Foram encontradas 1298 ocorrências analisadas em relação a dez variáveis: padrão de recorrência; articulação de segmentos do discurso; orientação da interação; relação com o conteúdo proposicional; transparência semântica; apresentação formal; relação sintática com a estrutura gramatical da oração; demarcação prosódica; autonomia comunicativa e massa fônica.

A apuração dos dados referentes às dez variáveis consideradas na análise das unidades inicialmente levantadas, levando-se em conta as frequências maiores obtidas e as associações mais regulares quanto aos traços funcionais - de articulação tópica e de orientação da interação - levou à depreensão dos seguintes traços aplicáveis aos marcadores:

- alta recorrência;
- exterioridade ao conteúdo proposicional;
- transparência semântica parcial;
- invariabilidade formal ou variabilidade restrita;
- independência sintática;
- demarcação prosódica;
- não-autonomia comunicativa;
- massa fônica reduzida.

No que diz respeito à alta recorrência, as autoras Risso, Silva e Urbano (2006) consideraram-na, importante não só por causa do método quantitativo-descritivo adotado por elas, como também porque foi constatada a alta frequência das formas consideradas como marcadores discursivos. Os dados apurados apontaram para a faixa de alta reiteração da forma ao longo do discurso em uma frequência de (77, 9%) para o traço de maior recorrência, sobre os traços de baixa (11,5%) e média (10,1%).

A variável referente à exterioridade ao conteúdo proposicional enquadra as unidades que integram ou não o conteúdo proposicional dos enunciados a que elas concernem. Embora as unidades exteriores possam não contribuir diretamente para o conteúdo referencial em si, contribuem, para a sua modalização e para o seu desenvolvimento organizacional. As autoras usaram também o traço não se aplica para os casos em que não estava em jogo a integração ou não integração ao conteúdo básico da mensagem, como nos casos das interjeições. O resultado da pesquisa de Risso, Silva e Urbano (2006) apontaram para 91,8% dos casos como

exteriores ao conteúdo proposicional e uma porção mínima de 6,1% como não-exteriores, ficando inexpressivos 2,1% para o traço referente a não se aplica.

A transparência semântica, nesse trabalho, fora dividido em quatro traços, transparência semântica total, quando usada no sentido lexical, previsto no dicionário, ou no estrutural, previsto na gramática; transparência semântica parcial, quando passa por um processo de acomodação semântica, motivando parte da perda da transparência denotativo-referencial; opacos, grau máximo de estereótipos ou idiomatismos; e não se aplica, referentes aos casos dos elementos não lexicalizados. De acordo com as autoras, o traço predominante fora a transparência semântica parcial (53,4%), destacando-se da transparência total (36%), e das unidades opacas (2,1%), sobrando 8,6% para os casos de não aplicabilidade.

Em relação à invariabilidade formal ou variabilidade restrita, foram estabelecidos dois traços, aquele que representaria as formas mais comumente fixas e outro que representaria as formas variantes no plano fonológico ou morfossintático. O resultado obtido demonstrou 49,2% de registros cuja forma é única e 50,8% de formas variantes.

Sobre a independência sintática, a pesquisa objetivou verificar se as unidades sob estudo eram alheias ou não à estrutura gramatical da oração, desempenhando ou não alguma função sintática. Os dados percentuais comprovaram a independência sintática (86,9%) sobre a dependência (13,1%).

A outra variável definida por Risso, Silva e Urbano (2006), denominada demarcação prosódica, verificou se as formas sob análise constituíram grupos fonéticos demarcados por pausas e/ou por algum elemento prosódico, grupos fonéticos destacados ou alguma variação melódica. Fora verificado como resultado dessa pesquisa 68,9% de manifestação de pauta prosódica demarcativa e 31,1% da não-existência de demarcação prosódica.

Quanto à autonomia comunicativa, as unidades levantadas no *corpus* foram submetidas a presente variável com os traços de comunicativamente autônomo ou comunicativamente não-autônomo. As formas não autônomas representaram 96,2%, e as ocorrências com autonomia comunicativa 3,8%.

Na última variável, massa fônica, Risso, Silva e Urbano usaram como critério o número de palavras. Elas encontraram, em sua pesquisa, uma acentuada predominância de formas mais curtas 96,7%, correspondente ao limite de até três sílabas tônicas, sobre 3,3% que ultrapassaram esse limite.

Assim, de acordo com as autoras, não obstante a importância individual de cada um dos aspectos relacionados, na revelação de características dos marcadores discursivos, o estatuto desses mecanismos discursivos é estabelecido, com maior segurança, a partir de combinações geradas pela forma de articulações dos traços. Risso, Silva e Urbano (2006) atestaram, pois, a possibilidade da existência de subconjuntos de marcadores discursivos mais modelares, conforme o maior ou menor enquadramento na configuração geral dos traços-padrão identificadores.

3.5. Constituintes pragmáticos extraoracionais e marcadores discursivos:

Os quadros abaixo nos mostram as semelhanças e diferenças apontadas entre os constituintes pragmáticos e os marcadores discursivos.

SEMELHANÇAS

Constituintes pragmáticos extraoracionais	Marcadores discursivos
exterioridade ao conteúdo proposicional	
independência sintática	
maior ocorrência na oralidade	
sujeito a pausas ou inflexões no contorno prosódico	

Quadro 04: semelhanças entre os constituintes pragmáticos e os marcadores discursivos

DIFERENÇAS

Constituintes pragmáticos extraoracionais	Marcadores discursivos
menos frequente que os marcadores	mais frequentes que os constituintes
sujeito a menos varibilidade formal	sujeito a mais variabilidade formal
comunicativamente autônomos	comunicativamente não-autônomos
probabilidade menor a massa fônica reduzida	probabilidade maior a massa fônica reduzida
não estar sujeito à gramaticalização	sujeito à gramaticalização

Quadro 05: diferenças entre constituintes pragmáticos e marcadores discursivos

Quanto às diferenças encontradas entre os constituintes pragmáticos e os marcadores discursivos, percebemos que a mais significativa diz respeito ao fato de que os marcadores discursivos estão sujeitos à gramaticalização, o que não ocorre com os constituintes pragmáticos extraoracionais, e, diante dos quadros 04 e 05, verificamos que os constituintes estão inseridos no grupo dos marcadores discursivos, de maneira que podemos concluir que todo constituinte é um marcador discursivo, mas nem todo marcador discursivo é um constituinte pragmático extraoracional.

SÍNTESE CONCLUSIVA

Este capítulo trata dos Marcadores Discursivos, identificando-os, inicialmente, com os Constituintes Pragmáticos extraoracionais, de acordo com a proposta de Dik (1997), que leva em conta as funções que desempenham no contexto de uso: *manejo de interação, especificação de atitude, organização do discurso e execução do discurso*.

Em seguida, faz uma revisão da literatura a respeito dos marcadores discursivos, a classificação de alguns autores, bem como as principais funções desses marcadores em estudo e os tipos de marcadores. Para tanto, fazemos um retrospecto das mais variadas denominações dessas unidades e nos valemos de importantes pesquisas como, por exemplo, o trabalho de Risso, Silva e Urbano (2006), no que tange à utilização de algumas categorias de análise, por acreditarmos fundamental para uma melhor depreensão das propriedades identificadoras dos marcadores discursivos.

Finalmente, por meio de uma comparação entre os constituintes pragmáticos e os marcadores discursivos, apontamos as semelhanças e as diferenças entre ambos, concluindo que todo constituinte é um marcador discursivo, mas nem todo marcador é um constituinte pragmático extraoracional.

CAPÍTULO IV

4. A EMERGÊNCIA DOS MARCADORES DISCURSIVOS: Gramaticalização e discursivização

4.1.Introdução

Neste capítulo, discorreremos a respeito dos processos de mudança linguística Gramaticalização e Discursivização, sobretudo, porque dentre os objetivos específicos desta pesquisa, pretendemos reavaliar, a partir da literatura sobre esses processos e por meio da verificação da frequência, que propriedades apontadas se confirmam como critérios definidores do estatuto dos constituintes extraoracionais, bem como apresentamos alguns trabalhos referentes à discursivização no Brasil.

4.2. A emergência dos marcadores

De acordo com Martelotta, Votre e Cezario (1996), Gramaticalização e Discursivização constituem processos especiais de mudança linguística.

Gramaticalização leva itens lexicais e construções sintáticas a assumir funções referentes à organização interna do discurso ou a estratégias comunicativas.

Discursivização leva o item a assumir função de *marcador discursivo*, modalizando ou reorganizando a produção da fala, quando a sua linearidade é momentaneamente perdida, ou servindo para preencher o vazio causado por essa perda da linearidade.

O elemento pode tornar-se mais gramatical, ou seja, assumir posições mais fixas na oração, apresentando-se mais previsível no que diz respeito a seu uso (gramaticalização); ou menos gramatical, ou seja, assumir funções relacionadas ao processamento do discurso (e, conseqüentemente, também interativas), perdendo as restrições gramaticais típicas de seus usos originais e tendo, assim, o seu leque de possibilidades de colocação aumentado (discursivização).

Para Martelotta, Votre e Cezario (1996), o discurso não é visto como parte da gramática da língua, mas para alguns, como Traugott (1995), o fenômeno de mudança linguística é um *continuum* de gramaticalização em que o discurso faz parte da gramática. A autora procura verificar que lugar o desenvolvimento de marcadores discursivos ocupa em uma teoria da gramaticalização, defendendo a posição de que também esse tipo de item discursivo pode ser tratado dentro do processo de gramaticalização.

Dentre os vários processos de mudança linguística, a gramaticalização é um dos mais investigados nas línguas em geral. A constante renovação do sistema linguístico, percebida, sobretudo, pelo surgimento de novas funções para formas já existentes e de novas formas para funções já existentes, proposta por Hopper (1987), traz à tona a noção de “gramática emergente”, concepção assumida de modo explícito ou não por vários estudiosos da gramaticalização.

Uma gama de termos alternativos surgiu para rotular esse fenômeno de mudança linguística, desde que ele se difundiu no final da década de 1980.

Apesar de o termo *gramaticalização* ser o mais recorrente na literatura, aparecem, também, na referência ao mesmo processo, e sem diferenças muito significativas, termos variantes como *gramaticização*. Ocasionalmente, aparecem ainda como sinônimos de *gramaticalização* termos inadequados para a descrição do processo em si, porque identificam apenas suas características semânticas e/ou sintáticas, tais como *reanálise*, *sintaticização*, *bleaching* (*desbotamento*) *semântico*, *enfraquecimento semântico*, *desaparecimento gradual semântico*, *condensação*, *redução etc.* (Heine et al., 1991)

Segundo Gonçalves et al (2007), alguns estudos iniciais sobre gramaticalização datam do século X na China e continuam a se desenvolver no século XVII, com Condillac e Rousseau (na França) e com Tooke (na Inglaterra); e, no século XVIII, com Bopp, Schelegel, Humboldt, Gabelentz (na Alemanha) e Whitney (nos Estados Unidos). Finalmente, como hoje concebidos, chegam ao século XX, nas décadas iniciais (1912), tendo em Meillet (na França) a figura central. A partir daí, podem ser citados vários linguistas que, mais aprofundadamente, começaram a desenvolver pesquisas sobre gramaticalização, principalmente na Alemanha (Lehmann, Heine, Cladi, Hünemeyer) e na Costa Oeste Americana (Givón, Hopper, Traugott, Bybee, Pagliuca, entre outros).

Vale ressaltar, também, de acordo com Gonçalves et al (2007), que todos esses estudiosos fazem a distinção entre itens lexicais, signos linguísticos plenos, classes abertas de

palavras, lexemas concretos, palavras principais, de um lado, e itens gramaticais, signos linguísticos “vazios”, classes fechadas de palavras, lexemas abstratos, palavras acessórias, do outro, e todos também consideram que as últimas categorias tendem a se originar das primeiras.

Hopper (1987), por exemplo, entende a gramática das línguas como constituída de partes cujo estatuto vai sendo constantemente negociado na fala, não podendo, em princípio, ser separado das estratégias de construção do discurso. Subjazem a esse entendimento uma concepção de língua como atividade no tempo real e a postulação de que, a rigor, não há gramática como produto acabado, mas, sim, constante gramaticalização.

Os linguistas que lidam com gramaticalização podem ser classificados segundo o tipo de trabalho ou método adotado, todavia nem sempre essa classificação é simples e clara, pois, a depender do fenômeno, as exigências para a apreensão de seu movimento são amplas. Para alguns, a gramaticalização pode ser processo, mas também pode ser paradigma.

Ainda de acordo com os autores Gonçalves et al. (2007),

a “gramaticalização é considerada paradigma se observada num estudo da língua que se preocupe em focalizar a maneira como formas gramaticais e construções surgem e como são usadas. É considerada processo se se detiver na identificação e análise de itens que se tornam mais gramaticais. Pode, ainda, ser observado de duas perspectivas: *diacrônica*, se a preocupação do estudo estiver voltada para a explicação de como as formas gramaticais surgem e se desenvolvem na língua, ou *sincrônica*, se a preocupação estiver voltada para a identificação de graus de gramaticalidade que uma forma lingüística desenvolve a partir dos deslizamentos funcionais a ela conferidos pelos padrões fluidos de uso da língua, portanto, sob um enfoque discursivo-pragmático. A combinação dessas duas perspectivas (*pancrônica*) também é uma possibilidade metodológica. (p. 16)

A gramaticalização se instaura no momento em que uma unidade linguística começa a adquirir propriedades de formas gramaticais ou, se já possui estatuto gramatical, tem sua gramaticalidade ampliada.

Os autores acima mencionados, Gonçalves et al. (2007), deixam claro que:

Ao se falar em gramaticalização, há muitas controvérsias que se aplicam essencialmente ao nome do processo. Todavia, tanto sob o rótulo gramaticalização (em sua acepção mais ampla) quanto sob o rótulo multissistema, o que ocorre é que, à medida que as propriedades de uma unidade linguística vão se alterando, ela vai se tornando membro de novas categorias, em razão de uma reanálise categorial, o que permite enquadrar uma mesma forma em categorias diversas. Da adoção de uma outra dessas abordagens (gramaticalização como um processo amplo ou língua como multissistema), naturalmente, decorrem exigências metodológicas e implicações quanto à extensão do tratamento linguístico em cada subprocesso e nos demais processos. Esses movimentos podem ser apreendidos por três princípios: ativação, ou princípio da projeção pragmática, que diz respeito à escolha de categorias cognitivas e ao agrupamento de traços que irão compor a dimensão gramatical, semântica e discursiva do item reativação, ou princípio de correção, que diz respeito ao movimento mental de uma nova ativação de traços lexicais. O efeito desse processamento no discurso pode ser apreendido por meio das retomadas textuais e nas relações coesivas sinalizadoras de ilustrações, exemplificações e esclarecimentos sobre partes textuais precedentes e, por fim, o princípio da desativação, ou princípio do silêncio, que se refere ao processo de eliminação de traços previamente escolhidos nos vários sistemas linguísticos (p.16).

Esse processamento atua no sistema discursivo e tem como efeito a abertura de espaços para digressões, parênteses e/ou mesmo, abandono do tópico em desenvolvimento.

Segundo Castilho (2006), o fundamento desses princípios está nas estratégias de gestão dos turnos conversacionais, o que situa a conversação como a manifestação discursiva por excelência.

4.3. Estágios ou fases relativos à mudança

De acordo com o exposto, Gonçalves et al. (2007) esclarecem que:

A *sintetização* tem lugar quando um item ou construção recorrente no discurso começa a adquirir propriedades que o deslocam de sua classe categorial de origem, procedendo a uma recategorização. Assim é que essa fase da mudança atende a princípios como o da “descategorização” (HOPPER; 1991, 1996), por meio do qual um item lexical “perde” ou “neutraliza” as marcas morfológicas e os privilégios sintáticos que caracterizam as formas plenas como nomes e verbos, vindo, assim, a assumir atributos das categorias secundárias, mais gramaticalizadas, como advérbios, preposições, clíticos, afixos, podendo, em alguns casos chegar a zero⁵ (p.32)

O próximo estágio, após a *sintetização*, ainda de acordo com esses autores, é a *morfologização*, por meio da qual surgem, na língua, as formas presas, sejam elas afixos flexionais ou afixos derivacionais. Segundo os autores um exemplo recorrente na literatura sobre gramaticalização vem do Tok Pisin, uma língua pidginizada falada na Papua Nova Guiné, na qual um marcador de futuridade se desenvolve de uma expressão adverbial temporal ([*bambai* ‘bye-and-bye’] > [*bai*]) Hopper & Traugott, (1993, 211). Em [*bambai*] > [*bai*], há a atuação do princípio de “erosão” fonética, que leva a uma perda considerável de massa sonora e, assim, a forma original se ajusta à classe das formas presas no que diz respeito à quantidade de material fonológico. Tem-se, assim, nessa fase de gramaticalização, a passagem dos níveis da sintaxe para a morfologia e da técnica analítico para sintético-aglutinante.

A fase da *desmorfemização* pode levar um morfema a desaparecer por completo, sendo sua função assumida por outros itens com os quais ele co-ocorre. Um exemplo de *desmorfemização* ainda em curso pode ser encontrado no sistema descontínuo de negação do francês, instanciado na estrutura *ne... v...pas*, em que *ne*, na fala vernacular, pode ser omitido por completo, como resultado da gramaticalização de *pas*. No francês antigo, nomes semanticamente independentes podiam ser usados como reforço da partícula de negação *ne* (*pas* ‘passo’, *point* ‘ponto’, *gote*, ‘gota’, *mie* ‘migalha’). O nome de reforço *pas*, entretanto, inicialmente era empregado somente quando *v* era um verbo de movimento. Posteriormente, *pas* se estende e passa, compulsoriamente, a se combinar com qualquer *v*, assumindo o papel

⁵ Contrariamente a essa visão é que Castilho (2002) propõe, na sua teoria multissistêmica, a existência dos princípios de ativação, reativação e desativação de propriedades lexicais que, combinadas nos vocábulos, constroem a dimensão discursiva, semântica e gramatical dos itens lexicais.

de marcador de reforço de negação. No francês vernacular, *pas* assume por completo as funções de *ne*, podendo este ser apagado por completo (Hopper; Traugott, 1993).

Outra forma de “medir” a gramaticalização de um item/estrutura é baseada nos valores semânticos, aplicável a uma esfera mais conceptual. A transferência de um sentido “literal” para outro “figurado” e a de um domínio de conceptualização para outro promovem o deslizamento de um sentido mais concreto para um mais abstrato.

Desta maneira, Gonçalves et al. (2007)

consideram a gramaticalização como um processo dinâmico que reflete não somente o movimento contínuo em torno da estrutura (nas relações estabelecidas), mas ainda como uma atividade cognitiva com reflexos na própria estrutura. Nesse processamento, que se inicia por motivações devidas aos usuários da língua, sobreposições da combinação sentido/forma geram ambiguidades, polissemias, que se traduziriam numa assimetria. Tal assimetria, por se constituir um problema comunicativo ao falante-ouvinte será resolvida pela reanálise e analogia que provocariam a paradigmática da nova forma. Portanto, a movimentação do processo de gramaticalização pode ser representada num *continuum* que tanto envolve a variação conceptual quanto a contextual. (p. 34).

4.4. Princípios de gramaticalização segundo Hopper (1991)

Segundo Hopper (1991), a gramática de uma língua é sempre emergente, ou seja, estão sempre surgindo novas funções, valores ou usos para formas já existentes e, nesse processo de emergência, verificável a partir de padrões fluidos da linguagem, é possível reconhecer graus variados de gramaticalização que uma forma vem assumir nas novas funções que passa a executar.

De acordo com o autor, os diferentes princípios de gramaticalização são estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização. Estes princípios acentuam o caráter gradual de gramaticalização, uma vez que conferem aos elementos analisados o grau de “mais” ou “menos” gramaticalizados, os quais explicamos a seguir.

Estratificação: Dentro de um domínio funcional mais amplo, novas camadas emergem continuamente. Quando isto acontece, as camadas mais antigas não são necessariamente descartadas, mas podem continuar a coexistir e a interagir com as camadas mais novas. Como exemplo desse princípio temos, no português brasileiro falado, a forma *a gente*, proveniente da forma latina *gens, gentis*, usado para nomear um número indeterminado de pessoas. Em alguns contextos, a expressão *a gente* passou a competir com as formas de 1ª pessoa, *eu* e *nós*.

Divergência: Quando a forma lexical sofre uma gramaticalização de um clítico a um afixo, a forma lexical original permanece como um elemento autônomo e sofre as mesmas mudanças que os itens lexicais comuns. Segundo Hopper (1991), a divergência poderia ser um caso especial de estratificação, embora com diferenças significativas, pois, apesar de ambas visarem aferir graus de gramaticalização de estratégias gramaticais, suas atuações incidem sobre campos distintos: a estratificação remete às diferentes codificações de uma mesma função, enquanto a divergência remete aos diferentes graus de gramaticalização de um mesmo item lexical. Um exemplo deste princípio é o caso ainda da expressão *a gente*, cujo substantivo permanece no sistema da língua como item autônomo, sem qualquer alteração fonológica.

Especialização: O terceiro princípio tem relação com a questão do estreitamento da escolha de formas pertencentes a um mesmo domínio, ou seja, relaciona-se com o estreitamento de opções para se codificar determinada função, à medida que uma dessas opções começa a ocupar mais espaço por estar mais gramaticalizada. Dentro de um domínio funcional, em determinado estágio, uma variedade de formas com nuances semânticas diferentes pode ser possível; quando a gramaticalização ocorre, essa variedade de escolhas se estreita, e um número menor de formas selecionadas assume significados gramaticais mais gerais. Um exemplo deste princípio é a maior utilização da forma *a gente* por parte dos jovens em relação aos adultos.

Persistência: Quando uma forma sofre gramaticalização de uma função lexical para uma gramatical, tanto quanto isto seja gramaticalmente viável, alguns traços do seu significado lexical original tendem a aderir à nova forma gramatical, e detalhes de sua história lexical podem ser refletidos nas restrições de sua distribuição gramatical. Um exemplo disto se aplica a ideia de coletividade do substantivo *gente* que é retida na forma gramaticalizada *a gente*, o que contribui para sua referência indeterminadora.

Descategorização: Formas em processo de gramaticalização tendem a perder ou neutralizar as marcas morfológicas e as propriedades sintáticas das categorias plenas N(nome)

e V(verbo) e a assumir atributos característicos de categorias secundárias, mais gramaticalizadas, tais como o adjetivo, o particípio, a preposição etc. Um exemplo se dá nos processos morfossintáticos que afetam o substantivo *gente*, mas que não se aplicam à forma gramaticalizada *a gente*

Os princípios de Hopper tratam de manifestações semânticas preparadas ou conservadas pelo deslocamento gramatical das unidades em mudança. A descategorização é um fenômeno um pouco à parte, porque ela é a condição preliminar nos diferentes movimentos de mudança.

Além do problema do *continuum* semântico e das formas e da ideia dos traços que deixam seu curso do sentido antigo para o novo, falta avaliar a perda semântica, da forma original à forma de chegada. Em certos casos, fala-se de dessemantização; nos termos formulados por Haiman (1991), o enfraquecimento (*bleaching*) semântico corresponde à perda semântica no fim do processo: “um morfema perde sua intenção: ao descrever um estreito conjunto de ideias, vem descrever sempre o mais largo alcance delas, e eventualmente pode perder seu significado completamente” (p.154)

Na verdade, trata-se de um efeito de pêndulo onde se reequilibram a diminuição relativa do conteúdo semântico e o crescimento das funções gramaticais ou pragmáticas.

4.5. Os mecanismos da gramaticalização

Heine (1994) defende que, para se dar conta da gênese e desenvolvimento de categorias gramaticais, é necessário analisar a manipulação cognitiva e pragmática, razão pela qual a transferência conceptual e os contextos que favorecem uma reinterpretação devem ser observados. Esse processo envolve dois mecanismos: a transferência conceptual (metáfora) e a motivação pragmática (metonímia).

4.5.1. Metáfora e extensão semântica

Se há um processo de gramaticalização, se há traços semânticos que se perdem e outros que se adquirem, se há uma trajetória precisa da mudança, pode-se interrogar sobre a maneira com que se desenvolvem os novos valores.

Para Langacker (1983, p. 3), “fenômenos como a metáfora e extensão semântica são centrais para a análise do léxico e da gramática”. A transferência de sentido se faz inconscientemente-por metáfora (e com menos frequência por metonímia), por analogia entre os traços do contexto original e os do novo contexto nos quais as formas se inserem (GIVÓN, 1991, p. 258).

Um ponto importante para essa discussão é proposto por Kinberg (1991, p. 328). Trata-se da noção de protótipo: as unidades semânticas não são discretas, e o fato de pertencerem a uma categoria é antes de tudo uma questão de grau.

Para explicar a transferência de sentido, passa-se, portanto, do processo metafórico à ideia de que as formas têm contorno semântico mais aberto do que se admite tradicionalmente. Nós vamos mais longe em aceitar a proposta de certos pesquisadores segundo a qual as formas lexicais ou gramaticais contêm, de modo intrínseco, possibilidades de extensão muito vasta. Esta é a tese que defende Sweetser (1990, p. 148).

Associada a processos de (des)semantização, a metáfora, em gramaticalização, envolve a abstratização de significados, os quais, de domínios lexicais ou menos gramaticais, são estendidos metaforicamente para mapear conceitos de domínios gramaticais ou mais gramaticais.

Essa abstratização diz respeito à forma como os seres humanos compreendem e conceituam o mundo que os cerca. É nesse sentido que as coisas mais próximas são mais claramente estruturadas e delimitadas, menos abstratas, do que as que estão mais distantes.

De acordo com Gonçalves et al. (2007), essa observação permite reconhecer como conceitos-fonte aqueles que se referem a objetos concretos, processos e locações, os quais refletem as experiências humanas mais elementares. Um conceito só é fonte em relação a outro mais abstrato.

Para Heine et al. (1991), a metáfora envolvida na gramaticalização seria pragmaticamente motivada e voltada para a função na gramática. A partir dela não se formam

novas expressões; predicções preexistentes são introduzidas em novos contextos ou aplicadas a novas situações por meio da extensão de significados: “é a metáfora emergente”, cuja origem, que propicia a gramaticalização, seria de natureza “categorial”. Esse sentido permite entender que o desenvolvimento das estruturas gramaticais pode ser descrito em termos de algumas categorias cognitivas básicas e parte sempre, unidirecionalmente, do elemento à esquerda, mais concreto, numa escala mostrada a seguir: pessoa>objeto>processo>espaço>tempo>qualidade.

4.5.2. A metonímia

Segundo Gonçalves et al. (2007), citando Lakoff e Johnson (1980), a metonímia tem uma função referencial que permite usar uma entidade em substituição a outra. Também funciona como mecanismo de entendimento, ou seja, aponta especificamente mais aspectos do que está sendo referido. Tais características demonstram que os conceitos metonímicos não são arbitrários, são sistematizados, fazem parte de pensamentos, ações e fala, e podem ser exemplificados, principalmente, por meio de relações de substituição “da parte pelo todo”, “do produtor pelo produto”, “do objeto pelo usuário”, “do controlador pelo controlado”, “da instituição pela pessoa responsável”, “do lugar pela instituição” e assim por diante.

Heine (1991) define a metonímia como “uma figura de linguagem por meio da qual o nome de uma entidade é usado para outra entidade de algum modo contígua à primeira”, e defende que esse é um mecanismo que contribui para o processo de gramaticalização, podendo desencadear uma reanálise estrutural.

De acordo Gonçalves et al (2007) citando Taylor (1989) e Palmer (1986), a transferência por contiguidade é possível graças à função referencial da linguagem. Apesar de a metonímia ser altamente convencionalizada, nem sempre uma relação de substituição, como, por exemplo, do autor pela obra, é produtiva. A função referencial deve ser sancionada por um corpo de conhecimentos e crenças envolvidos em uma estrutura, uma moldura apropriada, sanção relacionada às singularidades entre as entidades referidas. Tais observações sugerem que a metonímia estabelece conexões entre entidades que co-ocorrem dentro de uma estrutura conceptual dada. Para Taylor (1989), a metonímia é vista, tal qual a

metáfora, como uma categoria de extensão de significados, um processo fundamental de associação de significados baseados na contiguidade.

Ainda de acordo com esse autor, o léxico exhibe vários exemplos da extensão metonímica, que se instancia quando se perspectiviza algum componente de uma estrutura conceptual unitária, e esse conceito perspectivizado aparece associado a outra entidade. É o que surge na gramaticalização, quando elementos de um conceito lexical são associados a elementos referentes ao domínio gramatical.

Segundo Gonçalves et al. (2007), a metonímia, em gramaticalização, remete também a um tipo de inferência pragmática, uma “associação conceptual” fundamentada no mundo discursivo, ou uma transferência semântica licenciada por contiguidade. É uma espécie de permuta que decorre do uso de uma palavra em uma frase na qual uma idéia, de alguma maneira ligada ao significado da palavra em questão, é passível de formar um elemento do contexto.

4.6. As características dos elementos em mudança

Heine e Reh (1984, p. 67) apresentam uma lista de características que perdem e ganham as unidades que se gramaticalizam; segundo eles, quanto mais uma unidade está estabelecida no processo de gramaticalização, mais ela:

- a) perde sua complexidade semântica, sua significação funcional e seu valor expressivo;
- b) perde sua significação pragmática e ganha significação sintática;
- c) reduz o número de membros de seu paradigma;
- d) tende a ter seu uso obrigatório em certos contextos e a ser agramatical em outros;
- e) tende a se fundir, semanticamente e morfologicamente, com outras unidades;
- f) perde sua substância fonética.

É importante ressaltar que não estamos necessariamente de acordo com a visão do fenômeno que concede mais importância ao ponto de partida que ao ponto de chegada.

Para Martellota, Votre e Cezario (1996), discursivização é o processo de mudança que leva o elemento linguístico a perder suas restrições gramaticais, sobretudo de ordenação vocabular, e assumir restrições de caráter pragmático e interativo. Os autores estabelecem as

características seguintes orientadas pelo efeito do reequilíbrio entre perda e ganho. Quanto mais uma unidade se discursiviza, mais ela:

- a) perde sua complexidade semântica e ganha significação pragmática;
- b) perde significação sintática e tende a ter um uso opcional e diverso de sua posição na frase;
- c) distingue-se das unidades que continuam a ser gramaticais pela posição que ocupa e a entonação dada.

As perdas fonéticas são relativas ao tipo de mudança. Há casos de gramaticalização sem perda fonética, sobretudo quando se trata da passagem de uma categoria gramatical a outra.

4.7. A motivação

A motivação aqui tratada são as razões para as quais se desencadeia o processo de mudança da gramaticalização, como objeto das seguintes hipóteses – dificilmente verificáveis – inicialmente formuladas por Weinrich et al (1968) e apresentadas, mais de acordo a teoria da gramaticalização, por Heine et al. (1991b).

As mudanças são desencadeadas porque representam:

1. Uma solução para um problema linguístico e que preenche uma falha de um paradigma gramatical ?
2. Uma tendência natural para marcar relações metalinguísticas de maneira não lexical?
3. A criatividade humana?
4. Tendências ou forças internas da língua?

Segundo Heine et al (1993), as propostas de motivações são várias e frequentemente radicais. Elas carregam seja aspectos internos, seja aspectos externos à língua, sejam elas de ordem comunicacional ou sociolinguística. Entre as explicações de cunho comunicacional, o princípio da negligência de Berrendonner (1990), meio termo entre a redundância e a economia, para esses autores parece mais interessante. Mas os intima, sobretudo, às explicações trazidas pela sociolinguística, quanto ao princípio da distinção de Bourdieu (1970), que viu que um subgrupo (sócio-econômico, profissional, idade) distingue-se de

outro, entre outras coisas, por suas inovações linguísticas. Os estudos sociolinguísticos e sociológicos revelam este fato.

Todas estas considerações são, aliás, completamente compatíveis com as explicações concernentes às extensões de sentido, como a formulada por Heine et al. (1991).

Segundo Martellota, Votre e Cezario (1996), apesar de conhecermos os aspectos da gramaticalização, trajetória, sentido e motivação, não sabemos se a mudança emergirá e de onde, apenas temos tendência a aceitar:

- a) que, nos casos claros de homonímia, o processo de gramaticalização já está completo;
- b) que a polissemia é observável na maioria dos casos de mudança;
- c) que podem, portanto, subsistir os traços da unidade original e que eles podem se manifestar em qualquer nível que seja (valor semântico, pressões sintáticas e morfológicas, conotação sociolinguística, etc.);
- d) que o sentido das formas – lexicais e gramaticais – é extensível, quer dizer, é menos limitado;
- e) que certas unidades lexicais e gramaticais representam condições necessárias para estarem sujeitas a se transformarem e inserirem-se em outras categorias gramaticais pragmáticas.

4.8. A discursivização

Segundo Martellota, Votre e Cezario (1996), o princípio da discursivização se aplica a todos os elementos que têm um campo de ação mais vasto que aquele cuja gramática dá conta, eles marcam as relações entre os falantes ou entre os falantes e seus discursos, sem marcar a relação entre os elementos da gramática.

Observemos uma concentração de itens em processo de discursivização, registrada no exemplo abaixo, em que o informante fala sobre casamento, extraído de Martellota, Votre e Cezario (1996).

Ex (28): “... *mas que adianta um casamento tão lindo... gastam tanto... pra no final eh... viv/fica dois... três dias... depois se separam... entendeu? Eu acho isso aí um absurdo... porque... **poxa... eu sei lá... sabe?** Num... **né?** A vida:./ tudo bem... está tudo difícil... mas a pessoa... eu acho que a pessoa tem que saber... diretamente aquilo que quer...”*

Percebemos que os elementos grifados não são primordiais para a organização interna da estrutura gramatical da frase, estando envolvidos em funções pragmáticas que existem em torno da gramática. Podemos então dizer que os elementos da seqüência ***poxa, eu sei lá, sabe?*** e ***né?*** são usados num contexto discursivo de insegurança que gera ensaio-e-erro na busca da expressão adequada e, conseqüentemente, preenchem o vazio causado por uma demora no processamento da informação, proveniente dessa insegurança. Todos os elementos grifados são casos típicos de discursivização e recebem diferentes nomes na literatura: *marcadores discursivos* em Risso, Silva e Urbano (1995), *marcadores conversacionais* em Marcuschi (1991) e Silva e Macedo (1996), *pontuantes* em Vicent (1983) e Vicente, Votre e Laforest (1993), *bordões* em Marques (1993), entre outros.

Há também quem defenda que o discurso e, portanto, os marcadores discursivos fazem parte da gramática.

Traugott (1995), por exemplo, questiona a existência de um processo de discursivização. A autora afirma que muitos marcadores discursivos têm sido tratados fora do processo de gramaticalização por não serem considerados componentes da gramática e por ferirem a hipótese da unidirecionalidade, a qual determina que, uma vez gramática a unidade não pode voltar a ser lexical.

Outra justificativa levantada para excluir muitos marcadores do processo de gramaticalização, de acordo com Vale (2000), diz respeito ao significado pragmático que estes elementos adquirem, já que esse acréscimo de valor pragmático contraria as características desse processo. Porém, ainda de acordo com Vale (2000), Traugott (1995), contra esse argumento, sugere que ao menos nos primeiros estágios da gramaticalização, ocorre, ao invés de uma perda, um fortalecimento do significado pragmático.

4.9 A Discursivização no português do Brasil

Também não podemos deixar de mencionar o trabalho dos autores Martellota, Votre e Cezario (1996), que analisam o processo de gramaticalização da partícula **ai**, por meio dos exemplos (ambos referentes a uma narrativa de um assalto no ônibus em que o informante, a vítima, estava com uma caixa de tênis na mão).

Ex (29): “... primeiro tu vai me dizer que tem dentro dessa caixa **ai**... eu falei... aqui não tem nada não... **ai** ele falou assim... mentira... eu sei que essa caixa **ai** é da Redley...”.

Ex (30): “... minha mãe me deu um tênis de presente... só que **ai** o tênis não... coube no meu pé... **ai** eu tive que trocar... eu fui trocar... no Barrashopping... **ai** eu peguei um ... uma linha de ônibus que é muito assaltada... **ai** eu sentei no ônibus... **ai** sentou um camarada do meu lado...”

De acordo com os autores, no exemplo 1, os usos do elemento **ai** (em negrito) têm valor de advérbio dêitico espacial, pois localizam a caixa como estando próxima do ouvinte. Já no exemplo 2, o elemento **ai** apresenta valor sequencial e funciona como conectivo, pois se fixa no início da cláusula e assume a função de sequencializar eventos perfectivos, indicando que a ação seguinte ocorre quando a anterior se conclui. O fato é que o segundo uso do **ai** (temporal) é derivado historicamente do primeiro (espacial).

Esses linguistas, observando alguns itens e construções que se discursivizam, apontam, que, em casos como **assim**, a trajetória do processo de discursivização é marcada por uma passagem do léxico para o discurso, via gramática. Ou seja, um elemento, inicialmente lexical, passa a ser usado com a função gramatical e, em seguida, assume função de marcador. Vejamos alguns exemplos:

Ex (31): *A praça estava **assim** de gente*

Ex (32): “... **ai** pararam ((riso)) parou uma porção de ta::xi... ai os caras do táxi começaram a arrumar confusão... com ele... pô... ele falou que... os caras do táxi falando pra ele **assim** “ pô... ninguém vai pagar teu prejuízo mesmo... sai fora”...”

Ex (33): “... mas tem bastante sítio também... e eles... é (o que eu) é bom: lá à beca porque lá... lá é tudo **assim** calmo... que parece que tira a gente do mundo...”.

Ex (34): “... então eu acho que tudo é economia... tudo é dinheiro... a gente não pode atingi/falar sobre o problema social se a gente não/ “ah o país tem/ os velhos estão morrendo”... **assim** ... estão morrendo por quê? Muitos deles ficam em fila de aposentado... por que fila de aposentado?...”

Explicam os autores Martellota, Votre e Cazario (1996) que, aceitando-se o fato de que o falante junta os dedos, dando idéia de multidão, o elemento **assim**, no primeiro exemplo, tem um valor dêítico. No segundo exemplo, o uso é catafórico, proveniente de um processo de gramaticalização espaço > discurso. No terceiro exemplo, esse valor catafórico, embora já um pouco desbotado, ainda se mantém, se entendemos que o elemento anuncia o adjetivo que será mencionado em seguida: **calmo**. No quarto e último exemplo, o elemento **assim** adquire a função discursiva de preenchedor de pausa, servindo de artifício do falante para, sem perder a palavra, refletir sobre o que vai dizer. A função catafórica, nesse caso já bem mais desbotada, persiste em termos discursivos, pois o elemento, ao mesmo tempo em que indica uma perda do fluxo das idéias por parte do falante, sinaliza para o ouvinte que algo ainda será dito.

Dessa forma, os autores nos mostram que, no caso de **assim**, a discursivização se faz pela seguinte trajetória do elemento: lexical > gramatical > discursivo, pois a tendência que envolve esse processo demonstra que elementos lexicais, que intermediariamente sofrem gramaticalização, passam a ser usados com propósitos discursivos.

No entanto, para elementos provenientes de perguntas como, por exemplo, **sabe?**, e **né?**, **entendeu?**, Martellota, Votre e Cazario (1996) não apontam evidências para a ocorrência

de um processo de gramaticalização antes da discursivização, pois elementos desse tipo parecem obedecer a tendências analógicas mais gerais.

Vale ressaltar, também, a pesquisa de Tavares (2003). A autora considera a sequenciação retroativo-propulsora como uma das etapas dos processos de gramaticalização pelos quais os conectores sequenciadores *e*, *aí*, *dai* e *então* têm passado. Para a autora, esses processos os têm transportado para usos gramaticais variados. As evidências encontradas nas duas etapas de análise de sua pesquisa apontam possibilidades de especialização de *e*, *aí*, *dai* e *então* em contextos sociolinguísticos específicos.

Quanto a Edson Rosa (2009), o autor analisou a multifuncionalidade dos itens linguísticos assim, *já*, e *aí* no português falado do interior paulista, de maneira a demonstrar que esses itens podem ser perfeitamente analisados com relação aos níveis representacional e interpessoal e às camadas semânticas e pragmáticas de organização da Gramática Discursivo-funcional, provando que a mudança de escopo desses elementos nos níveis e nas camadas da Gramática Discursivo-funcional constitui uma prova de que esses itens estão se gramaticalizando na língua.

SÍNTESE CONCLUSIVA

Apresentamos algumas tendências correntes em gramaticalização, bem como suas partes componentes e atentamos para o fato de que todo fenômeno de gramaticalização pressupõe mudança, mas nem toda mudança pressupõe gramaticalização. Ressalta-se aqui que, nesse tipo de mudança em especial, há a atuação conjunta de vários desses mecanismos, não necessariamente todos, o que constitui argumento para afirmar que a gramaticalização não se define pelos mecanismos que a constituem, mas, basicamente, pelo apelo ao estatuto categorial do elemento linguístico identificado na mudança. Discorreremos, também, a respeito da discursivização, que segundo os autores Martellota, Votre e Cezario (1996), aplica-se a todos os elementos que têm um campo de ação mais vasto que aquele cuja gramática dá conta, marcando as relações entre os falantes ou entre os falantes e seus discursos, sem marcar a relação entre os elementos da gramática. O que não é uma posição unânime, pois pesquisadores entre os quais nos colocamos, afirmam que o discurso faz parte da gramática.

CAPÍTULO V

5. METODOLOGIA

5.1. Introdução

Neste capítulo mostramos como o “*corpus*” foi constituído, sua delimitação e caracterização, quais os procedimentos e quais as categorias de análise utilizadas, baseadas em Risso, Silva e Urbano (2006). *Padrão de recorrência, articulação de segmentos do discurso, orientação da interação, apresentação formal, relação sintática com a estrutura oracional, autonomia comunicativa, posição e transparência semântica* foram algumas das variáveis utilizadas para a análise dos dados, bem como a categoria relativa à modalidade de interação dada pelo tipo de inquérito: *DID (diálogo entre documentador e informante)*, e as categorias relativas aos aspectos sociais como sexo e tempo de escolaridade.

5.2. Caracterização, constituição e delimitação do *Corpus*

Como a pesquisa assume a orientação funcionalista da linguagem, ou seja, a descrição de como as pessoas utilizam uma língua para se comunicar, e fundamenta-se nos preceitos da gramática funcional holandesa, examina-se, neste trabalho, ocorrências de marcadores discursivos encontrados em textos efetivamente reais.

Com o propósito de realizar esta pesquisa, utilizamos o *Corpus Norma Popular de Fortaleza - a língua oral popular de Fortaleza-CE (NORPOFOR)*.

O NORPOFOR é composto por três tipos diferentes de inquéritos: *DID (diálogo entre informante e documentador)*; *D2 (diálogo entre dois informantes)*; e *EF (elocução formal)*. Utilizamos apenas um tipo de inquérito, *DID*, para a realização de nossa pesquisa, em virtude da impossibilidade de utilizar os inquéritos D2 e EF, ainda não transcritos.

A coordenadora responsável pela constituição desse banco de dados da norma popular de Fortaleza, é a prof^ª Dr^ª Aluiza Alves de Araújo, da Universidade Estadual do Ceará. O NORPOFOR é, notadamente, relevante para a pesquisa de fenômenos linguísticos, devido ao

rigor técnico das gravações e ao tratamento profissional que foi dado às transcrições dos inquéritos.

As gravações foram realizadas pela professora responsável, por bolsistas e por voluntários que recebem treinamento metodológico adequado. Todos os inquéritos passam pelo crivo da coordenadora com o objetivo de manter a mesma qualidade técnica e homogeneização no que diz respeito à forma de abordagem do informante em todas as gravações.

Quanto ao local de gravação, em geral, os inquéritos foram gravados na residência do(s) informante(s) ou em seu local de trabalho.

Em relação ao perfil de cada informante que constitui o *corpus*, são fortalezenses que vieram para essa capital com até cinco anos de idade, têm pais cearenses, residem em Fortaleza e não estiveram fora por um período superior a 2 anos.

Os informantes são oriundos de 75 bairros de Fortaleza: Aerolândia, Alagadiço Novo, Aldeota, Alto Alegre, Álvaro Weyne, Antônio Bezerra, Barra do Ceará, Barroso, Bom Jardim, Beira-mar, Bela Vista, Bonsucesso, Caça e Pesca, Carlito Pamplona, Castelão, Cidade 2000, Cidade dos Funcionários, Conjunto Ceará, Conjunto Cidade Oeste, Conjunto Nova Metrópole, Cristo Redentor, Couto Fernandes, Demócrito Rocha, Dionísio Torres, Ellery, Farias Brito, Fátima, Granja Portugal, Henrique Jorge, Jacarecanga, Jardim América, Jardim Iracema, Jardim Guanabara, Joaquim Távora, João XXIII, Jockey Clube José Walter, Maraponga, Messejana, Mondubim, Monte Castelo, Otávio Bonfim, Pan-Americano, Papicu, Parangaba, Parque Araxá, Parquelândia, Parque Potira, Parque Santa Rosa, Parque São João, Parque São José, Parque São Miguel, Passaré, Pirambu, Planalto do Pici, Praia de Iracema, Presidente Kennedy, Quintino Cunha, Rodolfo Teófilo, Santo Amaro, São Cristóvão, São Gerardo, São João do Tauape, Serrinha, Siqueira II, Tancredo Neves, Varjota, Vila Betânia, Vila Manoel Sátiro, Vila Peri, Vila União, Vila Velha IV.

Para uma compreensão a respeito da descrição do *corpus*, faz-se necessário elencar alguns pontos que melhor possam descrevê-lo:

- (10) Total de fichas digitadas: 181.
- (11) Total de gravações já realizadas: 149.
- (12) Total de informantes entrevistados: 183.

- (13) Total de informantes por modalidade de registro: DID-74, D2-70, EF – 39.
- (14) Total de informantes por faixa etária: I (15 a 25 anos) – 60, II (26 a 49 anos) – 73, III (50 anos em diante) – 50.
- (15) Total de informantes por sexo: Homem- 91, Mulher- 92.
- (16) Total de informantes por tempo de escolaridade: 0 a 04 anos – 55, 05 a 08 anos – 72, 09 a 11 anos – 50.
- (17) Total de inquéritos digitalizados: 72= 58 (DIDs) + 07 (D2s) + 07 (EFs).
- (18) Inquéritos transcritos parcialmente: 10.
- (19) A Transcrição dos inquéritos (*corpus*) **DID** (*diálogo entre informante e documentador*); **D2** (*dois informantes*) e **EF** (*elocução formal*) que se encontram apenas gravados seguem normas próprias, elaboradas pela professora coordenadora do projeto com base em estudos da área de análise da conversação, aproximando-se do discurso falado.

5.3. Procedimentos de análise e variáveis

5.3.1. Delimitação do *corpus* para a análise

Para a presente pesquisa, selecionamos 09 (nove) informantes adultos do sexo masculino e 09 (nove) informantes adultos do sexo feminino, perfazendo um total de 1080 (mil e oitenta) minutos de gravação. Como podemos descrever melhor no quadro 06 abaixo:

	SEXO		TEMPO DE ESCOLARIDADE
	H	M	
DID	3	3	0 a 4 anos
	3	3	5 a 8 anos
	3	3	9 a 11 anos

QUADRO 06: Quantidade de informante e inquéritos por célula

O Quadro 06 mostra que selecionamos 09 homens e 09 mulheres, sendo 03 para cada tempo de escolaridade, que varia de 0 a 4 anos, de 5 a 8 anos e de 9 a 11 anos. Cumpre ressaltar que analisamos apenas o tipo de inquérito *DID*.

5.3.2. Procedimentos de análise

Com base nas leituras de fundamentação teórico-metodológica e em constante diálogo com elas, adotamos os seguintes procedimentos de análise:

- 1) constituição e delimitação do *corpus* de ocorrências com a identificação dos marcadores discursivos para a análise;
- 2) constituição de fichas de análises das ocorrências;
- 3) análise quantitativa das ocorrências segundo as variáveis definidas no projeto;
- 4) análise qualitativa - utilização do Pacote Computacional SPSS como instrumental estatístico. O pacote computacional SPSS foi utilizado para verificação de frequência das ocorrências ou padrão de recorrência e das categorias de análise. Esse programa é um sistema de análises estatísticas e manuseamento de dados, em um ambiente gráfico, em que a utilização mais frequente, para a maioria das análises a efetuar, resume-se a seleção das

respectivas opções, menus e caixas de diálogo. Contudo, o sistema dispõe de um editor de comandos, a que o usuário poderá recorrer a fim de realizar determinado tipo de análise mais complexa e elaborada.

5) análise quantitativa e interpretação dos dados.

5. 4. Categorias de Análise: descrição, identificação e caracterização das variáveis.

5.4.1.Variáveis linguísticas

As categorias linguísticas de análise utilizadas são as mesmas do trabalho de Silva, Risso e Urbano (2006).

Dispusemos, dentro de cada variável, diferentes possibilidades pelas quais a análise pudesse se definir. Dessa forma, as variáveis foram recortadas em seus respectivos traços potenciais, o que gerou um total de 23 (vinte e três) itens classificatórios, aos quais se submeteu cada uma das ocorrências.

a) Variável - 01 – *Padrão de ocorrência*

- | | |
|--------|--|
| Traços | 1 – a partir de 1,5%; (alta frequência) |
| | 2 – entre 0,5% a 1,5% (média frequência) |
| | 3 – menos de 0,5%; (baixa frequência) |

Trata-se de uma variável muito importante porque tem sido constatada a alta frequência e recorrência das formas consideradas como *marcador discursivo* no espaço textual, sendo, para alguns, um critério para identificar o estatuto de marcador discursivo. Daí pode decorrer, inclusive, a observação da regularidade de uso dessas unidades, pois um dos parâmetros para a identificação da regularidade de uso de uma forma é a sua frequência.

No registro da recorrência, foram computadas também as possíveis variantes de uma determinada forma, identificadas entre si pelo desempenho de uma mesma função discursiva. (Ex: *né*, *num*, *nera*...)

b) Variável – 02 – ***Articulação de segmentos do discurso***

- Traços 1 – sequenciador tópico;
 2 – sequenciador frasal;
 3 - não-sequenciador.

Essa variável está relacionada à função textual dos *marcadores discursivos*

Na presente variável, existe a hipótese de que uma de suas funções seja a de promover, como nexos coesivos, a articulação dos segmentos do discurso, seja na organização tópica (traço 1), estabelecendo aberturas, encaminhamentos, retomadas e fechos de tópicos, em posições intra e intertópicas; seja na organização da estrutura frásica (traço 2), atando as orações ou seus segmentos internos, à semelhança das conjunções e advérbios conjuntos. O traço 3 aplica-se aos casos em que uma determinada forma não desempenha nenhum papel sequenciador, no âmbito do tópico ou da frase.

c) Variável – 03 – ***Orientação da interação***

- Traços 0 – fragilmente orientadores;
 1 – secundariamente orientador;
 2 - basicamente orientador.

Essa variável está relacionada à função discursiva/interacional dos *marcadores discursivos*

A variável em questão estabelece uma importante relação com a anterior, pois ambas delineiam dois subcampos que exaurem as funções gerais dessas marcas linguísticas sob enfoque. (RISSO; SILVA; URBANO, 2006)

Segundo Risso, Silva e Urbano (2006), a concepção de texto como unidade socio-comunicativa, que ganha existência dentro de um processo interacional, bem como os traços aqui indicados, apontam para o fato de que todo mecanismo com estatuto textual, como os *M.D.*, cumpre sempre uma função orientadora da interação, ainda que fragilmente, como *ai* (traço 0). O conceito de interação ganha, dessa forma, uma abrangência considerável, não se referindo apenas ao processo de relação interpessoal bem caracterizado (traço 2), como nos hétero-monitoramentos.

A unidade é basicamente orientadora (traço 2), quando há uma nítida orientação por parte do falante em direção ao ouvinte, ou deste ao falante, por meio, por exemplo, da busca

de uma aprovação discursiva (como em *certo?*) ou da manifestação de um acompanhamento atencioso da fala do outro (*uhn uhn*).

Quando a unidade sinaliza opinião ou orientação argumentativa do falante, a orientação é considerada secundária (traço 1). Incluem-se aqui processos de manifestação pessoal, em que o falante verbaliza avaliações subjetivas a propósito das significações proposicionais (*acho*) ou envolve, indiretamente, seu interlocutor (*bom*). Já quando a interação se define apenas em função da própria natureza do evento conversacional, que, por princípio, corresponde sempre à realização de uma tarefa comum, com envolvimento recíproco dos parceiros, a orientação interacional é considerada frágil (traço 0). Nessa circunstância, prevalece sensivelmente uma função sequenciadora nos termos estabelecidos na variável anterior.

d) Variável 04 – ***Transparência semântica***

- Traços
- 1- Transparência parcial;
 - 2- Transparência opaca;
 - 3- Não se aplica.

De acordo com Risso, Silva e Urbano (2006), as significações veiculadas por boa parte das unidades pesquisadas são em geral canalizadas para a sinalização de relações dentro do espaço discursivo, sem prejuízo total de aspectos da referência denotativa, de maneira que o conteúdo gramatical ou lexical da palavra passa por um processo de acomodação semântica motivando a perda da transparência denotativo-referencial, perda compensada pela incorporação de novos sentidos associados ao enquadramento textual-discursivo (traço 1), ou pode acarretar graus diferentes de cristalização ou neutralização das referências originais, até se tornarem, num grau máximo, esteriótipos, idiomatismos, semanticamente opacos (traço 2). O traço 3, *não se aplica*, refere-se aos casos dos elementos não lexicalizados, sem conteúdo cognitivo claramente estabelecido. Como o marcador *eita*, por exemplo, encontrado no nosso corpus da norma popular de Fortaleza.

e) Variável 05 – ***Relação sintática com a estrutura oracional***

- Traço 1 – sintaticamente independente;
- 2 – sintaticamente dependente.

Para Risso, Silva e Urbano (2006), uma afirmação feita frequentemente pelos estudiosos dos *marcadores* é a de que eles são unidades sintaticamente independentes. Eles são designados por Dik (1997), inclusive, de Constituintes pragmáticos extraoracionais. Essa variável visa a observar se as unidades sob análise são sintaticamente independentes, alheias ou não, portanto, à estrutura gramatical da oração.

f) Variável 06 – ***Autonomia comunicativa***

Traços 0 – comunicativamente autônomo;

1 – comunicativamente não- autônomo.

Partindo-se da hipótese referida por Risso, Silva e Urbano (2006) de que os *marcadores* são formas naturalmente sem autonomia comunicativa e, portanto, sem suficiência para constituírem enunciados proposicionais em si próprios, analisamos as ocorrências com vistas à investigação dessa hipótese, com apoio nos traços bipolares: comunicativamente autônomo e comunicativamente não-autônomo.

g) Variável 07 – ***Posição***

Traços 0 - falante início de turno e/ ou de unidade comunicativa;

1 – falante final de turno e/ ou de unidade comunicativa;

3 – ouvinte início convergente;

4- ouvinte início indagativo;

5- ouvinte início divergente.

Para Marcuschi (1989), os marcadores discursivos podem ocupar as posições iniciais, mediais e finais, de maneira que os marcadores na posição inicial funcionam também como engate da coesividade sintagmática na cadeia discursiva, os mediais correspondem a pontos situados intraturno ou intra unidade comunicativa, funcionando como conectores de organização verbal e cognitiva (como as hesitações), e os finais, que aparecem geralmente para manter a interação entre os interlocutores.

No âmbito de nossa pesquisa, consideramos as posições iniciais e finais, no que se refere à orientação do falante em relação ao ouvinte, e as posições iniciais convergentes, indagativos, ou divergentes, no que tange ao ouvinte em relação ao falante.

i) Variável 08 – *Apresentação formal*

Traços 1 - forma única;

2 - formas variantes.

Segundo Risso, Siva e Urbano (2006), as unidades em estudo são representadas por formas fixas e invariáveis (traço 1). Mas essa hipótese não exclui, entretanto, a apuração de existência de formas variantes (traço 2), patentes em ocorrências que manifestam alterações no plano fonológico ou morfossintático das unidades.

5.4.2. Variáveis sociointeracionais

Em relação à interação, consideramos apenas o tipo de inquérito *DID*, tendo em vista o fato de os demais tipos de inquérito do *corpus* NORPOFOR, *D2* e *EF*, não estarem transcritos e disponíveis para a composição da amostra. Por essa razão, o tipo de inquérito não constitui uma variável, propriamente dita, contudo é objetivo de nossa pesquisa considerar possíveis condicionamentos desse tipo de inquérito sobre o uso dos marcadores discursivos.

O *DID* é o tipo de inquérito em que o documentador dialoga com o informante, como se fosse uma entrevista informal. É um tipo de texto em que todos nós estamos envolvidos, quer como entrevistadores quer como entrevistados. O objetivo desse texto diz respeito à interrelação humana, em que o entrevistador faz perguntas e oferece, em seguida, o turno ao entrevistado, mas estão em diferentes condições de participação no diálogo.

O entrevistador pode cumprir o papel de obter resposta ou dirigir a interação de maneira a conduzir respostas pré-estabelecidas, podendo haver também casos em que há uma inversão de papéis, de maneira que o entrevistado possa dirigir a entrevista obtendo até algumas respostas do entrevistador.

Outro aspecto relevante é que, em alguns momentos, encontramos nos inquéritos analisados, certo grau de intimidade entre os informantes, que os levou quase a um diálogo com características do tipo de inquérito *D2*. Há, também, outros momentos em que o informante passa muito tempo relatando um fato como um episódio ou uma aula, evocando o tipo de inquérito *EF*.

Como, numa investigação sobre a língua, o mais importante não é exatamente aquilo que é dito pelo informante e, sim, como fora dito, as perguntas do entrevistador não buscam a informação, mas são colocadoras de situação, e muitas vezes, o próprio entrevistado

demonstra que o entrevistador já havia tratado do tópico, indicando, então, que o que está sendo exposto é irrelevante.

As variáveis relativas aos aspectos sociais dizem respeito ao sexo (*homem/mulher*); e *tempo de escolaridade (0 a 4 anos (A); 5 a 8 anos (B); 9 a 11 anos (C))*.

Como já fora mencionado, na seção 5.3.1, selecionamos para a presente pesquisa, 9 informantes adultos do sexo masculino e 9 informantes adultos do sexo feminino, fortalezenses, que vieram para capital até cinco anos de idade e não estiveram por mais de dois anos fora, oriundos de 75 bairros de Fortaleza. Sendo 3 para cada tempo de escolaridade, como demonstrado no quadro 07 abaixo:

HOMEM	MULHER	TEMPO DE ESCOLARIDADE
Inquérito 84	Inquérito 06	<i>A</i>
Inquérito 95	Inquérito 09	<i>A</i>
Inquérito 104	Inquérito 10	<i>A</i>
Inquérito 21	Inquérito 16	<i>B</i>
Inquérito 65	Inquérito 90	<i>B</i>
Inquérito 138	Inquérito 79	<i>B</i>
Inquérito 46	Inquérito 55	<i>C</i>
Inquérito 89	Inquérito 67	<i>C</i>
Inquérito 149	Inquérito 68	<i>C</i>

Quadro 07: Referente aos inquéritos utilizados na pesquisa

CAPÍTULO VI

6. ANÁLISE DOS RESULTADOS GERAIS

6.1. Introdução

A investigação sobre as propriedades definidoras dos Marcadores Discursivos foi feita a partir da análise de 75 (setenta e cinco) formas encontradas no tipo de inquérito **DID** do “corpus” NORPOFOR (*Norma popular de Fortaleza – a língua oral popular de Fortaleza – CE*). Considerando-se a tomada de 60 (sessenta) minutos de cada gravação, em 18 (dezoito) inquéritos, somou-se um total de 18 (dezoito) horas.

Fizemos um levantamento denso das 75 (setenta e cinco) unidades apontadas como *Marcadores Discursivos*. Essas formas apresentam-se como formas simples (aí, mas, pronto, então, assim) ou combinadas (aí pronto, mas aí, mas assim, então pronto). A opção por considerar, nas formas combinadas, não a presença de dois marcadores distintos, mas de apenas um marcador, justifica-se pela intuição de que se trata de uma unidade de comportamento funcional, de algum modo diferenciada das funções específicas de cada marcador. Vejamos os exemplos dos 75 marcadores encontrados:

a) Formas simples:

Aí

Ex (35): “... o marido tinha larga::do... **aí...** ela... (vivia) trabalhando em pintu::ra...”; (inq. 06)

Ora

Ex (36): “... eu dizia... **ora** eu num apanhava nem dos meus pais...”; (inq. 06)

Né

Ex (37): “*ela... (vivia) trabalhando em pintu::ra... né...num tinha condiçõ:es...*”;
(inq.06)

Assim

Ex (38): “*... Na verdade... assim... ela é filha de fula:::no..*; (inq.09)

Tudo

Ex (39): “*...o ônibus da Aldeota que vinha parava na Ferreira na praça do Ferreira o Montese tudo...*”; (inq. 09)

Mas

Ex (40): “*... mas... eu não tenho isso comigo não...*”; (inq.09)

Minha filha

Ex (41): “*... minha filha...a não ser que o mundo mude....*”; (inq. 46)

Então

Ex (42): “*... então... tu::do que a gente tem é (emprestado)...*”; (inq. 55)

Taí

Ex (43): “...**taí**...diz a ele que eu num to aqui não...”; (inq. 16)

E

Ex (44): “... **e**::... a gente estava sem saber notícia dela...”; (inq.10)

Ave Maria

Ex (45): “...**ave maria**... é a vida da gente...”; (inq.21)

Agora

Ex (46): “... **agora**... pra quem não sabe é melhor nã:::o beBER:::...””; (inq.65)

Você veja

Ex (47): “... **você veja**...nun:::ca bebeu (tem gente que diz assim) ...Ai.. tem filho que bebe...”; (inq.65)

Não

Ex (48): “... **não** ...assim é melhor comprar outro dia...”; (inq.67)

Pois é

Ex (49): “... **pois é...** aí me diz uma coisa assim...”; (inq.68)

Pronto

Ex (50): “... quando eu chego lá a casa **TÁ** uma bagunça... ()... **pronto...** () eu faço por onde...”; (inq. 79)

Olha

Ex (51): “... **olha...** ele não tem contro::le... né...”; (inq. 84)

Sabia

Ex (52): “... por isso que é bom estudar... **sabia?...**”; (inq.84)

**Tá
entendendo**

Ex (53): “... aglomerado tudo junto... **tá entendendo?...**”; (inq. 89)

Tu é doido

Ex (54): “... nada fiquei nada... eu gosto muito dele... **tu é doido?...**”; (inq.90)

Valha

Ex (55): “... *valha...ele morreu muito novo...*”; (*inq.95*)

Acho

Ex (56): “...*acho...você ouviu falar... dum sargento R. né?...*”; (*inq. 95*)

Tudinho

Ex (57): “... *botei meus irmãos pra morar...tudinho...*”; (*inq. 104*)

Eita diabo

Ex (58): “...*e::ita diabo...não é do meu conheci::mento nã::o...*”; (*inq. 104*)

Não é não

Ex (59): “...*problema deles... não é não?...*”; (*inq. 104*)

Nam

Ex (60): “... *nan... mas a senhora vê...tudo que se passa heim...*”; (*inq.149*)

**Valha me
Deus**

Ex (61): “ *...va::lha me deus...ele tava dizendo o quê?...*”; (*inq. 138*)

Ok

Ex (62): “... você construiu a vida aqui?... *ok.*”; (*inq. 138*)

Rapaz

Ex (63): “ *...rapaz... aÍ aparecia uns agiota lá...*”; (*inq.138*)

Viu

Ex (64): “...tinha muita música bonita...*viu...*”; (*inq.104*)

Sim

Ex (65): “ *...sim...quando Brasil declarou guerra...*”; (*inq.55*)

Ixe

Ex (66): “ *...ixe...abria a televisão na hora da gente dormir...*”; (*inq.138*)

Sei

Ex (67): “A -... criado ali entre a praia de Iracema e a rua do seminário...

B - *sei...*”; (*inq. 67*)

Sabe

Ex (68): “...ela dizia que tinha injeção pra matar... *sabe?...*”; (*inq. 68*)

Mulher

Ex (69): “...*mulher...*tenho é vergonha de falar da minha vida...”; (*inq.68*)

Tudim

Ex (70): “...já tinha meus filho... *tudim...*”; (*inq.104*)

Certo

Ex (71): “...é com muito acabamento... *certo?...*”; (*inq.16*)

Bem

Ex (72): “...*bem...*queria ir trabalhar...”; (*inq.10*)

Aí é ?

Ex (73): “...**ai é::?**... é sofá pra povão?...”; (*inq. 10*)

Vixe Maria

Ex (74): “...**vixe:: Maria**...isso é caro né...”; (*inq.16*)

Cara

Ex (75): “...**CARA**... esse magno é caro...”; (*inq.138*)

Vixe

Ex (76): “... esse mogno... essa () cerejeira... **vixe**...”; (*inq. 65*)

Sei lá

Ex (77): “... faz o molhozinho...humm::: **sei lá**...”; (*inq.21*)

Sabe como é?

Ex (78): “... mais dez reais naquele outro CASTANHO... **sabe como é?**...”; (*inq. 79*)

Tipo

Ex (79): “**...tipo...** se o senhor pudesse continuar/ ter continuado os seus estudos”;
(*inq.79*)

Égua

Ex (80): “**...égua...** eu conheci ela num bar...”; (*inq.138*)

Não é ?

Ex (81): “...você tá entendendo o que digo **...não é?**”; (*inq.89*)

Nera

Ex (82): “...a energia era a gás ogênio **nera?...**”; (*inq.89*)

Num é?

Ex (83): “...meu pai morreu muito antes... **num é?**”; (*inq.95*)

Eita

Ex (84): “**...eita...** já morreram tudo lá...”; (*inq.09*)

Bom

Ex (85): “*...bom...* lá fora era bonito né?”; (*inq. 55*)

Olhe

Ex (86): “*...olhe...*a vida não é tão fácil como parece né?”; (*inq.46*)

Véi

Ex (87): “*...aí véi ...* passa aqui de lado com o Moranguinho né?”; (*inq.90*)

Bichinho

Ex (88): “*...bichinho...*compraram DOIs BOlo...”; (*inq.104*)

Daí

Ex (89): “*...daí*onde hoje é esses condomínio era lagOA...”; (*inq.46*)

Ai era

Ex (90): “*...ai era?...* ia pro trabalho pra todo canto...”; (*inq. 21*)

Todim

Ex (91): “... aí fazia querMEsse fazia BINgo aquele negócio... *todim...*”; (*inq.68*)

Depois

Ex (92): “...*depois...*por isso que ela quer ser doutora...”; (*inq.65*)

Macho

Ex (93): “...não quero não *macho...*”; (*inq.95*)

Pense

Ex (94): “...*pense...* eu...eu moro no Mondumbim...”; (*inq. 06*)

Menino

Ex (95): “...*menino.....*tem que fazer uma mágica viu...”; (*inq.67*)

Claro

Ex (96): “e:...geralmente fiz algumas visitas....*claro...*”; (*inq. 46*)

Diabo é isso

Ex (97): “...rapaz...*diabo é isso...*tu casou...”; (*inq.84*)

Como é

Ex (98): “...mas o senhor fuma muito... **como é?**”; (inq.90)

Acredita

Ex (99): “...não tenho vontade de tomar de jeito nenhum... **acredita?**”. (Inq.55)

b) Formas combinadas

Então pronto

Ex (100): “...você num ia?... ia...**então pronto**... agora dê Cesar o que é de César...”;
(inq. 21)

Mas tá aí

Ex (101): “... vai fazer dezessete... **mas tá aí**... um menino ótimo...”; (inq. 79)

Mas quando assim

Ex (102): “... **mas quando assim**...até os quin/...até eu completar os quinze anos eu
sofri muito em casa...”; (Inq. 104).

Aí pronto

Ex (103): “...***aí pronto***... foi todo mundo embora...”; (*inq.138*)

Mas aí

Ex (104): “.. ***mas aí::*** eu era de menor na época da guerra...”; (*inq. 65*)

Mas assim

Ex (105): “...era uma pessoa ó::tima pra mim... ***mas assim...*** eu trabalhei com DOze pessoas e era muita gente...”; (*inq. 10*)

Aí depois

Ex (106): “...***aí depois*** ...em frente tinha uma mercearia...”; (*inq. 79*)

Aí rapaz

Ex (107): “...***aí rapaz***...como é que é o negocio aqui mesmo...”; (*inq. 95*)

Não rapaz

Ex (108): “...***não rapaz*** ...como é o que pode... a casa é quinhentos conto....”; (*inq.65*)

Não sabe?

Ex (109): “...tem um colégio lá...*não sabe?*”...; (*inq.65*)

Constituiu-se, com esse levantamento, um total de 7222 ocorrências. Cada ocorrência foi analisada em relação a 8 (oito) categorias de análise linguística: padrão de recorrência; articulação de segmentos do discurso; orientação da interação; transparência semântica; relação sintática com a estrutura oracional; autonomia comunicativa; posição e apresentação formal.

Essas variáveis foram utilizadas, haja vista o fato de que elas reúnem aspectos considerados, de forma explícita ou implícita, na literatura linguística sobre o assunto.

6.2. Análise dos dados

6.2.1. Levantamento e Análise das frequências dos marcadores

O acompanhamento do modo e da proporção com que as ocorrências sob estudo preenchem traços previstos dentro de cada variável permite depreender as principais regularidades ou tendências de enquadramento das formas. Essas regularidades fornecem uma primeira indicação sobre aqueles que podem ser considerados como traços fortes ou mais frequentes na compreensão do que venham a ser os marcadores discursivos, paralelamente aos traços fracos ou menos relevantes para a sua definição.

O processo de avaliação do quadro geral obtido a partir das coordenadas assim definidas tomou como ponto de apoio a frequência absoluta e relativa dos dados identificados.

É fato que 7222 ocorrências encontradas ratifica a característica tão proeminente dos marcadores discursivos de serem bastante recorrentes na língua, sobretudo na linguagem oral, tendo em vista o menor grau de formalidade existente.

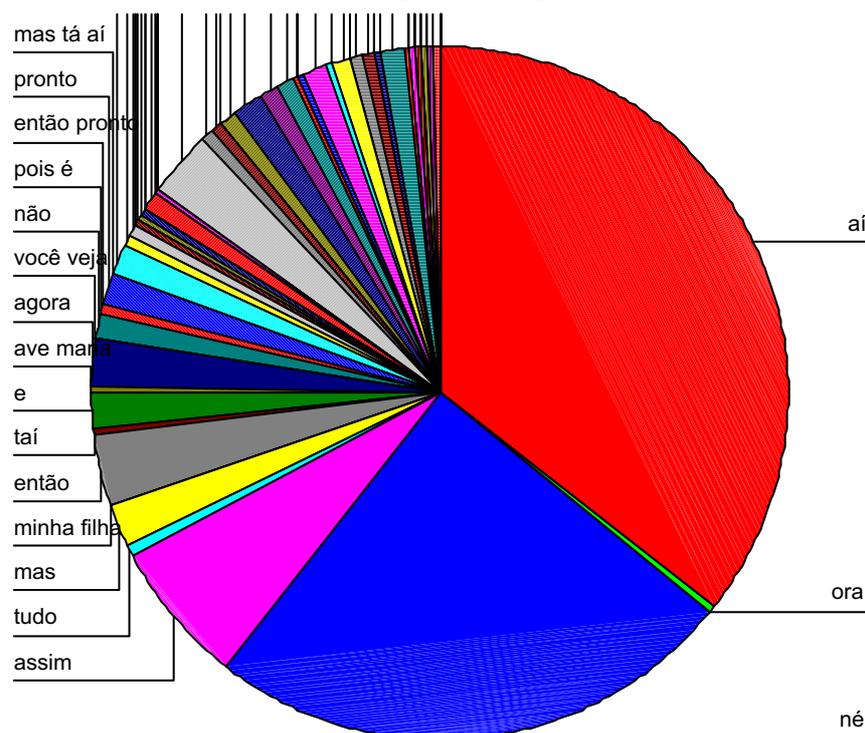
De acordo com a **variável 1**, sobre o padrão de recorrência, os elementos a partir de 1,5% apurados apontam para o **traço 1**, para a faixa de alta reiteração da forma ao longo do discurso. Os marcadores discursivos com essa característica, ou seja, mais recorrentes, foram

ai (2572), *né* (1785), *assim* (476), *então* (239), *rapaz* (229), *agora* (171), *mas* (135), *e* (131) e *sabe* (113).

Os correspondentes ao **traço 2**, entre 0,5% a 1,5%, considerados nesta pesquisa como de média frequência, são: *pronto* (100), *ai pronto* (94), *certo* (92), *não é* (91), *não* (71), *mulher* (64), *tudinho* (61), *ai depois* (60), *ai é* (51), *mas ai* (46), *sei* (46) e *olha* (44).

E finalmente os seguintes marcadores encontrados, com menos ou igual a 0,5%, referentes ao **traço 3** e considerados emergentes: *sim* (37), *viu* (36), *vixe* (36), *pois é* (35), *tudo* (35), *cara* (25), *ora* (24), *bem* (23), *daí* (21), *mas assim* (20), *nera* (19), *valha* (19), *pense* (18), *ave maria* (16), *tudim* (16), *sei lá* (15), *macho* (14), *minha filha* (14), *vixe Maria* (13), *acho* (11), *bom* (10), *menino* (8), *taí* (8), *nam* (7), *ixe* (7), *então pronto* (5), *depois* (5), *tipo* (05), *ai rapaz* (5), *tá entendendo* (4), *olhe* (4), *todim* (3), *eita* (3), *sabia* (3), *Ok* (3), *valha-me-deus* (2), *véi* (2), *num é* (2), *ai era* (2), *tu é doido* (2), *mas ta ai* (1), *eita diabo* (1), *não é não* (1), *não rapaz* (1), *você veja* (1), *claro* (1), *diabo é isso* (1), *como é?* (1), *acredita* (1), *sabe como é* (1), *égua* (1), *não sabe* (1), *mas quando assim* (1).

Vale salientar que o fato de encontrarmos mais marcadores discursivos que aparecem reiteradamente, iguais ou menores a 0,5%, não modifica a característica dos marcadores de serem extremamente recorrentes, haja vista o número bastante expressivo de ocorrências encontradas dos marcadores como um todo e de alguns mais especificamente. Vejamos a figura 3, que nos mostra de uma maneira geral a frequência desses marcadores discursivos.



Observando o gráfico acima e levando em conta a ocorrência de *ai*, *né* e *assim*, em relação ao papel do informante, comparada com a dos demais marcadores presentes no *corpus*, percebemos que esses marcadores foram, visivelmente, os mais recorrentes na pesquisa. No que diz respeito ao marcador *ai*, o fato de ser o marcador mais frequente, em total de 35,6%, nos faz refletir que o informante está bastante motivado para o envolvimento social que se efetiva entre ele e o documentador.

Em relação ao *né*, o fato de haver também uma preferência na utilização por esse marcador 24, 7%%, sugere a possibilidade de o informante estar motivado para que se mantenha a interação com o documentador.

Observando a seguir a frequência do marcador *assim*, 6,6%, verificamos que, como os marcadores *né* e *ai*, esse marcador é bastante produtivo na fala popular dos fortalezenses, fato que também nos leva a crer uma grande motivação, por parte do informante, no envolvimento social que se efetiva entre ele e o documentador no momento da interação. Esse marcador é bastante recorrente, sobretudo, porque reforça as ideias manifestadas pelos informantes fortalezenses no discorrer da sua produção discursiva.

Interessante ressaltar também que, pelo *corpus* se tratar da linguagem popular de Fortaleza, intuitivamente, acreditávamos encontrar um número bastante expressivo dos marcadores mais prototípicos *macho*, *pense*, *que diabo é isso* e *égua, tu é doido?*, porém o resultado foi totalmente adverso daquilo que fora esperado, pois o número encontrado referente a essas ocorrências foi praticamente inexpressivo, ou seja, cada uma delas apareceu apenas 1 vez, em um total de 18h de gravação, o que, em percentuais pouco representa em relação ao número total das ocorrências existentes no *corpus*. Acreditamos, então, que o tipo de inquérito *DID*, por conta da presença do documentador, inibe as formas mais distantes da linguagem padrão, tendo em vista que o informante, por dialogar, em caráter de entrevista, procura usar uma linguagem menos estigmatizada.

6.2.2 Funções dos marcadores discursivos

a) Articulação de segmentos do discurso

O fluxo discursivo em textos de língua oral é repleto de palavras ou locuções que servem para amarrar o texto, costurá-lo, ou encaminhar perspectivas assumidas em relação ao assunto, no ato interacional.

Entre os marcadores mais frequentes que possuem como função a articulação de segmento do discurso, destacam-se *ai* (35,6%), *assim* (6,6%), *então* (3,3%), *mas* (1,9%), *e* (1,8%), *agora* (2,4%), e *rapaz* (3,2%).

Vale salientar o trabalho de Risso, Silva e Urbano (2006), com marcadores basicamente sequenciadores, pois, em nossa pesquisa, encontramos resultados semelhantes em relação ao marcador *agora*. Por exemplo, não foram registrados casos de ocorrência de *agora* como fechamento de segmento tópico, o que é um dado que merece total atenção, já que acusa a natureza essencialmente prospectiva de *agora*, que aponta para frente, direcionando a atenção para algo novo que está para ser informado, diferenciando-se de outros articuladores como *então*, que possui uma natureza retrospectiva ou resumitiva. Vejamos os exemplos 110 e 111, abaixo:

Ex (110): “... *agora* se partirmos do princípio de que...é difícil estudando imagine sem...” (inq. 68)

Ex (111): “... *então* é melhor terminarmos logo hoje...” (inq. 68)

No intuito de ratificar o que já fora dito em relação à frequência dos articuladores, vejamos o quadro 08, abaixo:

articulação de segmento do discours

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid sequenciador tópico	3993	55,3	55,3	55,3
sequenciador frasal	690	9,6	9,6	64,8
não-sequenciador	2539	35,2	35,2	100,0
Total	7222	100,0	100,0	
Total	7222	100,0		

Quadro 08: Frequência referente à variável articulação de segmento do discurso

Percebemos também, no quadro 08, que das 7222 ocorrências, 3993 marcadores são sequenciadores tópicos, 2539, não-sequenciadores e 690, sequenciadores frasais, de maneira que os falantes fortalezenses usam expressivamente os marcadores articuladores, mais no intuito de dar segmento ao tópico.

b) Orientação da interação

Das ocorrências encontradas, percebemos que todos os marcadores, de uma forma ou de outra, exercem a função de orientação da interação, mesmo que fragilmente, outro ponto muito importante, e que também está em acordo com as autoras Risso, Silva e Urbano (2006). Vejamos o quadro 09 abaixo:

orientação da interação

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid fragilmente orientador	3615	50,1	50,1	50,1
secundariamente orientador	1247	17,3	17,3	67,3
basicamente orientador	2360	32,7	32,7	100,0
Total	7222	100,0	100,0	
Total	7222	100,0		

Quadro 09: referente à frequência da variável orientação da interação

Percebemos, claramente, que, das 7222 ocorrências encontradas, 3615 são fragilmente orientadores, 1247 secundariamente e 2360, basicamente orientadores, o que revela uma utilização mais expressiva em relação aos articuladores tópicos que em relação à utilização dos marcadores basicamente orientadores.

Risso, Silva e Urbano (2006) já mencionaram a respeito do cruzamento entre essas duas variáveis (articulação de segmento do discurso e orientação da interação) e nós ratificamos, em nossa pesquisa o resultado obtido por essas autoras, pois também verificamos que, quanto mais um constituinte possui a função de orientador da interação, menos sequenciador será; em contraposição, quanto menos sequenciador for, mais exerce a função de orientador.

De maneira que, dos 3993 sequenciadores tópicos que encontramos, 3615 são fragilmente orientadores, e dos 2539 não-sequenciadores, 2360 são basicamente orientadores.

Dos marcadores basicamente orientadores, os mais frequentes foram as formas *né* (24,7%) e *sabe* (1,6%).

Como já dissemos antes, o marcador interativo *né* é altamente produtivo, sobretudo em textos em que a força da presença de um interlocutor exerce motivação básica para o emprego do *né*, juntamente com os fatores espontaneidade e oralidade.

Faz necessário ressaltar os trabalhos de Duque Estrada (1992) e Oliveira Neto (1995), cujos resultados no que diz respeito à função interacional do marcador *né*, em muito se assemelham aos resultados aqui encontrados, pois, no nosso *corpus* analisado, encontramos a função de abrandamento, que já fora descrita por Marcuschi (1989) como de atenuação, e que faz parte de uma noção mais ampla que é a noção de polidez. Por exemplo:

Ex (112): “... eu digo sempre para ele da mesma forma... você precisa estudar, *né*...”
(*inq.* 79)

c) Transparência semântica

Quanto a essa variável, é importante ressaltar que um traço bem característico é a perda da transparência semântica. De fato, os marcadores discursivos encontrados possuem, em sua maioria (66,7% de ocorrências), opacidade. Há também, 31,6% de ocorrências cuja transparência semântica é parcial, como demonstrado no quadro abaixo:

transparência semântica

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid transparência parcial	2285	31,6	31,6	31,6
opacidade	4819	66,7	66,7	98,4
não se aplica	118	1,6	1,6	100,0
Total	7222	100,0	100,0	
Total	7222	100,0		

Quadro 10: frequência referente à variável transparência semântica

Em relação ao trabalho de Risso, Silva e Urbano (2006), as autoras consideraram a presença do traço transparência total para casos em que o conteúdo gramatical ou lexical da palavra, o seu sentido primeiro, passa por um processo de acomodação semântica. Mas em nossa pesquisa, não consideramos esse traço, por acreditarmos que os marcadores aqui encontrados não mantêm o seu sentido primeiro, tamanha a acomodação semântica que sofrem, ou por se tornarem, em um grau máximo, estereótipos, idiomatismos, semanticamente opacos.

d) Relação sintática com a estrutura oracional

No que tange a relação sintática com a estrutura oracional, confirmamos a hipótese de que a maioria dos marcadores são sintaticamente independentes, pois os marcadores discursivos aqui analisados possuem o **traço 1** sintaticamente independente), nessa **variável 05**, como verificamos abaixo, no quadro 11:

relação sintática com a estrutura oracional

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid sintaticamente independente	7222	100,0	100,0	100,0
Total	7222	100,0	100,0	
Total	7222	100,0		

Quadro 11: Frequência referente à variável relação sintática com a estrutura oracional

e) Autonomia comunicativa

Os dados também confirmam a hipótese de que os marcadores discursivos são comunicativamente não-autônomos (**traço 1, na variável 06**), pois, de 7222 ocorrências, 6832 são comunicativamente não autônomas, como demonstramos no quadro 12:

autonomia comunicativa

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid comunicativamente autônomo	390	5,4	5,4	5,4
comunicativamente não-autônomo	6832	94,6	94,6	100,0
Total	7222	100,0	100,0	
Total	7222	100,0		

Quadro 12: frequência referente à variável autonomia comunicativa

f) Posição

Em relação à **variável 07 – posição**, verificamos que os marcadores discursivos *aí, ora, assim, mas, e, agora, você veja, mas aí, mas assim, eita diabo, sim, ixe, aí depois, aí rapaz, não rapaz, bem, tipo, bom, daí, depois, menino e diabo é isso* sempre aparecem em posição inicial, seja no início de turno ou no início de unidade comunicativa (**traço 0**); enquanto *né, tudo, sabia, tá entendendo, não é não, tudinho, sabe, tudim, sei lá, sabe como é, não é, nera, num é, não sabe* aparecem em posição final, seja no final de turno ou no final de unidade comunicativa (**traço 1**). Esse fato se deve, talvez, às diferentes funções textuais que esses marcadores discursivos desempenham, pois os primeiros são sequenciadores tópicos ou frasais, e os últimos são basicamente orientadores de interação, com exceção, é claro, do marcador *mas*, que é o único marcador encontrado na pesquisa que, curiosamente, possui ambas as funções de sequenciador e basicamente orientador.

g) Apresentação formal

Quanto à apresentação formal (**variável 06**), das 75 unidades aqui estudadas, 37 são formas fixas, e possuem o **traço 1**, as 38 restantes são formas variantes, **traço 2**, como: (*aí, daí*), (*né, não é, nera, num é, não é não*), (*tudo, tudim, tudinho, todim*), (*valha, valha-me deus*), (*ixe, vixe*), (*mas assim, mas ta aí*), (*sei, sabe, sabia*), (*ave Maria, ixe Maria*), (*ixe, vixe*), (*olha, olhe*), (*não, nam*), (*eita, eita diabo*), (*depois, aí depois*), (*então pronto, aí pronto*), (*aí rapaz, não rapaz*), (*ai é, ai era*).

6.2.3. Aspectos interacionais relativos ao tipo de inquérito *DID*

No que diz respeito ao tipo de inquérito *DID*, percebemos que há um maior número dos marcadores discursivos com funções predominantemente articulatórias (articulação do segmento do discurso) do tipo sequenciador tópico (3993) do que basicamente orientador (2360). Entendemos, também, que, nesse tipo de inquérito, o falante, por não ter a mesma proximidade que por ventura teria, caso fosse um diálogo entre dois informantes, não se sente à vontade e procura usar a língua mais próxima possível de uma padronização escolar, influenciando, assim, no uso dos marcadores discursivos. De fato, esperávamos mais

marcadores regionais, inovadores e emergentes, distante da padronização escolar, mas a ocorrência destes foi praticamente inexpressiva.

6.2.4. Variáveis sociais: sexo

No que diz respeito às escolhas feitas, pelos homens e pelas mulheres, em relação aos marcadores discursivos, percebemos claramente, no quadro 13, o fato de que um marcador basicamente orientador como *né* e *nera*, por exemplo, é consideravelmente mais utilizado pelos homens (1166 e 17, respectivamente), que pelas mulheres (619 e 2), que preferem a forma variante *não é*. Isso contradiz a pesquisa de Duque Estrada (1992), que encontrou uma quantidade de *nés* utilizada pelas mulheres sensivelmente maior que a utilizada pelos homens, com a justificativa de que, dentre as características mais gerais, a abordagem masculina demonstra ser mais objetiva, independente, direta, informativa e combativa, ao passo que a abordagem feminina tende a ser mais subjetiva, sugestiva, apelativa e conciliatória, de maneira que seriam, justamente, as características femininas que coincidiriam com certas características de enunciados passíveis de conter o marcador interativo *né*.

Mas, das 91 ocorrências do marcador *não é*, 88 foram utilizadas por mulheres, enquanto 3 apenas por homens. No que diz respeito às formas *sabe* e *sabia*, a escolha bastante acentuada da forma *sabe* (100), por partes das mulheres, em relação aos homens (3), revela a preferência daquelas pela 3ª pessoa do presente do indicativo. Em contrapartida, os homens preferiram utilizar a forma na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo *sei* (32) em contraponto com as mulheres, que a utilizaram apenas 14 vezes. Parecem óbvias as escolhas referentes às formas *rapaz* e *mulher*, de maneira que os homens escolhem a forma que revele, sobretudo o gênero ao qual pertencem, ocorrendo o mesmo entre as mulheres, pois, de fato, das 229 ocorrências do marcador *rapaz*, 220 foram utilizadas por homens, enquanto todas as 64 ocorrências do marcador discursivo *mulher* foram utilizadas por mulheres. Os marcadores discursivos *tudo*, *tudinho*, *tudim*, *viu*, *minha filha*, *olha*, e *bem* foram encontrados, em sua maioria nos inquéritos proferidos por homens, ao passo que os marcadores *ora*, *mas assim*, *valha*, *sim*, e *ai é* foram mais utilizados por mulheres.

Vejamos o quadro 13 abaixo:

<i>MARCADOR</i>	<i>SEXO</i>		<i>TOTAL</i>
	<i>HOMEM</i>	<i>MULHER</i>	
Ora	8	16	24
Né	1166	619	1785
Tudo	24	11	35
Minha filha	10	4	14
Olha	28	16	44
Mas assim	6	14	20
Valha	3	16	19
Tudinho	55	6	61
Rapaz	220	9	229
Viu	33	3	36
Sim	9	28	37
Sei	32	14	46
Sabe	13	100	113
Mulher	-	64	64
Tudim	14	2	16
Bem	21	2	23
Ai é	15	36	51
Não é	3	88	91
Nera	17	2	19

Quadro 13: cruzamento entre marcadores discursivos e sexo. (somente os mais usados pelos homens e pelas mulheres).

6.2.5. Variáveis sociais: escolaridade

O marcador *né* fora proferido 678 vezes por falantes cujo tempo de escolaridade varia entre de 0 a 4 anos, e 287 vezes por falantes entre 9 a 11 anos de escolaridade; em contrapartida, estes, escolheram a variante *não é*, utilizando-a 89 vezes, enquanto os falantes entre 0 a 4 anos de escolaridade apenas 2 vezes.

A mesma característica se deu com o marcador *aí*, que fora utilizado 994 vezes, por falante cujo grau de escolaridade varia entre 0 a 4 anos, e 548 vezes por falante entre 9 a 11 anos de escolaridade.

É interessante ressaltar, também, que, à medida em que aumenta o tempo de escolaridade, aumenta também a frequência com que os falantes utilizam os marcadores *mas*, *então*, *tudinho*, *certo* e *sabe*, o que é inversamente proporcional para os marcadores *ora*, *tudo*, *ave maria*, *agora*, *pois é*, *olha*, *vixe*, *minha filha*, *nera*, e *macho*, que, à medida que aumenta o tempo de escolaridade, têm sua frequência de uso diminuída, como demonstrado no quadro 14.

Isso provavelmente ocorre pelo fato de que, apesar das importantes funções exercidas pelos marcadores, amarrando o texto no plano cognitivo e também no plano interpessoal, eles são em sua maioria, estigmatizados pela tradição gramatical, e, nesse aspecto, nossa pesquisa também se assemelha à pesquisa de Freitag (2007).

Os marcadores discursivos não são reconhecidos como uma categoria nas gramáticas normativas, de maneira que o nível de escolaridade condiciona o seu uso, pois, sabemos que a escola padroniza a língua, de forma que os mais escolarizados tendem a usar os marcadores mais rotinizados, de menor diversidade e, conseqüentemente, mais aceitos. Em contrapartida, os menos escolarizados tendem a usar os marcadores de maior diversidade e variedades de formas, com mais inovação e emergência, ou mais próximos da variedade regional e, conseqüentemente menos aceitos.

A exceção é o marcador *minha filha* que, apesar de rotinizado, fora utilizado mais pelos falantes menos escolarizados que os falantes mais escolarizados, provavelmente porque a escola também estabeleça um padrão de comportamento no que diz respeito à proximidade

do falante com o outro, ou seja, é estabelecida também pela escola a ideia de que o falante mais educado e polido deve marcar certa distância em sua linguagem em relação àquele com quem não tenha muita intimidade. Vejamos os quadros 14 e 15 a seguir:

MARCADOR	TEMPO DE ESCOLARIDADE		
	0 A 4 ANOS	5 A 8 ANOS	9 A 11 ANOS
Mas	37	46	52
Então	24	72	143
Tudinho	5	11	45
Certo	13	14	65
Sabe	9	48	56
Bem	1	3	19

Quadro 14: aumento de frequência dos marcadores discursivos conforme o tempo de escolaridade

MARCADOR	TEMPO DE ESCOLARIDADE		
	0 A 4 ANOS	5 A 8 ANOS	9 A 11 ANOS
Tudo	21	12	2
Ave Maria	10	4	2
Agora	68	60	43
Pois é	17	10	8
Olha	21	14	9
Vixe	18	12	6
M inha filha	12	2	-
Nera	15	4	-
Macho	10	4	-

Quadro 15: diminuição da frequência dos marcadores discursivos conforme o tempo de escolaridade.

Outro resultado obtido na análise da frequência desses marcadores diz respeito ao fato de que os falantes cujo tempo de escolaridade varia entre 5 a 8 anos utilizam mais os marcadores discursivos *rapaz* (129) e *mulher* (61), que os falantes de menor (0 a 4 anos) e maior escolaridade (9 a 11).

As constatações decorrentes da análise dos dados e das frequências obtidas nos levam a resultados gerais, porém não absolutos, sobre os marcadores discursivos na norma popular de Fortaleza. Chegamos a mesma conclusão de Risso, Silva e Urbano (2006) de que os marcadores discursivos, como mecanismos verbais da enunciação, atuam no plano da organização textual-interativa, com funções normalmente distribuídas entre a orientação da interação ou articulação do segmento do discurso; operam no plano da atividade enunciativa e não no plano do conteúdo. Entretanto, asseguram a ancoragem pragmática desse conteúdo, ao definirem, entre outros pontos, a força ilocutória com que ele pode ser tomado, as atitudes assumidas em relação a ele, a checagem de atenção do ouvinte para a mensagem transmitida, a orientação que o falante imprime à natureza do elo sequencial entre as entidades textuais. Quando analisados do ponto de vista da integração sintática na estrutura oracional, os marcadores discursivos são unidades independentes, que, portanto, não se constituem como parte integrante dessa estrutura; são insuficientes para constituírem enunciados completos em si próprios, ou seja, são, do ponto de vista comunicativo, unidades não-autônomas, diferenciando-se, nesse ponto, mas não somente nele, das interjeições, dos vocativos, das palavras-frase; possuem pouca transparência semântica; podem aparecer em posição inicial, medial ou final e, por fim, são, comumente, formas fixas, pouco propensas a variações fonológicas, flexionais, ou de construção.

6.3. Classificação dos índices numéricos dispostos sucessivamente, de acordo com a ordem das variáveis descritas, dos 75 marcadores discursivos encontrados no “corpus” DID, Norpofor.

6.3.1. Formas simples

6.3.1.1

Aí

Ex (113): “... estava muito chateada... *ai* eu fugi pra casa de uma tia Minha...” (*inq. 06*)

Variável 01 = traço 1: padrão de alta recorrência;

Variável 02 = traço 1: sequenciador tópico;

Variável 03 = traço 0: fragilmente orientador;

Variável 04 = traço 2: opacidade;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07 = traço 0: posição início de turno e/ ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: forma variante;

Dos marcadores encontrados, na norma popular de Fortaleza, o marcador *ai* foi o mais produtivo, em um total de 35,6%. Encontramos 1219 ocorrências por parte dos homens e 1353 ocorrências por parte das mulheres. Sua alta produtividade revela o alto grau de motivação para o envolvimento social entre o informante e o documentador, tem como principal função a articulação de segmento do discurso, podendo relacionar as sequências ou exercer uma função continuadora, aparece no início ou no meio de turno ou no início de

unidade comunicativa e possui outra forma variante, bem menos frequente (*dai*), podendo vir combinado com outros marcadores como *mas*, *pronto*, *depois* e *rapaz* (como em *mas aí, aí pronto, aí depois* e *aí rapaz*, que propositalmente foram considerados, nesta pesquisa, como unidades, por acreditarmos que, nessa formação, atendem a um propósito comunicativo diferente daquele em que se apresenta a forma simples).

6.3.1.2.

Ora

Ex (114): “...*ora*... eu num apanhava nem dos meus pais...” (*inq.06*)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 1: sequenciador tópico;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 2: opacidade;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07 = traço 0: início de turno /e ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço forma fixa.

O marcador *ora* aparece no nosso *corpus* apenas em 24 ocorrências, em um percentual de 0,3%, ou seja, contrariando a característica de alta frequência, aparece como sequenciador tópico, e possui uma função secundária no que tange a orientação da interação; os falantes fortalezenses, em sua linguagem oral popular, o utilizam sempre no início de turno ou unidade comunicativa. Não possui forma variante e encontramos o dobro de ocorrências por parte das mulheres (16), que pelos homens (8). No que se refere à frequência, é condicionado pelo tempo de escolaridade, sendo que os mais escolarizados tendem a usar menos essa forma.

6.3.1.3

Né

Ex (1115): “... porque era onde o pessoal tirava... naquela época tava nascendo a Aldeota *né?*” (inq. 06)

Variável 01 = traço1: padrão de alta recorrência;

Variável 02 = traço3: não sequenciador;

Variável 03 = traço 2: basicamente orientador;

Variável 04 = traço 2: opacidade;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não autônomo;

Variável 07 = traço 1: posição final de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

O frequente marcador *né* é o segundo marcador mais produtivo de nossa pesquisa, correspondente a 24,7% dos marcadores encontrados, o que sugere a possibilidade de os informantes manterem a interação com os seus respectivos documentadores, pois sua função é basicamente orientadora, aparece sempre no final de turno ou unidade comunicativa, e possui como formas variantes, as formas *não é, nera e num é*. Com base na pesquisa de Duque Estrada (1992), acreditávamos que seria uma forma preferida pelas mulheres, sobretudo, por ter, dentre outras funções, a função de abrandamento, mas, diferente do que esperávamos, os homens fortalezenses, na linguagem oral popular, utilizaram-no em 1166 ocorrências, enquanto as mulheres em 619 ocorrências, uma diferença bastante expressiva. Quanto à escolaridade, apesar de não haver uma diferença tão significativa entre os falantes de 0 a 4 anos de escolaridade (678) e os falantes de 5 a 9 anos (820), há uma diminuição bem relevante no que diz respeito ao uso dessa forma para os falantes mais escolarizados, que compreendem de 9 a 11 anos (287).

6.3.1.4.

Assim

Ex (116): “... tivesse um que dissesse *assim...* você é filha de fula:::no...” (*inq.09*)

Variável 01 = traço 1: padrão de alta recorrência;

Variável 02 = traço 2: sequenciador frasal;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não autônomo;

Variável 07 = traço 0: posição início de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 1: forma fixa.

O marcador discursivo *assim* também é bastante frequente na linguagem oral popular de Fortaleza. Como constituinte pragmático extraoracional, aparece como um clarificador, também possui a função de sequenciador frasal e aparece no início de turno ou de unidade comunicativa. Em nossa pesquisa, encontra-se em sua forma simples ou combinado com o marcador *mas* em *mas assim* ou até mesmo na forma *mas quando assim*. Sua utilização é bem regular no que diz respeito ao sexo, ou ao tempo de escolaridade; dessa maneira, não poderíamos, com base nesta pesquisa, dizer que esse marcador é condicionado por essas variáveis sociais.

6.3.1.5.

Tudo

Ex (117): “:... os filhos estão cria::do...**tudo**” (inq. 09)

Variável 01 = traço3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não sequenciador;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 2: opacidade;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não autônomo;

Variável 07 = traço 1: posição final de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

O marcador discursivo **tudo** é pouco frequente na norma popular oral de Fortaleza, possui uma função secundariamente orientadora, a de retomada ou resumo do que fora dito antes. Essa forma também pode variar para **tudinho** e **tudim**. As ocorrências aqui encontradas aparecem sempre no final de turno ou de unidade comunicativa. Os homens fortalezenses usaram em 24 ocorrências esta forma e as mulheres em 11 ocorrências. Também tem como característica o fato de que quanto mais se aumenta o tempo de escolaridade, menos é utilizada na norma popular de Fortaleza.

6.3.1.6.

Mas

Ex (118): “... **mas**... trabalha há mais de três... dois a::nos...” (*inq.09*)

Variável 01 = traço 1: padrão de alta recorrência;

Variável 02 = traço 2: sequenciador tópico;

Variável 03 = traço 2: basicamente orientador;

Variável 04 = traço 1: opacidade;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não autônomo;

Variável 07 = traço 0: posição início de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 1: forma fixa.

Mas é uma forma bastante recorrente na norma oral popular de Fortaleza, encontramos 1,9%, deste marcador, em todo *corpus*, no início de turno ou unidade comunicativa, e possui uma característica, já mencionada por Risso, Silva e Urbano (2006), muito interessante, pois esta forma tem caráter bidirecional, pode funcionar como sequenciador tópico ou como basicamente orientador. Há certa regularidade entre a utilização de homens e mulheres, mas é uma forma que o uso está condicionado ao tempo de escolaridade, pois percebemos que, quanto mais se aumenta o tempo de escolaridade dos informantes mais se aumenta o uso deste marcador, tendo em vista que esta forma é bem aceita e aproxima-se da padronização da língua estabelecida pela escola.

6.3.1.7.

Minha filha

Ex (119): “... **minha filha**... isso é de boa qualidade...” (*inq. 10*)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 1: opacidade;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 0: comunicativamente autônomo;

Variável 07 = traço 0: posição início de turno e/ou unidade comunicativa (podendo também apresentar traço 1- final);

Variável 08 = traço 1: forma fixa.

O marcador discursivo *minha filha* é um vocativo genérico rotinizado, pouco utilizado pelos fortalezenses em sua norma popular oral, em uma frequência de 0,2% apenas, e tem uma função secundariamente orientadora. É mais utilizado pelos falantes homens (10 ocorrências), que pelas mulheres (4 ocorrências). Talvez isso seja explicado pelo grau de polidez dos homens na interação com as mulheres. Apesar de esse marcador ser aceito no que tange à padronização da língua, é mais utilizado pelos falantes cujo tempo de escolaridade varia entre 0 a 4 anos (12), e pouco empregado, pelos falantes cujo tempo varia entre 5 a 9 anos, não sendo registrada nenhuma ocorrência para os falantes cujo tempo de escolaridade varia entre 9 a 11 anos. Provavelmente a escola padronize também o modelo de comportamento no que diz respeito à aproximação estabelecida entre os interlocutores, pois, se os mesmos não possuem muita intimidade, não se deve marcá-la na linguagem.

6.3.1.8

Então

Ex (120): “... *então...* vocês ago:::ra estão crescendo...” (*inq.10*)

Variável 01 = traço 1: padrão de alta recorrência;

Variável 02 = traço 1: sequenciador tópico;

Variável 03 = traço 0: fragilmente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não autônomo;

Variável 07 = traço 0: posição início de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 1: forma fixa.

Então é um marcador bastante recorrente na norma popular de Fortaleza (representa 3,3% das ocorrências encontradas em nossa pesquisa), tem caráter de sequenciador tópico, com diferentes funções como sequenciador temporal, introdutor de efeito, possuindo uma característica de remissão anafórica, como já fora discutido em Risso, Silva e Urbano (2006), o que difere esse marcador do marcador discursivo *agora*, com característica prospectiva. É fragilmente orientador e, em nosso *corpus*, encontra-se sempre no início de turno ou unidade comunicativa. Possui certa regularidade em relação à utilização por parte dos homens e das mulheres, mas, no que diz respeito ao grau de escolaridade, é um marcador mais aceito pela padronização da escola, e por isso é gradativamente mais utilizado pelos falantes com maior tempo de escolaridade.

6.3.1.9.

Taí

Ex (121): “... *taí...* ela me conhece tão bem pra ficar com ciúmes...” (*inq.10*)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 1: sequenciador tópico;

Variável 03 = traço 0: fragilmente orientador;

Variável 04 = traço 2: opacidade;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não autônomo;

Variável 07 = traço 2: ouvinte início convergente;

Variável 08 = traço 1: forma fixa.

O marcador discursivo *taí* é proveniente da contração entre o verbo *estar* e o advérbio de lugar *aí*, pouco frequente na norma popular de Fortaleza (encontram-se apenas 0,1% dados no *corpus*). Tem uma função sequenciadora tópica e é utilizado no início de turno ou de unidade comunicativa pelo ouvinte, quando concorda com o falante. É bastante regular no que diz respeito à utilização por parte dos homens e das mulheres, bem como em relação ao tempo de escolaridade.

6.3.1.10.

E

Ex (122): “*e::... num teve graça ... pra vive:::r..*” (*inq.10*)

Variável 01 = traço 1: padrão de alta recorrência;

Variável 02 = traço 1: sequenciador tópico;

Variável 03 = traço 0: fragilmente orientador;

Variável 04 = traço 2: opacidade;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não autônomo;

Variável 07 = traço 0: posição início de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 1: forma fixa.

Esperávamos mais ocorrências do marcador discursivo *e*, mas ainda assim o número de ocorrências foi bastante expressivo, em um total de 1,8% do *corpus*. Ele funciona como um típico sequenciador tópico, e sua posição é inicial, é fragilmente orientador e possui forma fixa. Há certa regularidade na utilização desse marcador em relação ao sexo, mas, em relação ao tempo de escolaridade, é mais usado pelos falantes menos escolarizado, cujo tempo de escolarização varia entre 0 a 4 anos, em um total de 67 ocorrências.

6.3.1.11.

Ave Maria

Ex “(123): “... *a::ve maria*...como isso aconteceu...” (inq. 16)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 0: comunicativamente autônomo;

Variável 07 = traço 0: posição início de turno e/ou unidade comunicativa. (podendo também apresentar traço 1- final);

Variável 08 = traço 2: forma variante.

O marcador discursivo *ave maria* não é muito frequente na norma popular de Fortaleza, o que vai de encontro ao que nós esperávamos, pois, intuitivamente, acreditávamos que encontraríamos um número bastante expressivo de dados em nossa pesquisa, mas, ao contrário do que esperávamos, esse marcador corresponde a 0,2% das ocorrências encontradas

no *corpus*. Ele não possui função sequenciadora e é secundariamente orientador, pode aparecer no final do turno ou da unidade comunicativa, mas, em nosso *corpus*, a posição inicial foi sua localização predominante. É dotado de certa regularidade em relação ao uso entre os homens e as mulheres, porém é menos rotinizado e provavelmente, por isso, mais distante da padronização escolar, o que se reflete no uso pelo tempo de escolaridade: falantes com menos tempo de escolaridade usam mais esse marcador que os demais.

6.3.1.12.

Agora

Ex (124): “..... **ago:::ra** pra quem sabe se co:::ntrolar:::...” (*inq. 16*)

Variável 01 = traço 1: padrão de alta recorrência;

Variável 02 = traço 1: sequenciador tópico;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não autônomo;

Variável 07 = traço 0: posição início de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 1: forma fixa.

Agora é um marcador discursivo que se encontra no grupo dos mais recorrentes na norma popular oral de Fortaleza, é sequenciador tópico e se difere do marcador *então* pela sua natureza prospectiva, possui forma fixa e aparece sempre em posição inicial. Quase não há diferenças entre o uso desse marcador em relação ao sexo do falante, mas, quanto ao tempo de escolaridade, quanto menor este for, maior o uso de *agora*.

6.3.1.13.

Você veja

Ex (47)⁶: “... **você veja**...nun::ca bebeu (tem gente que diz assim) ...Ai.. tem filho que bebe...; (inq. 65)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 2: basicamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não autônomo;

Variável 07 = traço 0: posição início de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 1: forma fixa.

O marcador **você veja** tem 0,0% de frequência, ocorrendo apenas uma vez. Não estabelece relação sequenciadora e é basicamente orientador, tem inclusive o ouvinte inserido nele (você) e um imperativo; além disso, apresenta-se em posição inicial. Sua ocorrência é praticamente inexpressiva, razão pela qual não sabemos se o sexo ou tempo de escolaridade condiciona esse marcador discursivo.

6.3.1.14

Não

Ex (125): “... **nã::o**... é verdade tudo isso que aconteceu?” (inq. 65)

⁶ Os exemplos 47, 58, 59, 80, 88, 96, 97, 98, 99, 101, 108 e 109 são referentes a marcadores discursivos que só possuem uma ocorrência, daí a necessidade de repetir esses mesmos exemplos em seções distintas.

Variável 01 = traço 2: padrão de média recorrência;

Variável 02 = traço 1: sequenciador tópico;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não autônomo;

Variável 07 = traço 0: posição início de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 1: forma fixa.

O marcador discursivo *não*, na norma popular de Fortaleza, possui, de acordo com a pesquisa realizada, um médio padrão de recorrência, ou seja, de todas as ocorrências encontradas, *não* representa 1,0%. É um sequenciador tópico de caráter secundariamente orientador, possui forma fixa, ocorre sempre no início de turno e pode vir a combinar com o verbo *ser*, formando o marcador extramamente produtivo *né*. Os resultados referentes ao uso por parte dos homens e das mulheres não nos permitem identificar tal marcador como condicionado ao sexo do falante, porém verificamos que, no que se refere ao tempo de escolaridade, há um uso maior por parte dos menos escolarizados, de 0 a 4 anos (33 ocorrências), em relação ao uso dos mais escolarizados, de 5 a 9 anos (18 ocorrências) e de 9 a 11 anos (20 ocorrências).

6.3.1.15.

Pois é

Ex (126): “... *pois é*... nós somos pobres...” (inq. 65)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 1: sequenciador tópico

Variável 03 = traço 2: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não autônomo;

Variável 07 = traço 2: ouvinte início convergente;

Variável 08 = traço 1: forma fixa.

O marcador *pois é* representa 0,5% do *corpus*, logo é um marcador de baixa frequência, sequenciador tópico, secundariamente orientador, usado, pelo falante, em uma situação convergente. Há regularidade no que diz respeito ao uso por parte de homens e mulheres, porém, no que se refere ao tempo de escolaridade, encontramos mais ocorrências entre os falantes menos escolarizados e, quanto maior o tempo de escolaridade, menor o uso deste marcador.

6.3.1.16.

Pronto

Ex (127): “... *pronto...* você vai devolver... tudo que te deram...” (*inq.67*)

Variável 01 = traço 2: padrão de média recorrência;

Variável 02 = traço 1: sequenciador tópico

Variável 03 = traço 0: fragilmente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07 = traço 0: posição início de turno e/ou unidade comunicativa (podendo também apresentar traço 1- final);

Variável 08 = traço 2: forma fixa.

O marcador *pronto* representa 1,4% das ocorrências encontradas na norma popular de Fortaleza, por isso é considerado como médio recorrente. Em nossa pesquisa, é sequenciador tópico, fragilmente orientador, e pode ocorrer no início ou no final de turno ou de unidade

comunicativa. Pode vir combinado com outro marcador como *então* e *aí*, como em *então pronto* e *aí pronto*, considerados nesta pesquisa como unidades.

6.3.1.17.

Olha

Ex (128): “*olha...você precisa se cuidar...*” (inq. 65)

Variável 01 = traço 2: padrão de média recorrência;

Variável 02 = traço 1: sequenciador tópico;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 0: posição início de turno e/ou unidade comunicativa (podendo também apresentar traço 1- final);

Variável 08 = traço 2: forma variante.

Olha, na norma popular oral de Fortaleza, representa 0,6% das ocorrências encontradas, é sequenciador tópico, secundariamente orientador, e ocorre no início ou final de turno ou unidade comunicativa. Encontramos, em nosso *corpus*, outra forma variante, *olhe*. É uma forma mais utilizada pelos homens (28 ocorrências) que pelas mulheres (16 ocorrências) e pertence ao grupo de marcadores encontrados na norma popular oral de Fortaleza que são condicionados pelo tempo de escolaridade, ou seja, quanto maior o tempo de escolaridade, menor o uso.

6.3.1.18.

Sabia

Ex (129): “... gosto muito de ir ao cinema... **sabia?**... (inq. 67)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 2: basicamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 1: posição final de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

Encontramos apenas 3 ocorrências do marcador **sabia**, o que, em percentual representa 0,0% das ocorrências encontradas, ou seja, o número de ocorrências é praticamente inexpressivo. Sua função é basicamente interativa, não-sequenciadora. Nas 3 ocorrências encontradas, esse marcador encontra-se sempre em posição final de turno ou de unidade comunicativa. A quantidade de ocorrências encontradas, em nosso *corpus*, não é significativa o bastante para verificar o condicionamento desse marcador no que diz respeito às variáveis sexo e tempo de escolaridade.

6.3.1.19.

Tá entendendo

Ex (130): “... todo mundo vai... **tá entendendo?**...” (Inq. 21)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 2: basicamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07 = traço 0: posição final de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

O marcador *tá entendendo* é proveniente da combinação de dois verbos, aparece apenas em 4 ocorrências, em um percentual de 0,1%, o que configura um padrão de baixa ocorrência. Sua função é basicamente orientadora e ocorre sempre em posição final de turno ou de unidade comunicativa. E exatamente pela quantidade de ocorrências encontradas em nosso *corpus*, não percebemos o condicionamento desse marcador no que diz respeito às variáveis sexo e tempo de escolaridade.

6.3.1.20.

Tu é doido

Ex (131): “... não fiquei chateado não... *tu é doido?*...” (Inq.46)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 2: basicamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 0: comunicativamente autônomo;

Variável 07= traço 1: posição final de turno e/ou unidade comunicativa (podendo também apresentar traço 0- inicial);

Variável 08 = traço 1: forma fixa.

Outro marcador cuja representação no *corpus* é inexpressiva é o marcador *tu é doido*, pois aparece em apenas 2 ocorrências. Sua função é basicamente orientadora, ocorrendo uma vez no início e outra no final do turno e/ou unidade comunicativa. Acreditávamos que esse marcador apareceria com mais frequência, sobretudo acompanhado do marcador *macho*, tendo em vista o fato de que é uma expressão muito corriqueira entre os fortalezenses, mas, provavelmente, o tipo de inquérito utilizado (*DID*), deixe o informante um pouco constrangido, por se tratar de um diálogo entre duas pessoas sem muito envolvimento, com características de entrevista.

6.3.1.21.

Valha

Ex (132): “...*valha...como é caro...*” (Inq. 46)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 3: não se aplica;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 0: comunicativamente autônomo;

Variável 07= traço 0: posição início de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

Por intuição, também acreditávamos encontrar *valha* em um percentual bastante significativo, mas, como já fora mencionado, é possível que o tipo de inquérito utilizado tenha condicionado a pouca ocorrência deste e de outros marcadores mais regionais que, por ventura, seriam mais produtivos em inquéritos do tipo **D2** (diálogo entre dois informantes), por exemplo. Esse marcador representa 0,3% das ocorrências encontradas, é secundariamente orientador, um dos poucos marcadores encontrados no *corpus* cuja transparência semântica não se aplica e todas as ocorrências encontradas aparecem na posição inicial de turno ou de unidade comunicativa. Das 19 ocorrências encontradas, 16 foram usadas por mulheres e 3 pelos homens. É um marcador regional e, por isso mais utilizado pelos menos escolarizados.

6.3.1.22.

Acho

Ex (133): “...*acho...você não confia nele...*” (Inq.46)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 1: sequenciador tópico;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 0: posição início de turno e/ou unidade comunicativa (podendo também apresentar traço 1- final);

Variável 08 = traço 1: forma fixa.

Acho é um sequenciador tópico, secundariamente orientador pouco recorrente no discurso oral popular de Fortaleza, representando 0,2% do *corpus* das ocorrências encontradas. Ocorre em posição inicial ou final de turno ou de unidade comunicativa. Há

regularidade de uso tanto no que se refere ao sexo quanto no que se refere ao tempo de escolaridade.

6.3.1.23.

Tudinho

Ex (134): “... *briguei com meus filho...tudinho...*” (Inq.55)

Variável 01 = traço 2: padrão de média recorrência;

Variável 02 = traço 3: não- sequenciador;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 1: posição final de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

Tudinho é uma forma considerada de média recorrência em nossa pesquisa, secundariamente orientador, que aparece sempre no final de turno ou de unidade comunicativa, sua forma é variante, e, por aparecer no diminutivo, hipotetisávamos que seria mais utilizada pelas mulheres que pelos homens. Todavia, ao contrário do que esperávamos, das 61 ocorrências encontradas, 55 foram utilizadas por homens e apenas 6 por mulheres. É também uma forma utilizada em sua maioria pelos falantes mais escolarizados.

6.3.1.24.

Eita diabo

Ex (58): “... **e::ita diabo**... não é do meu conheci:::mento nã:::o...” (Inq.138)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 2: opacidade;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 0: comunicativamente autônomo;

Variável 07= traço 0: posição início de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: variante

Essa expressão, **eita diabo**, muito conhecida pelos fortalezenses, foi encontrada em apenas 1 ocorrência, o que mais uma vez ratifica o fato de que o tipo de inquérito utilizado pode não motivar a escolha de marcadores menos rotinizados e não aceitos pela padronização da escola. A ocorrência que encontramos é secundariamente orientadora e aparece em posição inicial.

6.3.1.25.

Não é não

Ex (59): “... problema deles... **não é não?**...” (Inq. 104)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 2: basicamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 1: posição final de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: variante.

Não é não? é uma forma que apareceu também, em apenas uma ocorrência. É basicamente orientadora e possui traços semelhantes às variantes *né*, *não é*, e *num é*. O falante escolhe repetir a negativa em um intuito de reforçar e garantir a interação com o outro. Não há um número de ocorrências suficiente para descrever o condicionamento referente às variáveis sexo e tempo de escolaridade.

6.3.1.26.

Nam

Ex (135): “... *nan...* não tem quem faça eu ir...” (*Inq. 55*)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 1: sequenciador tópico;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 2: opacidade;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 0: comunicativamente autônomo;

Variável 07= traço 0: posição início de turno e/ou unidade comunicativa (podendo ser também- ouvinte início divergente);

Variável 08 = traço 2: variante.

O marcador discursivo *nan*, na norma popular de Fortaleza, possui, de acordo com a pesquisa realizada, um baixo padrão de recorrência, ou seja, de todas as ocorrências encontradas, *nan* representa 0,1%. É um sequenciador tópico de caráter secundariamente orientador, possui forma variante, ocorre sempre no início de turno. Os resultados referentes ao uso por parte dos homens e das mulheres não nos permitem identificar tal marcador como condicionado ao sexo do falante, porém identificamos que no que se refere ao tempo de escolaridade, há um uso maior por parte dos menos escolarizados, de 0 a 4 anos (4 ocorrências), em relação ao uso dos mais escolarizados, de 5 a 9 anos (2 ocorrências) e de 9 a 11 anos (1 ocorrência). Sabemos que esse marcador é bastante estigmatizado, e é por essa razão que fora pouco utilizado em um tipo de inquérito em que a presença de um documentador pode inibir o informante.

6.3.1.27.

<p>Valha –me</p> <p>-deus</p>

Ex (136): *...va::lha me Deus...como isso é difícil de falar...” (Inq.67)*

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 2: opacidade;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 0: comunicativamente autônomo;

Variável 07= traço 0: posição início de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: variante

Acreditávamos encontrar vários *valha-me-deus* pela mesma razão que esperávamos encontrar um número maior dos marcadores *valha, tu é doido, macho, égua, valha, bichinho* e outros também mais próximos da linguagem que, empiricamente, percebemos ser típica da oralidade popular de Fortaleza. Contudo este marcador quase não é representado. É secundariamente orientador e todas as 2 ocorrências que encontramos no *corpus* aparecem na posição inicial de turno ou de unidade comunicativa. O número de ocorrências não é significativo o bastante para descrevermos se esse marcador pode, ou não, ser condicionado pelo sexo ou pelo tempo de escolaridade.

6.3.1.28.

Ok

Ex (137): “... você venceu na vida... *ok...*” (Inq. 138)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 2: basicamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 0: posição final de turno e/ou unidade comunicativa (podendo ser também – ouvinte início convergente);

Variável 08 = traço 1: forma fixa.

Encontramos apenas 3 ocorrências da forma **ok**, o que, para a pesquisa, representa apenas 0,0% das ocorrências encontradas no *corpus*. Ele possui uma função basicamente orientadora, e pode vir a ocupar uma posição no início do turno ou da unidade comunicativa, ou no início do turno do ouvinte quando assume uma postura convergente diante do que lhe fora exposto. Também não há ocorrência suficiente para a possível verificação de um possível condicionamento no que se refere às variáveis sexo ou tempo de escolaridade.

6.3.1.29.

Rapaz

Ex (138): *...rapaz... aí não tinha mais o que fazer...* (Inq. 138)

Variável 01 = traço 1: padrão de alta recorrência;

Variável 02 = traço 1: sequenciador tópico;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 0: comunicativamente autônomo;

Variável 07= traço 0: posição início de turno e/ou unidade comunicativa. (Podendo também apresentar traço 1- final);

Variável 08 = traço 1: forma fixa

Rapaz é um marcador bem produtivo na linguagem oral popular de Fortaleza, representando 3,2 % das ocorrências encontradas. É um vocativo rotinizado, que, em nossa pesquisa, ocorreu no início e no final de turnos ou unidades comunicativas. É sequenciador tópico e secundariamente orientador. Percebemos que esse marcador é condicionado pelo sexo, pois, das 229 ocorrências encontradas, 220 foram proferidas por homens, e somente 9 por mulheres. Ele também é condicionado pelo tempo de escolaridade: percebemos que os

falantes mais escolarizados praticamente não usaram esse marcador, o que nos surpreende, pois, por ser um vocativo rotinizado, é mais aceito pela padronização escolar. Esse marcador também pode vir combinado com outros marcadores como *aí* e *não* em *aí rapaz* e *não rapaz*.

6.3.1.30

Viu

Ex (139): “... tinha uma casa lá perto...**viu**...” (Inq.84)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 2: basicamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 0: posição final de turno e/ou unidade comunicativa (Podendo também apresentar traço 1- inicial);

Variável 08 = traço 1: forma fixa.

O marcador basicamente orientador *viu* representa apenas 0,5% das ocorrências aqui analisadas, ou seja, é pouco recorrente. Esperávamos que esse marcador ocorresse sempre no final do turno ou de unidade comunicativa, porém encontramos ocorrências em que o mesmo aparece em posição inicial. Foi encontrado entre os homens (33) que entre as mulheres (3).

6.3.1.31.

Sim

Ex (140): “... *sim*...quando foi isso mesmo...” (*inq. 90*)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 1: sequenciador tópico;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 0: posição início de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 1: forma fixa.

Esse marcador representa 0,5% das ocorrências encontradas no *corpus*, é um sequenciador tópico mais utilizado pelas mulheres (28) que pelos homens (9). Sua posição típica é início de turno ou unidade comunicativa. Há certa regularidade no que diz respeito ao uso em relação ao tempo de escolaridade.

6.3.1.32.

Ixe

Ex (141): “... *ixe*... assim eu vou à falência... (risos)...” (*Inq. 149*)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não- sequenciador;

Variável 03 = traço 0: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 3: não se aplica;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1 comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 0: posição início de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

Ixe é um marcador secundariamente orientador, de baixa recorrência em nosso *corpus*, representando apenas 0,1% das ocorrências encontradas. É um dos casos em que a transparência semântica não se aplica. Não há uma quantidade de ocorrências expressiva que permita uma verificação em relação ao condicionamento referente ao sexo ou ao tempo de escolaridade.

6.3.1.33.

Sei

Ex (142): A: “já disse isso várias vezes pra ele...” (*Inq.* 95)

B: “...*sei.*”

Variável 01 = traço 2: padrão de média recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 2: basicamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 2: ouvinte início convergente;

Variável 08 = traço 2: forma variante

O marcador basicamente orientador *sei*, de média recorrência em nosso *corpus*, representa apenas 0,6% das ocorrências encontradas. Os informantes homens usaram essa forma em 33 ocorrências e as mulheres, em 14. Quanto ao tempo de escolaridade, o uso foi bastante regular entre os informantes mais ou menos escolarizados. Esse marcador também varia em *sabe* e *sabia*.

6.3.1.34

Sabe

Ex (143): “... ela dizia sempre que ia embora... *sabe?...*” (*Inq.* 79)

Variável 01 = traço 1: padrão de alta recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 2: basicamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 1: final de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

Sabe também é basicamente orientador, e das formas variantes *sei* e *sabia*, essa é a mais recorrente, pois representa 1,6% das ocorrências encontradas. Ocorre sempre no final de turno ou unidade comunicativa. Percebemos uma escolha bastante acentuada por parte das mulheres (100), em relação aos homens (3). Há certa regularidade no que diz respeito ao tempo de escolaridade.

6.3.1.35.

Mulher

Ex (144): “... *mulher...* tenho raiva de lembrar disso...” (Inq. 90)

Variável 01 = traço 2: padrão de média recorrência;

Variável 02 = traço 1: sequenciador tópico;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 0: comunicativamente autônomo;

Variável 07= traço 0: início de turno e/ou unidade comunicativa (Podendo também apresentar traço 1- final);

Variável 08 = traço 2: forma variante.

Mulher é um marcador de média recorrência na linguagem oral popular de Fortaleza, representando 0,9% das ocorrências encontradas. É um vocativo rotinizado, que, em nossa pesquisa, ocorreu no início e no final de turnos ou unidades comunicativas. É sequenciador tópico e secundariamente orientador. Percebemos que esse marcador é condicionado pelo sexo, pois das 64 ocorrências encontradas, todas foram proferidas por mulheres e nenhuma por homens, bem como em relação ao tempo de escolaridade: percebemos que os falantes de 5 a 8 anos de tempo de escolaridade (61 ocorrências) usam mais esse marcador que os demais informantes.

6.3.1.36.

Tudim

Ex (145):” ...larguei ele e meus filho... *tudim...*” (Inq.104)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 2: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 1: final de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

O marcador discursivo *tudim* é pouco frequente na norma popular oral de Fortaleza, possui uma função secundariamente orientadora, cujo papel é de retomada ou resumo do que fora dito antes. Essa forma também pode variar para *tudo e tudinho*. As ocorrências aqui encontradas aparecem sempre no final de turno ou de unidade comunicativa. Os homens fortalezenses usaram em 14 ocorrências essa forma e as mulheres em 2.

6.3.1.37.

Certo

Ex (146): “... é por isso que é melhor estudar... *certo?...*” (Inq. 21)

Variável 01 = traço 2: padrão de média recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 2: basicamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 1: final de turno e/ou unidade comunicativa (Podendo também apresentar traço 0- inicial ou traço 2-ouvinte início convergente);

Variável 08 = traço 1: forma fixa.

Encontramos 1,6% da forma *certo*, o que, para a pesquisa, representa um padrão de média recorrência. Ela possui uma função basicamente orientadora, geralmente ocupa uma posição final, mas pode vir a ocupar uma posição no início do turno ou da unidade comunicativa, ou no início do turno do ouvinte quando este assume uma postura convergente diante do que lhe fora exposto. Há regularidade no diz respeito ao uso por parte dos homens e das mulheres, mas percebemos um aumento considerável do uso dessa forma à medida que o falante aumenta o tempo de escolaridade.

6.3.1.38.

Bem

Ex (147) “... *bem...* eu pensei dessa forma a gente vai longe...” (*Inq. 55*)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 1: sequenciador tópico

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 0: início de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 1: forma fixa.

Encontramos 0,3% da forma *bem*, o que, para a pesquisa, representa um padrão de baixa recorrência. Ela possui uma função secundariamente orientadora, aparece sempre no início do turno ou da unidade comunicativa. Percebemos um uso mais expressivo por parte dos homens (21) que pelas mulheres, bem como um aumento considerável do uso dessa forma à medida que o falante aumenta o tempo de escolaridade.

6.3.1.39.

Ai é

Ex (148):” ...*ai é:::?*... então não dá pra mim não...” (Inq. 65)

Variável 01 = traço 2: padrão de média recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 2: basicamente orientador;

Variável 04 = traço 3: não se aplica;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 3: ouvinte início indagativo;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

Ao contrário do que esperávamos, foram encontrados apenas 0,7% do marcador *ai é* (que também pode variar para *ai era*), o que, para a pesquisa, representa um padrão de média recorrência. *Ai é* possui uma função basicamente orientadora, geralmente ocupa uma posição inicial, é sempre indagativo em relação ao que lhe fora exposto. Encontramos mais ocorrências por parte das mulheres (36) que pelos homens (15).

6.3.1.40.

Vixe maria

Ex (149): “... *vixe:: maria*...isso é caro né...” (Inq.67)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 0: comunicativamente autônomo;

Variável 07= traço 0: início de turno e/ou unidade comunicativa (Podendo também apresentar traço 1- final);

Variável 08 = traço 2: forma variante.

O marcador discursivo *vixe maria* não é muito frequente na norma popular de Fortaleza, o que vai de encontro ao que nós esperávamos, pois, intuitivamente, acreditávamos que encontraríamos um número bastante expressivo de ocorrências em nossa pesquisa. Todavia, ao contrário do que esperávamos, esse marcador corresponde a 0,2% das ocorrências encontradas no *corpus*. Ele não possui função sequenciadora e é secundariamente orientador, pode aparecer no final do turno ou da unidade comunicativa, mas, em nosso *corpus*, a posição inicial foi sua localização predominante. Os homens foram responsáveis por 12 ocorrências e as mulheres por 1; porém, trata-se de um marcador menos rotinizado e provavelmente, por isso, mais distante da padronização escolar, o que se reflete no uso pelo tempo de escolaridade: falantes com menos tempo de escolaridade usam mais esse marcador que os demais.

6.3.1.41.

Cara

Ex (150): “...**CARA**... esse filme é demais...” (Inq. 149)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 1: sequenciador tópico;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 0: comunicativamente autônomo;

Variável 07= traço 0: início de turno e/ou unidade comunicativa (Podendo também apresentar traço 1- final);

Variável 08 = traço 1: forma fixa.

Cara é um marcador pouco produtivo na linguagem oral popular de Fortaleza, representando 0,3 % das ocorrências encontradas. É um vocativo, que, em nossa pesquisa, ocorreu no início e no final de turnos ou unidades comunicativas. É sequenciador tópico e secundariamente orientador. Percebemos que esse marcador é condicionado pelo sexo, pois, das 25 ocorrências encontradas, 19 foram proferidas pelas mulheres, e somente 6 por homens, e, ao contrário do que esperávamos, em relação ao tempo de escolaridade percebemos que, com o aumento do tempo de escolaridade, aumenta-se consideravelmente o uso desse marcador discursivo.

6.3.1.42.

Vixe

Ex (151): “... esse mogno... não dá pra eu comprar não...**vixe**...” (Inq.10)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 3: não se aplica;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 0: início de turno e/ou unidade comunicativa (Podendo também apresentar traço 1- final);

Variável 08 = traço 2: forma variante.

Vixe é um marcador secundariamente orientador, de baixa recorrência em nosso *corpus*, representando apenas 0,5% das ocorrências encontradas. É um dos casos em que a transparência semântica não se aplica. Há regularidade de uso no que diz respeito à variável sexo, porém percebemos que, quanto menos escolarizado o informante for, mais estará propenso ao uso dessa forma. Há variação deste marcador para *ixe*.

6.3.1.43.

Sei lá

Ex (152): ...eu acho que tá muito difícil muito ruim... *sei lá...*” (Inq.46)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 1: final de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: forma fixa.

O marcador *sei lá* representa 0,2% das ocorrências encontradas, é secundariamente orientador e aparece sempre no final de turno ou de unidade comunicativa . A forma *lá* desempenha uma função, que, junto ao verbo *saber*, pode vir a dar ideia de negação. A quantidade de registros encontrada no *corpus* fora inexpressiva para que pudéssemos verificar até que ponto há condicionamento no que diz respeito às variáveis referentes ao sexo e ao tempo de escolaridade.

6.3.1.44.

<p>Sabe como</p> <p>é</p>

Ex (78): “... mais dez reais naquele outro CASTANHO... *sabe como é?...*” (Inq. 79)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 0: comunicativamente autônomo;

Variável 07= traço 1: final de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: forma fixa.

Sabe como é apareceu em apenas 1 ocorrência, é secundariamente orientador, localiza-se no final de turno ou de unidade comunicativa. A quantidade de registros encontrada no *corpus* fora inexpressiva para que pudéssemos verificar até que ponto há condicionamento no que diz respeito às variáveis referentes ao sexo e ao tempo de escolaridade.

6.3.1.45.

Tipo

Ex (153): “... *tipo...* a nossa situação era muito ruim...” (Inq. 46)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 2: sequenciador frasal;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 2: opacidade;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 0: início de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 1: forma fixa.

Tipo é uma forma pouco recorrente na norma oral popular de Fortaleza: encontramos apenas 0,1% desse marcador em todo o *corpus*, no início de turno ou unidade comunicativa. A quantidade de registros encontrada no *corpus* fora inexpressiva para que pudéssemos verificar até que ponto há condicionamento no que diz respeito às variáveis referentes ao sexo e ao tempo de escolaridade.

6.3.1.46.

Égua

Ex (80): “... *égua*... eu conheci ela num bar...” (*Inq. 138*)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 3: não se aplica;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07 = traço 0: início de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

Égua é uma forma pouco recorrente na norma oral popular de Fortaleza: encontramos apenas 1 ocorrência desse marcador em todo o *corpus*, no início de turno ou unidade comunicativa. A quantidade de registros encontrada no *corpus* fora inexpressiva para que pudéssemos verificar até que ponto há condicionamento no que diz respeito às variáveis referentes ao sexo e ao tempo de escolaridade.

6.3.1.47.

Não é

Ex (154): “... você não consegue imaginar... *não é?*” (*Inq. 68*)

Variável 01 = traço 2: padrão de média recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 2: basicamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 1: final de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

O marcador *não é* corresponde a 1,3% dos marcadores encontrados, sua função é basicamente orientadora, aparece sempre no final de turno ou unidade comunicativa, e possui como formas variantes as formas *né*, *nera* e *num é*. Quanto à variável relacionada ao sexo, as mulheres são responsáveis por 88 ocorrências encontradas, enquanto os homens apenas por 3 ocorrências. Como essa forma, em relação aos marcadores *né*, *nera* e *num é*, é aquela que mais se aproxima da padronização escolar, verificamos que, das 91 ocorrências usadas pelos falantes 89 foram usadas por falantes com maior tempo de escolaridade, de 9 a 11 anos.

6.3.1.48.

Nera

Ex (155): “... naquela época tudo era mais fácil **nera?...**” (*Inq. 90*)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 2: basicamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 1: final de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

O marcador *nera* corresponde a apenas 0,3% dos marcadores encontrados, sua função é basicamente orientadora, aparece sempre no final de turno ou unidade comunicativa, e possui como formas variantes, as formas *né*, *na é* e *num é*. Diferente da variante *não é*, esse marcador é mais utilizado por falantes menos escolarizados, obviamente por ser mais estigmatizado.

6.3.1. 49.

Num é

Ex (156) “... você se arrepende... **num é?**” (*Inq. 138*)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 2: basicamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 1: final de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

O marcador *num é* corresponde a 0,0% dos marcadores encontrados, com apenas 2 ocorrências e sua função também é basicamente orientadora, aparece sempre no final de turno ou unidade comunicativa, e possui como formas variantes as formas *né*, *nera* e *não é*. A

quantidade de registros encontrada no *corpus* fora inexpressiva para que pudéssemos verificar até que ponto há condicionamento no que diz respeito às variáveis referentes ao sexo e ao tempo de escolaridade, porém acreditamos que esse marcador seja mais produtivo em informantes de menor tempo de escolaridade, pois, de sua variantes, é a menos aceita pela escola, e, sem dúvida, a mais estigmatizada.

6.3.1.50.

Eita

Ex (157): “... **eita**... já tá é tarde né...” (*Inq. 90*)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 3: não se aplica;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 0: início de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

Eita é uma forma pouco recorrente na norma oral popular de Fortaleza: encontramos apenas 3 ocorrências desse marcador em todo *corpus*, no início de turno ou unidade comunicativa. A quantidade de registros encontrada no *corpus* fora inexpressiva para que pudéssemos verificar até que ponto há condicionamento no que diz respeito às variáveis referentes ao sexo e ao tempo de escolaridade.

6.3.1.51.

Bom

Ex (158): “... **bom...** por hoje chega...” (*Inq.89*)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 1: sequenciador tópico;

Variável 03 = traço 0: fragilmente orientador;

Variável 04 = traço 2: opacidade;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 0: início de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 1: forma fixa.

Encontramos 0,1% da forma **bom**, o que, para a pesquisa, representa um padrão de baixa recorrência. *Ele* possui uma função fragilmente orientadora, aparece sempre no início do turno ou da unidade comunicativa. A quantidade de registros encontrada no *corpus* fora inexpressiva para que pudéssemos verificar até que ponto há condicionamento no que diz respeito às variáveis referentes ao sexo e ao tempo de escolaridade.

6.3.1.52.

Olhe

Ex (159): “... **olhe...** já disse né... a vida é difícil...” (*Inq. 09*)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 1: sequenciador tópico;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 0: início de turno e/ou unidade comunicativa (podendo também apresentar traço 1- final);

Variável 08 = traço 2: forma variante.

Olhe, na norma popular oral de Fortaleza, representa 0,1% das ocorrências encontradas, é sequenciador tópico, secundariamente orientador, ocorre no início ou final de turno ou unidade comunicativa. Encontramos, em nosso *corpus*, outra forma variante mais recorrente, *olha*. A quantidade de registros encontrada no *corpus* fora inexpressiva para que pudéssemos verificar até que ponto há condicionamento no que diz respeito às variáveis referentes ao sexo e ao tempo de escolaridade.

6.3.1.53.

Véi

Ex (160): “... é *véi*... lá é muito longe... né?” (*Inq.* 84)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 0: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 0: início de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

Véi, na norma popular oral de Fortaleza, diferente do que esperávamos, apresenta apenas 2 formas no *corpus*. Ele é não-sequenciador, secundariamente orientador, ocorrendo no início de turno ou unidade comunicativa. A quantidade de registros encontrada no *corpus* fora inexpressiva para que pudéssemos verificar até que ponto há condicionamento no que diz respeito às variáveis referentes ao sexo e ao tempo de escolaridade.

6.3.1.54.

Bichinho

Ex (88): “...*bichinho*...compraram DOIs BOlo...” (Inq. 104)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não sequenciador;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 0: comunicativamente autônomo;

Variável 07= traço 0: início de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 1: forma fixa.

Bichinho, na norma popular oral de Fortaleza, apresenta apenas 1 forma no *corpus*. Ele é não-sequenciador, secundariamente orientador, ocorrendo no início de turno ou unidade comunicativa. A quantidade de registros encontrada no *corpus* fora inexpressiva para que pudéssemos verificar até que ponto há condicionamento no que diz respeito às variáveis referentes ao sexo e ao tempo de escolaridade.

6.3.1.55.

Daí

Ex (161): “... *daí*... fui até a casa dele...” (Inq. 06)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 1: sequenciador tópico;

Variável 03 = traço 0: fragilmente orientador;

Variável 04 = traço 2: transparência semântica opaca;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07 = traço 0: início de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

Daí, na norma popular oral de Fortaleza, representa 0,3% das ocorrências encontradas, é sequenciador tópico, fragilmente orientador, ocorrendo no início de turno ou unidade comunicativa. Há regularidade no que diz respeito às variáveis referentes ao sexo e ao tempo de escolaridade.

6.3.1.56.

Aí era

Ex (162): “... *ai era?*... me conta isso direito...” (Inq.95)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 2: basicamente orientador;

Variável 04 = traço 3: não se aplica;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 3: ouvinte início indagativo;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

Foram encontradas apenas 2 ocorrências DO marcador *ai era* (que também pode variar para *ai é*), o que, para a pesquisa, representa um padrão de baixa recorrência. Ele possui uma função basicamente orientadora, geralmente ocupa uma posição inicial e é sempre indagativo em relação ao que lhe fora exposto. A quantidade de registros encontrada no *corpus* fora inexpressiva para que pudéssemos verificar até que ponto há condicionamento no que diz respeito às variáveis referentes ao sexo e ao tempo de escolaridade.

6.3.1.57.

Todim

Ex (163): “... aí todo ano era aquele negócio... *todim...*” (Inq. 89)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 1: final de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

O marcador *todim* aparece apenas em 3 ocorrências, sua função é secundariamente orientadora e, em nosso *corpus*, aparece sempre no final de turno ou de unidade comunicativa. A quantidade de registros encontrada no *corpus* fora inexpressiva para que pudéssemos verificar até que ponto há condicionamento no que diz respeito às variáveis referentes ao sexo e ao tempo de escolaridade.

6.3.1.58.

Depois

Ex (164): “... *depois*... as pessoas ficam falando só besteira por aí...” (*Inq. 09*)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 1: sequenciador tópico;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 2: opacidade;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 0: início de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

O marcador *depois* representa apenas 0,1% das ocorrências encontradas, sua função é secundariamente orientadora e, em nosso *corpus*, aparece sempre no início de turno ou de unidade comunicativa. Pode vir combinado com o marcador *aí* em *aí depois*. A quantidade de registros encontrada no *corpus* fora inexpressiva para que pudéssemos verificar até que ponto há condicionamento no que diz respeito às variáveis referentes ao sexo e ao tempo de escolaridade.

6.3.1.59.

Macho

Ex (165): “... esse é que é meu time **macho...**” (*Inq. 46*)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 0: comunicativamente autônomo;

Variável 07= traço 1: final de turno e/ou unidade comunicativa (podendo também apresentar traço 0- inicial);

Variável 08 = traço 1: forma fixa.

Outro marcador cuja representação no *corpus* é inexpressiva é o marcador **macho**, pois aparece em 14 ocorrências, em um percentual de 0,2%. Sua função é secundariamente orientadora, ocorrendo no final e no início do turno e/ou unidade comunicativa. Acreditávamos que esse marcador apareceria com mais frequência, sobretudo acompanhado do marcador **tu é doido**, tendo em vista o fato de que é uma expressão muito corriqueira entre os fortalezenses, mas, provavelmente, o tipo de inquérito utilizado **DID**, deixe o informante um pouco constrangido, por se tratar de um diálogo entre duas pessoas sem muito envolvimento, com características de entrevista.

6.3.1.60.

Pense

Ex (166): “... **pense...** eu... eu moro muito longe...” (*Inq.10*)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: sequenciador tópico;

Variável 03 = traço 2: basicamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07 = traço 0: início de turno e/ou unidade comunicativa (podendo também apresentar traço 1- final);

Variável 08 = traço 1: forma fixa.

É inexpressiva a ocorrência do marcador discursivo *pense*, pois aparece em um percentual de 0,2% das ocorrências encontradas. Sua função é basicamente orientadora, ocorrendo no início e no final do turno e/ou unidade comunicativa. Acreditávamos que esse marcador apareceria com mais frequência, haja vista que também é uma expressão muito corriqueira entre os fortalezenses, mas, provavelmente, o tipo de inquérito utilizado (*DID*), condicionou a não utilização deste marcador.

6.3.1.61.

Menino

Ex (167): “... *menino*... você tem sempre que estudar...” (*Inq. 21*)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 1: sequenciador tópico;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 0: comunicativamente autônomo;

Variável 07= traço 0: início de turno e/ou unidade comunicativa (podendo também apresentar traço 1- final);

Variável 08 = traço 1: forma fixa.

Menino, na norma popular oral de Fortaleza, representa 0,1% das ocorrências, ou seja, encontramos apenas 8 formas desse marcador discursivo em todo *corpus*. Ele é não-sequenciador, secundariamente orientador, ocorre no início ou em final de turno ou unidade comunicativa. A quantidade de registros encontrada no *corpus* fora inexpressiva para que pudéssemos verificar até que ponto há condicionamento no que diz respeito às variáveis referentes ao sexo e ao tempo de escolaridade.

6.3.1.62.

Claro

Ex (96): “e:...geralmente fiz algumas visitas... **claro...**” (Inq. 46)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 2: ouvinte início convergente;

Variável 08 = traço 1: forma fixa.

Claro é uma forma pouco recorrente na norma oral popular de Fortaleza, encontramos apenas 1 ocorrência desse marcador em todo o *corpus*. Ele aparece no início de turno ou unidade comunicativa, em uma situação de convergência do ouvinte em relação ao falante. A quantidade de registros encontrada no *corpus* fora inexpressiva para que pudéssemos verificar até que ponto há condicionamento no que diz respeito às variáveis referentes ao sexo e ao tempo de escolaridade.

6.3.1.63.

<p>Diabo é</p> <p>isso</p>
--

Ex (97): “...rapaz...*diabo é isso*...tu casou...” (Inq.84)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 0: fragilmente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 0: comunicativamente autônomo;

Variável 07= traço 0: início de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

Diabo é isso, ao contrário do esperado, é uma forma pouco recorrente na norma oral popular de Fortaleza: encontramos apenas 1 ocorrência desse marcador em todo o *corpus*, no início de turno ou unidade comunicativa, provavelmente por conta do tipo de inquérito (*DID*) utilizado como *corpus* da pesquisa. A quantidade de registros encontrada no *corpus* fora inexpressiva para que pudéssemos verificar até que ponto há condicionamento no que diz respeito às variáveis referentes ao sexo e ao tempo de escolaridade.

6.3.1.64.

Como é

Ex (98): ‘...mas o senhor fuma muito... *como é?*’ (Inq. 90)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 2: basicamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07 = traço 3: ouvinte início de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

Como é é uma forma pouco recorrente na norma oral popular de Fortaleza, encontramos apenas 1 ocorrência desse marcador em todo o *corpus*, no início de turno ou unidade comunicativa. A quantidade de registros encontrada no *corpus* fora inexpressiva para que pudéssemos verificar até que ponto há condicionamento no que diz respeito às variáveis referentes ao sexo e ao tempo de escolaridade.

6.3.1.65.

Acredita

Ex (99): “...não tenho vontade de tomar de jeito nenhum... *acredita?*.” (Inq. 55)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 2: basicamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 0: comunicativamente autônomo;

Variável 07 = traço 1: final de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 1: forma fixa.

Acredita é uma forma pouco recorrente na norma oral popular de Fortaleza: encontramos apenas 1 ocorrência desse marcador em todo o *corpus*, no final de turno ou unidade comunicativa. É basicamente orientador. A quantidade de registros encontrada no *corpus* fora inexpressiva para que pudéssemos verificar até que ponto há condicionamento no que diz respeito às variáveis referentes ao sexo e ao tempo de escolaridade

6.3.2. Formas combinadas

6.3.2. 1.

<p>Então pronto</p>

Ex (168): “... fo:::i... *então pronto*...é o que eu sempre digo...” (*Inq. 68*)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 1: sequenciador tópico;

Variável 03 = traço 0: fragilmente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07 = traço 0: posição início de turno e/ou unidade comunicativa. (podendo também apresentar traço 1- final);

Variável 08 = traço 2: forma variante.

O marcador *então pronto* é uma forma combinada que representa 0,1% das ocorrências encontradas na norma popular de Fortaleza, por isso é considerado como de baixa recorrência em nossa pesquisa. É sequenciador tópico, fragilmente orientador, e pode ocorrer no início ou no final de turno ou de unidade comunicativa. A quantidade de registros encontrada no *corpus* fora inexpressiva para que pudéssemos verificar até que ponto há condicionamento no que diz respeito às variáveis referentes ao sexo e ao tempo de escolaridade.

6.3.2.2.

Mas tá aí

Ex (101): “... vai fazer dezessete... **mas tá aí...** um menino ótimo...” (Inq. 79)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 2: sequenciador frasal;

Variável 03 = traço 0: fragilmente orientador;

Variável 04 = traço 2: opacidade;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 2: ouvinte início convergente;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

O marcador *mas tá aí* é um forma combinada que representa 0,1% das ocorrências encontradas na norma popular de Fortaleza, por isso é considerado como de baixa recorrência em nossa pesquisa. É sequenciador frasal, fragilmente orientador, e ocorre no início de turno ou de unidade comunicativa. A quantidade de registros encontrada no *corpus* fora inexpressiva para que pudéssemos verificar até que ponto há condicionamento no que diz respeito às variáveis referentes ao sexo e ao tempo de escolaridade

6.3.2.3.

Aí pronto

Ex (169): “...*aí pronto* perdi meu óculos...” (Inq.10)

Variável 01 = traço 2: padrão de média recorrência;

Variável 02 = traço 1: sequenciador tópico;

Variável 03 = traço 0: fragilmente orientador;

Variável 04 = traço 2: opacidade;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 0: posição início de turno e/ou unidade comunicativa. (podendo também apresentar traço 1- final);

Variável 08 = traço 2: forma variante.

O marcador *aí pronto* é uma forma combinada que representa 1,3% das ocorrências encontradas na norma popular de Fortaleza, por isso é considerado como de média recorrência em nossa pesquisa. É sequenciador tópico, fragilmente orientador, e pode ocorrer no início ou no final de turno ou de unidade comunicativa. Percebemos que essa forma é mais utilizada pelos homens (57 ocorrências) que pelas mulheres (37 ocorrências), e, no que diz respeito ao tempo de escolaridade, há um aumento gradativo dessa forma à medida em que aumenta o tempo de escolaridade do informante.

6.3.2.4.

Mas aí

Ex (170): “... *mas aí*... no ano que era pra ele se aposentar...” (Inq. 138)

Variável 01 = traço 2: padrão de média recorrência;

Variável 02 = traço 2: sequenciador frasal;

Variável 03 = traço 0: fragilmente orientador;

Variável 04 = traço 2: opacidade;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 0: posição início de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

O marcador *mas aí* é uma forma combinada que representa 0,6% das ocorrências encontradas na norma popular de Fortaleza, por isso é considerada como medianamente recorrente em nossa pesquisa. É sequenciador frasal, fragilmente orientador, e ocorre no início de turno ou de unidade comunicativa. Há regularidade no uso desse marcador tanto em relação ao sexo do falante quanto ao tempo de escolaridade.

6.3.2.5.

Mas assim

Ex (171): “... *era bom... mas assim... eu precisava mudar...*” (Inq.65)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 2: sequenciador frasal;

Variável 03 = traço 0: fragilmente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 0: comunicativamente autônomo;

Variável 07= traço 0: posição início de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

O marcador *mas assim* é uma forma combinada que representa 0,3% das ocorrências encontradas na norma popular de Fortaleza, por isso é considerado como de baixa recorrência em nossa pesquisa, é sequenciador frasal, fragilmente orientador, e ocorre no início de turno ou de unidade comunicativa. A quantidade de registros encontrada no *corpus* fora inexpressiva para que pudéssemos verificar até que ponto há condicionamento no que diz respeito às variáveis referentes ao sexo e ao tempo de escolaridade

6.3.2.6.

<p>Mas quando assim</p>
--

Ex (102): “... *mas quando assim...* até os quin/... até eu completar os quinze anos eu sofri muito em casa...” (Inq.104)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;;

Variável 03 = traço 0: fragilmente orientador;

Variável 04 = traço 3: não se aplica;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 0: comunicativamente autônomo;

Variável 07= traço 3: ouvinte início indagativo;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

O marcador *mas quando assim* é um forma combinada que representa 0,0% das ocorrências encontradas na norma popular de Fortaleza, ou seja, encontramos apenas 1 ocorrência, por isso é considerado como de baixa recorrência. É não-sequenciador, ocorre no início de turno ou de unidade comunicativa, em uma situação indagativa do ouvinte em relação ao falante. A quantidade de registros encontrada no *corpus* fora inexpressiva para que pudéssemos verificar até que ponto há condicionamento no que diz respeito às variáveis referentes ao sexo e ao tempo de escolaridade.

6.3.1.7.

Aí depois

Ex (172): *...aí depois ...é fácil de falar....difícil é...* (Inq.104)

Variável 01 = traço 2: padrão de média recorrência;

Variável 02 = traço 1: sequenciador tópico;

Variável 03 = traço 0: fragilmente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 0: início de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

O marcador *ai depois* é uma forma combinada que representa 0,8% das ocorrências encontradas na norma popular de Fortaleza, por isso é considerado como de média recorrência. É sequenciador tópico, fragilmente orientador, e ocorre no início de turno ou de unidade comunicativa. Há regularidade de uso desse marcador no que diz respeito às variáveis referentes ao sexo e tempo de escolaridade.

6.3.1.8.

Aí rapaz

Ex (173): *...ai rapaz...como é que eu posso confiar nela de novo..."*

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 1: sequenciador tópico;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 0: comunicativamente autônomo;

Variável 07= traço 0: início de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

O marcador *ai rapaz* é uma forma combinada que representa 0,1% das ocorrências encontradas na norma popular de Fortaleza, por isso é considerado como de baixa recorrência em nossa pesquisa. É sequenciador tópico, secundariamente orientador, e ocorre no início de turno ou de unidade comunicativa. A quantidade de registros encontrada no *corpus* fora inexpressiva para que pudéssemos verificar até que ponto há condicionamento no que diz respeito às variáveis referentes ao sexo e ao tempo de escolaridade

6.3.1.9.

Não rapaz

Ex (108): “...*não rapaz* ...como é o que pode... a casa é quinhentos conto...” (Inq.65)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 1: sequenciador tópico;

Variável 03 = traço 1: secundariamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 0: comunicativamente autônomo;

Variável 07= traço 0: início de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

O marcador *não rapaz* é uma forma combinada que representa 0,0% das ocorrências encontradas na norma popular de Fortaleza, pois encontramos apenas um registro desse marcador. É sequenciador tópico, secundariamente orientador, e ocorre no início de turno ou de unidade comunicativa. A quantidade de registros encontrada no *corpus* fora inexpressiva para que pudéssemos verificar até que ponto há condicionamento no que diz respeito às variáveis referentes ao sexo e ao tempo de escolaridade

6.3.2.10.

Não sabe?

Ex (109): “...tem um colégio lá...*não sabe?...*” (Inq. 65)

Variável 01 = traço 3: padrão de baixa recorrência;

Variável 02 = traço 3: não-sequenciador;

Variável 03 = traço 2: basicamente orientador;

Variável 04 = traço 1: transparência semântica parcial;

Variável 05 = traço 1: sintaticamente independente;

Variável 06 = traço 1: comunicativamente não-autônomo;

Variável 07= traço 1: final de turno e/ou unidade comunicativa;

Variável 08 = traço 2: forma variante.

O marcador *não sabe?* é uma forma combinada que representa 0,0% das ocorrências encontradas na norma popular de Fortaleza, pois encontramos apenas um registro desse marcador. É não-sequenciador, basicamente orientador, e ocorre no final de turno ou de unidade comunicativa. A quantidade de registros encontrada no *corpus* fora inexpressiva para que pudéssemos verificar até que ponto há condicionamento no que diz respeito às variáveis referentes ao sexo e ao tempo de escolaridade

7. Considerações a respeito dos marcadores discursivos mais frequentes

Deparamo-nos com um resultado em que uma grande quantidade de marcadores discursivos encontrados não apresenta mais que 1,5% de reiteração, mas esse fato não nos leva a crer que eles sejam pouco recorrentes, sobretudo pelo fato de que, somando 18 horas de inquérito *DID*, encontramos um total de 7222 ocorrências, deixando claro que a alta frequência é uma característica muito marcante dos marcadores discursivos.

Como já fora mencionado, os marcadores mais frequentes foram *aí* (2572) 34,4%, *né* (1785) 23,9%, *assim* (476) 6,4%, *então* (239) 3,2%, *rapaz* (229) 3,1%, *agora* (171) 2,3%, *mas* (135) 1,8%, *e* (131) 1,8% e *sabe* (113) 1,5%.

Alguns desses marcadores discursivos são tão recorrentes que autores como Oliveira Neto (1995), adotando a mesma nomenclatura de Marcuschi (1989), Andrade (1990), e Duque Estrada (1992), já os examinaram especificamente. Oliveira Neto (1995) examinou os marcadores *né*, *aí* e *assim* na fala dos canoieiros do Ver-o-peso em Belém do Pará. O autor constatou que o marcador apelatório *né*, o continuador *aí* e o reforçatório *assim*, dada a sua

maior ocorrência e frequência na fala dos canoieiros, a par de exercerem essas funções básicas, adquirem diferentes efeitos de sentido, durante o processo comunicativo entre informante e documentador, exercendo ainda, o papel de organizadores do discurso.

Andrade (1990), que examinou os marcadores *então*, *aí* e *daí* em suas propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas, analisa, também, nesse estudo, esses marcadores em seus contextos e condições de produção, e não separadamente, já que eles se realizam em atividades interacionais entre indivíduos, durante a conversação. Exatamente por isso, a autora considera os marcadores como “elementos que auxiliam na articulação de um sentido ou na continuidade de sentidos para a elaboração de um texto conversacional coesivo e coerente estabelecendo a interação entre os interlocutores”. Já a linguista Duque Estrada (1992) examinou o marcador *né* em conversações informais, na fala urbana culta paraense. Analisou esse marcador levando em conta a definição de sua forma, localização e entonação nas unidades comunicativas e apresentou as funções de abrandamento e de indicação de relevância exercidas por esse marcador.

Dos marcadores mencionados como mais recorrentes na cidade de Fortaleza, nesta pesquisa, apenas *né* e *sabe* são basicamente interacionais. Os marcadores discursivos *aí*, *e* e *então*, como já observado, possuem alguns traços comuns, atuando como articuladores tópicos e fragilmente orientadores. Tais marcadores caracterizam-se, no discurso, de várias formas. *E* e *então* geralmente são considerados conjunções quando ligam orações e como marcadores discursivos quando ligam porções maiores de textos. Desempenham funções de sequenciação temporal e introdução de efeito. Vejamos os exemplos a seguir:

Ex (174): “...Ela saiu de tarde atrás dele...*aí* ela foi procurar ele...”

Ex (175): “....a comida era pouca...ela fazia o que podia...*então* dividia....”

Ex (176): “...disse que não queria mais....*e*... fugi...”

Ex (177) “...estava muito chateada...*aí* eu fugi pra casa de uma tia Minha...”

Ex (178) “...*aí* ela disse pra mim se tá triste...*então* é melhor deixar ele né?”

Ex (179): “...fui ter filho cedo...*e* hoje vivo em dificuldade...”

Outra função claramente encontrada no *corpus*, no que tange à articulação de segmentos do discurso, diz respeito à função de sequenciação textual que determina a ordem pela qual as informações são apresentadas no texto, indicando uma progressão linear em direção à continuidade. Vejamos no exemplo do marcador discursivo *e*:

Ex (180): ...”*amanheci com dor de cabeça...virada... decidi tomar rumo, e agora mudar de vida...*”

No nível conversacional, esses marcadores discursivos *aí, e* e *então*, semelhante aos textuais, interligam porções maiores do discurso, mas envolvem a dinâmica das relações interturno, com a função de colaborar nas trocas de turno entre os participantes da conversação. Neste sentido, vale salientar duas funções encontradas no *corpus*, a sequenciação a partir das palavras do interlocutor e a introdução de efeito/inferência, em que o conector introduz uma conclusão tirada das palavras do interlocutor. Vejamos um exemplo de *então*:

Ex (181): A: “...*como eu já te disse...tenho filho de 35 anos...*”

B: “... *então também já tem neto?...*”

Outra observação importante em relação ao marcador *então* é que, apesar de possuir característica bastante em comum com o marcador *agora*, o uso de *então*, no que se refere ao estatuto de marcador discursivo, como agente da organização interna do texto, tem, por trás de suas especificidades, uma função, já detectada por Risso, Silva e Urbano (2006), remissiva retroativa, que, na linearidade expositivo-argumentativa, é característica do advérbio anafórico *então*, no contexto da frase. E, exatamente por apresentar essa característica de remissão anafórica, comum ao advérbio e ao marcador, ele cria um efeito de previsibilidade. A expectativa causada a partir do uso desse articulador é de algo a ser posto no discurso, em continuidade ou consonância com o que já é dado, sempre seguindo a mesma linha de argumentação antes delineada.

Percebemos uma grande diferença entre *então* e *agora*, pois *agora* possui a propriedade inversa do *então*, no sentido de que *agora* faz o discurso avançar para uma situação sempre nova, com força de ressalva, contraposição, reordenação de enfoque ou

desacordo a uma situação já antes proferida. Exatamente por isso é que *agora* não foi encontrado fechando tópicos, em contraste com *então*, pois *agora* possui uma natureza prospectiva e reordenadora.

Ex (182): “...*agora* se você partir do princípio de a vida é muito difícil...”

É importante salientar que o *mas* é um marcador que, apesar de ser orientador de interação, não deixa de ser um sequenciador tópico, ou seja, possui uma dupla função pouco comum aos marcadores. Em seu caráter bidirecional, pela atuação retrospectiva no texto, como basicamente orientador, encontramos duas funções importantes como mecanismo para tomada de turno ou engate para digressão opinativa.

Ex (183): “você já me perguntou isso.... *mas* o negócio é o seguinte...”

Ex (184): “nós saímos muito tarde.... num lugar escuro/...*mas* era um lugar seguro...”

As formas *sabe* e *né* devem ser analisadas juntas, pois têm a mesma função, são basicamente orientadoras, e ambas proveem de verbos (*né* em sua estrutura de origem, possui oração com o verbo *ser*).

É curioso o fato de que encontramos um número muito expressivo, no que diz respeito à utilização do marcador *sabe*, por parte das mulheres (100) em comparação à utilização pelos homens (3), de maneira que o *corpus* revelou uma preferência das mulheres pela 3ª pessoa do presente do indicativo.

O contrário acontece com o marcador articulador *rapaz*. De acordo com o *corpus*, ratificamos a hipótese de que os homens, em sua maioria, utilizam mais esse marcador que as mulheres, assim como as mulheres utilizam mais que os homens o marcador *mulher*.

O marcador *sabe*, talvez pela própria função, basicamente orientador, possui a função fática de natureza interrogativa, como em:

Ex (185): “...*mas* a saúde é o que temos de mais importante...*sabe?*”

É o caso de *né* que apesar de ser bastante utilizado, não há uma explicação para uma possível motivação discursiva em especial. A função mais exercida no âmbito da interação é fática, geralmente produzida após enunciados declarativos. Vejamos um exemplo:

Ex (186): “...porque achava que estava em casa... *né?*”

E, por fim, quanto ao marcador discursivo *assim*, além de sua função reforçatória, já mencionada pelo linguista Oliveira Neto (1995), na norma popular de Fortaleza esse marcador é muito usado como clarificador, como podemos verificar no exemplo a seguir:

Ex (187): “...era uma pessoa *assim*... ótima mesmo...”.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa foi dividida em seis capítulos, e seu objetivo geral foi analisar a utilização dos marcadores discursivos mais recorrentes no discurso oral popular da cidade de Fortaleza, considerando os aspectos linguísticos (formais e funcionais), interacionais (relativos ao tipo de inquérito utilizado - *DID*) e sociais (sexo e tempo de escolaridade). Para tanto, dividimos a fundamentação teórica nos quatro primeiros capítulos, nos posicionando a respeito de nosso suporte teórico funcionalista e justificando a necessidade de dialogarmos com a Análise da Conversação.

Encontramos, então, 75 marcadores discursivos mais utilizados e traçamos suas respectivas propriedades identificadoras, levando em consideração a pesquisa de Risso, Siva e Urbano (2006). Dentre os encontrados, os mais recorrentes foram *ai* (2572), *né* (1785), *assim* (476), *então* (239), *rapaz* (229), *agora* (171), *mas* (135), *e* (131) e *sabe* (113).

Os que tiveram uma ocorrência considerada de média frequência de acordo com os traços que determinamos, ou seja, entre 0,5% a 1,5%, foram *pronto* (100), *ai pronto* (94), *certo* (92), *não é* (91), *não* (71), *mulher* (64), *tudinho* (61), *ai depois* (60), *ai é* (51), *mas ai* (46), *sei* (46) e *olha* (44).

E por fim aqueles que representam os marcadores menos frequentes na cidade de Fortaleza: *sim* (37), *viu* (36), *vixe* (36), *pois é* (35), *tudo* (35), *cara* (25), *ora* (24), *bem* (23), *daí* (21), *mas assim* (20), *nera* (19), *valha* (19), *pense* (18), *ave maria* (16), *tudim* (16), *sei lá* (15), *macho* (14), *minha filha* (14), *vixe Maria* (13), *acho* (11), *bom* (10), *menino* (8), *taí* (8), *nam* (7), *ixe* (7), *então pronto* (5), *depois* (5), *tipo* (05), *ai rapaz* (5), *tá entendendo* (4), *olhe* (4), *todim* (3), *eita* (3), *sabia* (3), *Ok* (3), *valha-me- deus* (2), *vêi* (2), *num é* (2), *ai era* (2), *tu é doido* (2), *mas ta ai* (1), *eita diabo* (1), *não é não* (1), *não rapaz* (1), *você veja* (1), *claro* (1), *diabo é isso* (1), *como é?* (1), *acredita* (1), *sabe como é* (1), *égua* (1), *não sabe* (1), *mas quando assim* (1).

Verificamos, também, um dado curioso que diz respeito à frequência desses marcadores discursivos: dos 75 encontrados, apenas 8 aparecem acima de 1,5%, o que não significa que não tenham como característica um padrão de recorrência alto, tendo em vista que, em 18 inquéritos, foram encontradas 7222 ocorrências, um número bastante expressivo.

Avaliamos, a partir da revisão da literatura e verificação da frequência, as propriedades apontadas que se confirmam como critérios mais definidores do estatuto dos

marcadores discursivos e chegamos à mesma conclusão das autoras Risso, Silva e Urbano (2006) de que os marcadores discursivos, como mecanismos verbais da enunciação, atuam no plano da organização textual-interativa, com funções normalmente distribuídas entre a orientação da interação ou articulação do segmento do discurso; operam no plano da atividade enunciativa e não no plano do conteúdo. Entretanto, asseguram a ancoragem pragmática desse conteúdo, ao definirem, entre outros pontos, a força ilocutória com que ele pode ser tomado, as atitudes assumidas em relação a ele, a checagem de atenção do ouvinte para a mensagem transmitida, a orientação que o falante imprime à natureza do elo sequencial entre as entidades textuais. Quando analisados do ponto de vista da integração sintática na estrutura oracional, os marcadores discursivos são unidades independentes, que, portanto, não se constituem como parte integrante dessa estrutura; são insuficientes para constituírem enunciados completos em si próprios, ou seja, são, do ponto de vista comunicativo, unidades não-autônomas, diferenciando-se, nesse ponto, mas não somente nele, das interjeições, dos vocativos, das palavras-frase; possuem pouca transparência semântica; podem aparecer em posição inicial, medial ou final e, por fim, são, comumente, formas fixas, pouco propensas a variações fonológicas, flexionais, ou de construção.

Vale lembrar que utilizamos como *corpus* apenas um tipo de inquérito, **DID**. No que diz respeito à variável interacional, em virtude da impossibilidade de utilizar os inquéritos **D2** e **EF**, ainda não transcritos na composição da amostra, percebemos que há um maior número dos marcadores discursivos com funções predominantemente articulatórias (articulação do segmento do discurso) do tipo sequenciador tópico (3993) do que basicamente orientador (2360).

Encontramos, também, uma diferença considerável entre as escolhas feitas pelos homens e pelas mulheres em relação aos marcadores utilizados, de forma que marcadores basicamente orientadores como **né** e **nera**, por exemplo, são consideravelmente mais utilizados pelos homens que pelas mulheres, que preferem a forma variante **não é**. Assim como percebemos uma escolha bastante expressiva da forma **sabe** por parte das mulheres, em relação aos homens, revelando a preferência delas pela 3ª pessoa do presente do indicativo. Em contrapartida, os homens preferiram utilizar o verbo **saber** na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (**sei**), em contraponto com as mulheres. Isso nos leva a concluir que o sexo é um fator que possivelmente condiciona a escolha, em Fortaleza, do marcador discursivo.

Outro fator investigado diz respeito ao tempo de escolaridade. Verificamos que, à medida em que aumenta o tempo de escolaridade, aumenta também a frequência de utilização, pelos falantes, dos marcadores *mas*, *então*, *tudinho*, *certo* e *sabe*, o que é inversamente proporcional para os marcadores *ora tudo*, *ave maria*, *agora*, *pois é*, *olha*, *vixe*, *pronto*, *minha filha*, *nera*, e *macho*, que, à medida em que aumenta o tempo de escolaridade, diminuem em frequência. Sendo assim, percebemos também que alguns marcadores são condicionados pelo tempo de escolaridade.

Finalmente, discorremos a respeito dos marcadores mais frequentes, já mencionados acima, levando em consideração algumas particularidades desses marcadores, como, por exemplo, as diferentes funções que os marcadores *aí*, *e* e *então*, desempenham no nível textual e conversacional, como sequenciadores temporais, introdutores de efeito, sequenciadores textuais e colaboradores nas trocas de turno entre os participantes da conversação, como sequenciadores ou introdutores de efeito/inferência, e comentamos a característica bastante marcante a respeito dos marcadores *então* e *agora*, no seu estatuto de marcador discursivo, como agentes de organização interna do texto. Enquanto o primeiro apresenta característica de remissão retroativa, o segundo faz o discurso avançar para uma situação sempre nova. Destacamos ainda a peculiaridade do marcador *mas*, no que tange à função que desempenha, por se tratar de um marcador de caráter bidirecional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M. L. *Contribuição à gramática do português falado: estudo dos marcadores conversacionais então, aí, daí*. Dissertação de Mestrado. PUC, São Paulo, 1990.

BROWN, P.; LEVINSON, S. Universals in language usage: politeness phenomena. In: GOODY, E. N. (ed.). *Questions and politeness strategies in social interaction*. Cambridge, Cambridge University Press, 1978, p 56-324.

CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects topics and point of view. In: Li (ed.). *Subject and topic*. Nova York: Academic Press, 1976.

_____ Cognitive constraints on information. In: TOMLIN, R. *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1987, p21-51.

DANES, F. On Prague school functionalism in linguistics. In: DIRVEN, R.; FRIED, V. (eds.). *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1987, p. 3-38.

DIK, S. ; HENGEVELD, K. *The hierarchical structure of the clause and the typology of perception: verb complements*. *Linguistics*, V.29, 1991.

DIK, S. *The theory of functional grammar*. Dordrecht: Foris, 1989.

_____ *The theory of functional grammar*. Dordrecht: Foris, 1997.

DILLINGER, M. Forma e função na lingüística. *DELTA*, V 7, n.1, 1991.

DU BOIS, J. The discourse basis of ergativity. *Language*, v.6, n.4, Baltimore, 1987, p 805-855.

DUQUE ESTRADA, M. P. *O marcador interativo né na fala urbana culta paraense. Dissertação de Mestrado.* UFPA, Belém, 1992.

FRASER, B. *An approach to discourse markers.* Journal of pragmatics. North-holland. 1987, p 383-395.

FREITAG, R. M. K., *Marcadores discursivos não são vícios de linguagem.* Interdisciplinas. V.4, n. 4- p.22-43- Jul/Dez de 2007.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar.* Amsterdam/Philadelphia: Jonh Benjamins Publishing Company, 1995.

_____. *Syntax: an introduction.* Amsterdam/Philadelphia: Jonh Benjamins, 2001. v.1.

GOFFMAN, E. *Interaction ritual: essays on face-to-face behavior.* Garden City, New York, 1967.

HALLIDAY, M. *An introduction to functional grammar.* Baltimores: Edward Arnold, 1985.

HENGEVELD, K. *The achitecture of a functional grammar.* Preliminary version. Amsterdam, 2000.

HENGEVELD, K; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar. A tipologically-based theory of language structure.* Oxford University Press. 2008.

_____ The architecture of a functional discourse grammar. In: GÓMES GOZÁLES, M. A.; MACHENZIE, J. L. *A new achitecture for functional grammar.* Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.

_____ *Morphosyntactic expression in functional grammar.* Berlin/New Work: Mouton de Gryter, 2005.

HOPPER, P. *Emergent grammar.* Berkeley Linguistic Society. V.13, 1987.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, v.56, Baltimore, 1980, p. 251-299.

KRESS, G.; FOWLER, R. Interviews. In: FOWLER, R. et alli (eds.). *Language and control*. London: Routled and Kegan Paul, 1979, p.46-80.

LEVISON, S. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge university Press. 1983.

MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções. In: *Português culto falado no Brasil*. Editora da UNICAMP: Campinas, 1989.

MARTELLOTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Tempo Brasileiro: UFRJ, Rio de Janeiro- RJ, 1996.

MARTIN ZORROQUINO, M. A; PORTOLÉS LÁZARO, J. Los marcadores discursivos. In: BOSQUE, I.; DEMEONTE, V. (orgs.). *Gramática descriptive del español*. Madrid, v.3, 1999, p.4051-213.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____ *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

NICHOLS, J. functional theories of grammar. *Annual Review of Anthropology*, v. 43, 1984, p. 97-117.

NOGUEIRA, M. T. Considerações sobre o funcionalismo lingüístico: principais vertentes. In: FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). *Anais do X Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática*. Lingüística Funcional: a interface linguagem e ensino. EDUFRN. Editora da URFN, Natal, 2006.

OLIVEIRA NETO, J. N. *O uso dos marcadores conversacionais na fala dos canoeiros do ver-o-peso: um estudo do né, aí, assim*. Tese de Doutorado. PUC/SP: São Paulo, 1995.

PAWLET, A. *Orientation signals*. Dep. de Lingüística da Universidade do Hawái (cópia xerografada), 1973a.

_____. *Traffic signals in conversation*. Dep. de Lingüística da Universidade do Hawaí (cópia xerografada), 1973b.

PRETI, D. Apresentação. In: CASTILHO, A. T.; PRETI, D. (orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. Vol II – Diálogo entre dois informantes. T.A. Queiroz/FAPESP, 1987.

RISSE, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, S.; KOCH, I. V. (orgs.) *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. V.1. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2006, p.403-25.

ROULET, E. *et alli*. *L'articulation du discours en français contemporain*. Berne, Peter Lang, 1985.

SAID ALI, M. *Meios de expressão e alterações semânticas*. São Paulo: Francisco Alves, 1930.

SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge, Cambridge University Press, 1987.

SCHOURUP, L. *Common discourse particles in English conversation: like, well,y'know*. New York: Garland, 1985.

TAVARES, M. A. *A Gramaticalização de e, aí, daí, e então: estratificação/variação no domínio funcional da seqüenciação retroativo- propulsora de informações - um estudo socio-funcionalista*. Tese de Doutorado. Florianópolis, 2003.

TRAUGOTT, E. C. *The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticlization*. Department of Linguistics, Stanford University- Manchester, 1995.

THOMPSON, S. That-Deletion from a discourse perspective. *Berkeley Linguistic Science*, v.13, 1987.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: PRETI, D. *et alli*. *Análise de textos orais*. FFLCH/USP: São Paulo, 1993.